



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIA BEATRIZ CARVALHO DEVIDES

**A VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS  
MULHERES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA  
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

---

Londrina  
2018

MARIA BEATRIZ CARVALHO DEVIDES

**A VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS  
MULHERES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA  
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para qualificação no programa.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo

Londrina  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Devides, Maria Beatriz Carvalho.

A violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental / Maria Beatriz Carvalho Devides. - Londrina, 2018.  
130 f.

Orientador: Alex Eduardo Gallo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Análise do comportamento - Tese. 2. Transexualidade - Tese. 3. Violência - Tese. 4. Cultura - Tese. I. Gallo, Alex Eduardo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

MARIA BEATRIZ CARVALHO DEVIDES

**A VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS MULHERES  
A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICO-  
COMPORTAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento. Área de concentração: Análise do Comportamento.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Camila Muchon de Melo  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Mary Neide Damico Figueiró  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 05 de Setembro de 2018

Dedico este trabalho à memória de todas as travestis e transexuais que tiveram suas vidas tomadas por causa da intolerância.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Gregório e Maria Tereza, por todo incentivo, apoio e suporte, sem medir esforços para que eu pudesse fazer minhas próprias escolhas e correr atrás dos meus sonhos. Aos meus irmãos, Maria Laura, Paulo Gregório e Maria Izabel, por serem minha base de apoio, de carinho e por sempre se preocuparem comigo e torcerem por mim. Ao meu marido e companheiro por quase 11 anos, Fernando, que se casou comigo no meio do mestrado, me deu suporte e aguentou todas as minhas angústias e alegrias desde antes do vestibular até agora. Aos meus sogros Fernando e Rosani e cunhados Luciana e José que são minha segunda família e me deram muito apoio na minha caminhada.

Ao meu orientador, professor Alex Gallo, não só pela orientação neste trabalho e em toda a caminhada do mestrado, mas sobretudo por me acolher tão bem como sua orientanda e por ter me permitido trabalhar com o tema que escolhi, que gosto, por não me pressionar, me incentivar e sempre responder prontamente às minhas dúvidas e inseguranças no decorrer deste processo. Muito obrigada!

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da UEL, por contribuírem tanto para o meu crescimento enquanto analista do comportamento e pesquisadora. Em especial às professoras Silvia Fornazari, que me acompanha desde a graduação e Camila Munchon, que deram importantes contribuições como membros da minha banca da disciplina de Projetos. Além de um agradecimento extra a professora Camila, por também ter participado da minha banca de Qualificação juntamente com a professora Luana Molina, meu muito obrigada à atenção e considerações que fizeram para o desenvolvimento do meu trabalho.

Às professoras Maria Rita Zoega, Josy Moriyama e Cassiana Versoza que juntamente com a psicóloga clínica Ana Cláudia Paranzini avaliaram o roteiro de entrevista semi-estruturada que desenvolvi neste trabalho, como juízas com experiência em clínica, obrigada pela disponibilidade e por terem me guiado com suas correções relevantes e considerações importantíssimas. À professora que também faz parte da minha família agora, Doralice Gorni que me ajudou na etapa final com correções e apontamentos, pela disponibilidade e atenção! Obrigada!

Agradeço também a professora Mary Neide Figueiró e a Manuela Périgola, que por meio do GEES me fizeram entrar mais em contato com a área da sexualidade, que descobri ser minha paixão. E graças à elas que convidaram a Melissa Campos, musa inspiradora deste trabalho, pude direcionar meu tema de mestrado. À Mel, um agradecimento extra especial que

porque além de musa, me ajudou a recrutar participantes e me confiou sua história. Obrigada a querida Linaê Melo que de braços abertos também me ajudou a recrutar participantes para desenvolver esta pesquisa e me relatou vivências tão significativas.

Aos amigos que fiz no mestrado, Fábio de Souza, Greicy dos Anjos, Marcela Ortolan, Mariana Batista, Allan Patrick, Steffany Louíse e Thiago Campoli pela companhia animada, pela parceria e por dividirem angústias e conselhos. Obrigada!

Às minhas amigas que tive o prazer de conhecer durante a graduação e que me acompanham até hoje: Vanessa Santiago, Mariana Strauss, Mariana Proença, Giuliana Inocente, Rafaela Biz e Melissa Sato, pela companhia, apoio e torcida, sem contar o carinho, a amizade, e por estarem sempre comigo! E que seja sempre assim! Muito obrigada, meninas!

Sou muito agradecida por estar rodeada de pessoas incríveis que sempre me incentivam a crescer mais e mais, profissionalmente e pessoalmente. Afinal, não seria possível sozinha, o trabalho em conjunto faz a jornada ser muito mais rica, interessante e feliz. Muito obrigada!

“Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação.”

B. F. Skinner



DEVIDES, Maria Beatriz Carvalho. **A violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental.** 130 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## RESUMO

A sexualidade têm sido assunto de tensão no mundo, grupos LGBTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexuais) estão buscando garantia de direitos sociais e criação de políticas públicas para combater a violência. Dentro desta população, travestis e transexuais, são as mais expostas às situações de violência e vulnerabilidade. O presente trabalho coloca em pauta o estudo da violência contra travestis e transexuais e espera ampliar o debate entre a Análise do Comportamento e questões sociais contemporâneas. O trabalho está dividido em duas partes, compostas por propostas de artigos científicos a serem submetidos à publicação. No primeiro artigo buscou-se caracterizar o processo de construção da identidade trans, incluindo variáveis que compõem o modo como se estabelece a estigmatização e discriminação dessa população pela sociedade, de acordo com a Análise do Comportamento. Para isso, foi preciso esclarecer as concepções de sexo biológico, expressão de gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Foi utilizada a abordagem Análise do Comportamento, que diferente da Psiquiatria, não está preocupada com classificações patológicas, e sim com a função que tais comportamentos adquirem na relação indivíduo-ambiente. Foi descrito como os indivíduos aprendem sobre sua personalidade e sentimentos e como a cultura influencia nesta questão, por meio do comportamento verbal. Foi identificado também o papel da agência controladora Mídia, onde práticas culturais são disseminadas, sendo um meio de produção de conhecimento sobre sexualidade. A pornografia é o espaço midiático do sexo e comumente tem conteúdos violentos e enuncia valores misóginos. O Brasil é o país que mais consome pornografia trans no mundo e também é o que mais mata essa população. Como a transfobia é uma das facetas do preconceito, foram descritas também ferramentas que a Análise Experimental do Comportamento tem utilizado para investigar atitudes preconceituosas e processos simbólicos culturais. O segundo artigo buscou identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de seus relatos. Participaram do estudo 4 pessoas nascidas com o sexo masculino, sendo que 3 se consideraram transexuais mulheres e 1 travesti, com idade superior a 18 anos, do interior do Paraná. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas logo após. As transcrições foram categorizadas de forma não-apriorística e correlacionadas com a teoria da Análise do Comportamento. As participantes relataram sobre suas vidas sociais, sobre o processo de se compreender como travesti ou transexual e sobre situações de violências sofridas. A partir dos relatos foram identificadas seis categorias: Estímulo aversivo; Possíveis reforçadores Sociais; Eventos privados; Comportamento Simbólico; Paradigma das Relações Conflitantes; e Agências de Controle. Foi constatado que por terem passado por diversas situações de violências, desenvolveram repertório comportamental de fuga, esquiva e subprodutos emocionais como medo, ansiedade, estresse, baixa autoestima e depressão. Identificou-se que certas práticas culturais como a falta de contato com diferentes vivências de gênero, falta de educação sexual, a disseminação de padrões heteronormativos baseados em educação religiosa rígida, a falta de leis que garantam segurança para esta população, são fatores contribuem para a estigmatização, isolamento e vulnerabilidade da população trans.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Transexualidade. Análise do Comportamento. Cultura, violência de gênero.

DEVIDES, Maria Beatriz Carvalho. **The violence against transvestites and transsexuals woman from an analytical-behavioral perspective.** 2018. 130 p. Dissertation (Masters Degree in Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## ABSTRACT

Sexuality has been a subject of tension in the world, LGBT groups (Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Transvestite and Intersex) are seeking to guarantee social rights and create public policies to combat violence. Within this population, transvestites and transsexuals are the most exposed to situations of violence and vulnerability. The present work addresses the study of violence against transvestites and transsexuals and hopes to broaden the debate between Behavior Analysis and contemporary social issues. The paper is divided into two parts, composed of proposals for scientific articles to be submitted for publication. In the first article we attempted to characterize the process of construction of the trans identity, including variables that make up the stigmatization and discrimination of this population by society, according to the Behavior Analysis. Therefore, it was necessary to clarify the conceptions of biological sex, gender expression, gender identity and sexual orientation. The Behavior Analysis approach, which, unlike Psychiatry, is not concerned with pathological classifications, but with the function that these behaviors acquire in the individual-environment relationship. It has been described how individuals learn about their personality and feelings and how culture influences this issue through verbal behavior. The role of the media agency was also identified, where cultural practices are disseminated and a means of producing knowledge about sexuality. Pornography is the media space of sex and commonly has violent content and spells misogynistic values. Brazil is the country that consumes the most trans pornography in the world and is also the one that kills this population the most. As transphobia is one of the facets of prejudice, tools have also been described that the Experimental Analysis of Behavior has used to investigate biased attitudes and cultural symbolic processes. The second article sought to identify the perpetuating contingencies of violence against transvestites and transsexual women from their reports. The study included 4 people born with the male gender that 3 are considered transsexual women and 1 transvestite, aged over 18 years, from the interior of Paraná. Semi-structured interviews were recorded and transcribed shortly after. The transcripts were categorized non-a priori and correlated with the Behavior Analysis theory. Participants reported on their social lives, the process of understanding themselves as transvestites or transsexuals, and about situations of violence they have experienced. Six categories were identified from the reports: Aversive stimulus; Possible Social reinforcers; Private events; Symbolic Behavior; Conflicting relations paradigm (CRP); and Control Agencies. It was verified that because they had gone through various situations of violence, they developed a behavioral repertoire of escape, avoidance and emotional byproducts such as fear, anxiety, stress, low self-esteem and depression. It was identified that certain cultural practices such as the lack of contact with different gender experiences, lack of sex education, the dissemination of heteronormative patterns based on rigid religious education, and the lack of laws that guarantee safety for this population are factors that contribute to the stigmatization, isolation and vulnerability of the trans population.

**Keywords:** Sexuality. Transsexuality. Behavior Analysis. Culture. Gender violence.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1 – Perfil das participantes .....</b>	<b>59</b>
<b>TABELA 2 – Dados da vida familiar das participantes e de tipos de violência sofridas.....</b>	<b>60</b>

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	12
<b>Referências</b> .....	15
<b>Artigo 1 – Uma interpretação analítico-comportamental sobre o processo de construção da identidade trans</b> .....	16
<b>Introdução</b> .....	20
<b>1. Diversidade: termos e conceitos</b> .....	21
<b>2. Análise do comportamento: entendendo o fenômeno sobre outra perspectiva</b> .....	27
<b>3. Agência de Controle: Mídia</b> .....	34
<b>4. Ferramentas para investigação de atitudes preconceituosas</b> .....	37
<b>5. Considerações finais</b> .....	40
<b>Referências</b> .....	42
<b>Artigo 2 – Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental</b> .....	49
<b>Método</b> .....	56
<b>Participantes</b> .....	56
<b>Instrumentos</b> .....	56
<b>Local de coleta de dados</b> .....	56
<b>Procedimento</b> .....	56
<b>Forma de análise dos dados</b> .....	58
<b>Resultados e Discussão</b> .....	59
<b>1. Estímulo Aversivo</b> .....	61
<b>2. Possíveis Reforçadores Sociais</b> .....	81
<b>3. Eventos Privados</b> .....	91
<b>4. Comportamento Simbólico</b> .....	102
<b>5. Paradigma das Relações Conflitantes (CRP)</b> .....	107
<b>6. Agências de Controle</b> .....	109
<b>Conclusão</b> .....	121
<b>Referências</b> .....	124
<b>Apêndice A</b> .....	128
<b>Apêndice B</b> .....	129

## **Apresentação**

A sexualidade tem sido um assunto de tensão no mundo ocidental e ultimamente é visto de maneira dicotomizada. De um lado encontram-se grupos que buscam representatividade e lutam por garantir os direitos já consolidados para a população LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais), colaborando para criação de políticas públicas para combater a violência. De outro, grupos que não aceitam a consolidação de tais direitos e insistem em tentativas de revogação de tais conquistas (Bonassi, Amaral, Toneli, & Queiroz, 2015).

Dentro da população LGBTTI, as pessoas travestis e transexuais (chamadas neste estudo por população “trans”), embora em menor número, são aquelas em que os dados apontam como estando mais expostas às situações de violência e vulnerabilidade. Apesar da importância social e da crescente tensão mundial, foi apenas nos anos 2000 que estudos sobre a categoria “trans” passaram a ter maior visibilidade e despontam como temática central em pesquisas brasileiras, possivelmente por conta da crescente militância LGBT em relação às reivindicações das travestis (Guimarães, Meneghel, Guaranha, Barnart, Simões, & Quevedo, 2013).

Encontra-se na literatura que a maioria dos estudos sobre a população trans demonstra preocupação com temas relacionados ao HIV/AIDS, e também sobre a construção da identidade travesti/transsexual. Os trabalhos acadêmicos de forma geral estão interessados em estabelecer um perfil identitário das “trans”, incluindo apontamentos dos “perigos inerentes” às suas condutas e comportamentos (Guimarães et al., 2013). Apesar de mencionadas nesses trabalhos, as violências sofridas pelas travestis e transexuais ainda não encontraram visibilidade suficiente para que se traduzam em dados que possam subsidiar políticas de enfrentamento (Amaral et al., 2014).

Os atos de violência (verbais, físicos, sexuais ou institucionais) demonstram que não se configuram como episódios pontuais, mas acontecem múltiplas vezes durante a vida dos indivíduos da população trans (Stotzer, 2009). A dificuldade de aceitação e a violência contra a identidade das pessoas transexuais explicitam a compreensão histórica e cultural sobre o gênero e a sexualidade (Bonassi, Amaral, Toneli, & Queiroz, 2015).

O presente trabalho coloca em pauta o estudo da violência contra travestis e transexuais. Com isso, espera-se ampliar o debate entre a Análise do Comportamento e questões sociais contemporâneas. A violência contra esta população se configura como uma das facetas da violência de gênero, tema de grande discussão nos dias atuais, e que necessita mais conhecimento científico para dar suporte a futuras intervenções na área.

O interesse da autora sobre esse tema se deu a partir do contato com uma transexual militante de Londrina em um encontro durante um curso de Educação Sexual que estava participando. Escutar o relato de dezenas de situações de violência sofridas por ela, além de comovente, foi um marco para que a autora quisesse estudar mais sobre as variáveis que envolvem esse tipo de situação. A autora também quis utilizar seu privilégio de participar do mundo acadêmico para dar voz a essa população que, na maioria das vezes, não tem oportunidade de participar desse meio.

Foi então, nesse contexto a decisão de estudar sobre o tema sob a orientação do Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo que tem se dedicado a estudar diferentes tipos de violência, tendo orientado trabalhos voltados ao tema da homofobia, violência sexual e de gênero. O trabalho, resultado dessa parceria, está constituído de dois artigos: “Uma interpretação analítico-comportamental sobre o processo de construção da identidade trans” e “Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental”.

No primeiro artigo buscou-se caracterizar o processo de construção da identidade trans, incluindo variáveis que compõem o modo como se estabelece a estigmatização e discriminação dessa população pela sociedade, de acordo com a Análise do Comportamento e no segundo artigo buscou-se identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de seus relatos.

O desejo dos autores é que este trabalho amplie a discussão entre a Análise do Comportamento e questões contemporâneas, como a sexualidade e ainda coletar dados que possam contribuir para o desenvolvimento de políticas de enfrentamento contra a violência de gênero.

### Referências

- Amaral, M. S., Silva, T. C., Cruz, K. O., & Toneli, M. J. F. (2014). “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 301-311.
- Bonassi, B. C., Amaral, M. S., Toneli, M. J. F., & Queiroz, M. A. (2015). Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. *Quaderns de Psicologia*, 17(3), 83-98.
- Guimarães, C., Meneghel, S., Guaranha, C., Barnart, F., Simões, I., & Queve-do, J. (2013). Assassinatos de Travestis e Transexuais no Rio Grande do Sul: crimes pautados em gênero?. *Athenea Digital*, 13(2), 219-227.
- Stotzer, R. L. (2009). Violence against transgender people: A review of United States data. *Aggression and Violent Behavior*, 14(3), 170-179.



**Artigo 1**

**Uma interpretação analítico-comportamental sobre o processo de construção da  
identidade trans**

**An analytical-behavioral interpretation of the trans-identity construction process**

Devides, M. B. C. & Gallo, A. E.

Universidade Estadual de Londrina (Brasil)

Programa de Mestrado em Análise do Comportamento 2016

DEVIDES, M. B. C. & GALLO, A. E. (2018) *Uma interpretação analítico-comportamental sobre o processo de construção da identidade trans*. Programa de Mestrado em Análise do Comportamento. Universidade Estadual de Londrina, Londrina - Paraná

### **Resumo**

A sexualidade humana é considerada complexa e é modelada por normas sociais, morais, religiosas e jurídicas, que influenciam a compreensão pessoal dos próprios sentimentos e das relações sócio-afetivas. Neste artigo foram esclarecidas as concepções de sexo biológico, expressão de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, para falar de diversidade sexual. O presente estudo focou na identidade de gênero, travesti e transexual mulher, pois são as mais expostas às situações de violência e vulnerabilidade e buscou uma nova leitura sobre o processo de construção da identidade trans. Foi utilizada a abordagem Análise do Comportamento, que diferente da Psiquiatria, não está preocupada com classificações patológicas, e sim com a função que tais comportamentos adquirem na relação indivíduo-ambiente. Para isso, foi exposto como as pessoas aprendem sobre sua personalidade e sentimentos e como a cultura influencia nesta questão, por meio do comportamento verbal. Foi identificado também o papel da agência controladora Mídia, em que práticas culturais são disseminadas, sendo um meio de produção de conhecimento sobre sexualidade. A pornografia é o espaço midiático do sexo e comumente tem conteúdos violentos e enuncia valores misóginos. O Brasil é o país que mais consome pornografia trans no mundo e também é o que mais mata essa população. Como a transfobia é uma das facetas do preconceito, foram descritas também ferramentas que a Análise Experimental do Comportamento tem utilizado para investigar atitudes preconceituosas e processos simbólicos culturais.

*Palavras chave:* diversidade sexual, transexualidade, Análise do Comportamento, cultura.

### **Abstract**

Human sexuality is considered complex and shaped by social, moral, religious and legal norms, which influence the personal understanding of one's feelings and socio-affective relations. In this article the conceptions of biological sex, gender expression, gender identity and sexual orientation were clarified to talk about sexual diversity. The present study focused on the identity of gender, transvestite and transsexual woman, since they are the most exposed to situations of violence and vulnerability and sought a new reading on the process of construction of trans identity. The Behavior Analysis approach, which, unlike Psychiatry, is not concerned about pathological classifications, focuses on the function these behaviors acquire in the individual-environment relationship. For this purpose, was exposed how people learn about their personality and feelings and how culture influences this issue through verbal behavior. The role of the media as a control agency was also identified, where cultural practices are disseminated and a means of producing knowledge about sexuality. Pornography is the media space of sex and commonly has violent content and spells misogynistic values. Brazil is the country that consumes the most trans pornography in the world and is also the one that kills this population the most. As transphobia is one of the

facets of prejudice, tools have also been described that the Experimental Analysis of Behavior has used to investigate biased attitudes and cultural symbolic processes.

*Keywords:* sexual diversity, transsexuality, Behavior Analysis, culture.

Inconfortável  
Inocência  
Desprotege  
Não vê, não percebe  
Descobre-se estranho  
Pelo outro  
E dói  
Ver em outros olhos  
Sua caricatura  
Quem entenderia  
Tamanha loucura  
Acreditar ser  
O que realmente se quer ser  
Não lhe o que está (im)posto  
Pois, se desperta desgosto  
Melhor  
Pois sigo do lado oposto

*Virgínia Guitzel<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Virgínia Guitzel é travesti e militante do grupo de mulheres Pão e Rosas, tem 24 anos, estudou dois anos de Ciências Sociais na Fundação Santo André . Trabalha há 5 anos na área da saúde mental em São Bernardo do Campo numa República Terapêutica para usuários de álcool e outras drogas, é também colunista da Seção Gênero e Sexualidade do Esquerda Diário.

## Introdução

A sexualidade humana é considerada um fenômeno complexo, sendo uma concepção mais ampla do que o sexo biológico ou o ato sexual, entende-se que seu conceito está vinculado com as características biológicas do ser humano, mas não só. A percepção e a apresentação pública da sexualidade são modeladas por normas sociais, morais, religiosas e jurídicas, que influenciam o desenvolvimento e a compreensão pessoal dos próprios sentimentos e das relações afetivas com outras pessoas (Cunha, 2015).

Os comportamentos, as vestimentas e o modo de interagir de maneira masculina, feminina ou andrógina (que não apresenta características marcadamente femininas nem masculinas) são modos de se comportar publicamente de acordo com as percepções da própria sexualidade, a isso se dá o nome de “expressão de gênero”. Gênero é a classificação dos organismos de acordo com suas características, baseadas em papéis socialmente construídos, representados por padrões de comportamento definidos por meio da prática cultural em que as pessoas vivem (Arán, 2006; Bento, & Pelúcio, 2012; Pedrosa, 2009; Rodrigues, 2007).

A noção de “identidade de gênero” refere-se à percepção que o indivíduo tem de si mesmo como mulher ou homem (Pedrosa, 2009). Esta é uma definição baseada em uma lógica binária<sup>2</sup> dos sexos, qualificando o sujeito como feminino ou masculino a partir do nascimento. Tal condição o acompanhará pelo resto de sua vida social e jurídica, modelando suas práticas sexuais e maneiras de perceber-se e comportar-se, que serão reforçadas ou punidas socialmente (Figueiredo, 2013; Pino, 2007; Santos, & Almeida, 2015). Segundo Jesus, 2012, p. 8:

---

<sup>2</sup> O binário de gênero é a classificação do sexo e do gênero em duas formas distintas, opostas e desconectadas de masculino e feminino; homem e mulher. É um dos tipos gerais de sistemas de gênero.

a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social. Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

De acordo com a identidade de gênero, são chamadas de cisgênero (“cis”), aquelas pessoas que se identificam com o gênero que lhes fora atribuído ao nascimento, e não-cisgênero, transgênero, transexuais ou “trans”, aquelas que não se identificam com o gênero que lhes fora atribuído ao nascer (Jesus, 2012). O sexo biológico, a identidade de gênero e a expressão de gênero são categorias independentes umas das outras, assim como “orientação sexual”, que refere-se à atração afetivo-sexual por alguém. Por exemplo, uma pessoa com sexo biológico feminino, que se considere do gênero feminino (mulher) e tenha orientação sexual heterossexual (atração pelo gênero oposto, no caso, por homens), é reconhecida como “mulher heterossexual”. Assim como uma alguém nascido com sexo biológico masculino, que se considere do gênero feminino (mulher) e tenha orientação sexual heterossexual (atração pelo gênero oposto, no caso, homens), também é reconhecida como “mulher heterossexual”. Ou seja, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas (Jesus, 2012).

### **1. Diversidade: termos e conceitos**

Como visto, há diversas maneiras de experienciar a sexualidade, e a isso se dá o nome de diversidade sexual. A sigla LGBT, utilizada diariamente para retratar a população que

representa a diversidade sexual, é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Os três primeiros termos são referentes à orientação sexual e os dois últimos à identidade de gênero (representados apenas por uma letra T). Há também quem utilize a sigla LGBTTI, incluindo a população Intersex, termo utilizado quando pessoas nascem com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que não se encaixam nas definições biológicas de masculino e feminino. A genitália indefinida ou ambígua é uma das ocorrências de maior frequência entre a população Intersex, porém também encontram-se casos em que a pessoa nasce com a genitália que representa um dos sexos, mas não é considerada ideal pelo seu formato, tamanho e outras características. Há também pessoas que são consideradas Intersex por nascerem com mosaicos genéticos, ou seja, com variação do número de cromossomos nas células do corpo (ex. XXY). Vale ressaltar que nem sempre a intersexualidade está relacionada ao nascimento, algumas vezes pode-se manifestar na adolescência, com o desenvolvimento de caracteres secundários de cada sexo, como na síndrome de Klinefelter (Jesus, 2012; Pino, 2007).

Encontram-se também referências que utilizam a sigla LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuais), que acrescentam o termo “*Queer*”, ainda não consensual, que denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero, está relacionado à categoria identidade de gênero. E “Assexuais”, palavra que representa pessoas que não sentem atração afetivo-sexual por nenhum dos gêneros, sendo um termo relacionado à categoria orientação sexual (Jesus, 2012).

Essas classificações são críticas para a constituição das identidades sociais, contudo é importante ressaltar que não existem limites entre masculinidade e feminilidade, o que se revela são tentativas de determinados grupos ou discursos em adequar uma situação a alguma das categorias criadas, que variam de grupo para grupo buscando legitimidade e

reconhecimento (Carvalho, & Leite, 2012). Trataremos no presente estudo mais especificamente sobre travestis e mulheres transexuais, portanto, é necessário diferenciar ainda, as vivências classificadas pelos termos: Transgênero, Transexuais, Travestis, *Drag Queen* e *Crossdresser*.

Transgenerismo pode ser definido como a quebra dos papéis de gênero e identidade de gênero, fora das definições heteronormativas<sup>3</sup> tradicionais (Nagoshi, & Brzuzy, 2010). Originário da militância internacional, na década de 90, o termo “transgênero” tornou-se abrangente no exterior para identificar variadas identidades e estilos de vida, porém há uma preocupação de que as vozes transexuais e travestis sejam silenciadas ou apagadas sob o “guarda-chuva” do termo transgênero (Hines, 2006; Lombardi, 2009; Nagoshi, & Brzuzy, 2010).

No Brasil, ainda não há consenso sobre quais pessoas o termo transgênero representa (Jesus, 2012). Muitos consideram que esta seja uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais, pois invisibilizaria a luta pela legitimidade das mesmas, que foi demarcada por grupos ativistas sendo de grande importância para a história da diversidade sexual brasileira (Carvalho, & Carrara, 2013). Consideram também que o termo transgênero pode representar as pessoas que vivem nas “fronteiras” entre os gêneros, que creem na fluidez e na maleabilidade da identidade de gênero, tendo pouca ou nenhuma intenção de intervenções hormonais, implantes ou cirurgias de redesignação de sexo (Hines, 2006; Nagoshi, & Brzuzy, 2010; Prosser, 1998).

O termo *Crossdresser*, relativamente novo, surgiu para referir-se a homens heterossexuais, comumente casados, que se identificam com o gênero masculino, porém sentem prazer ao se vestirem como mulheres e vivenciarem diferentes papéis de gênero. Já as

---

<sup>3</sup> Heteronormatividade é o termo que representa uma sociedade que organiza suas práticas a partir do modelo cisgênero e relações heterossexuais



*Drag Queen* são artistas que fazem o uso da feminilidade exacerbada e estereotipada, vivenciam a inversão de gênero como entretenimento e espetáculo. Nota-se que em ambos os casos o auto-reconhecimento de suas identidades vai de acordo com o que lhes fora proposto ao nascimento (Jesus, 2012).

Travestis são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, comumente não se reconhecem como mulheres ou homens pela lógica binária, mas como parte de um terceiro gênero, geralmente estão em conformidade com seu órgão sexual masculino e o consideram fonte de prazer (Silveira, 2006). Ao falar sobre travesti, é importante destacar a luta política de legitimidade da categoria no Brasil, o que ajuda entender o porquê não aceitam termos abrangentes como transgênero e por terem dado abertura mais tarde para que as pessoas transexuais pudessem ter reconhecimento também.

No início da década de 1960 o termo “travesti” ainda não representava uma categoria identitária, referia-se usualmente aos homossexuais que apareciam “em travesti” (com vestimentas e características ditas femininas) no carnaval, em bailes e em clubes gay. Na década de 1970, as travestis passaram não só a aparecer em clubes fechados como também nas calçadas das capitais, havendo um aumento da prostituição e da visibilidade estigmatizada da categoria. Foi por meio do movimento homossexual, que apesar de discriminarem as travestis porque não queriam associar o estigma da efeminação ao movimento, que as travestis surgem como uma identidade e como sujeitos políticos, na década de 1980 (Carvalho, & Carrara, 2013; Green, 2000).

No início dos anos 1990, organizações propriamente ativistas das travestis surgiram no Brasil, por meio do movimento homossexual de luta contra a epidemia da AIDS e em resposta à violência policial nos locais de prostituição, pois muitas vezes eram presas injustamente. Demarcado por vários embates políticos, nas ruas, em associações e encontros, as travestis foram ganhando legitimidade, seu espaço e a inclusão da letra T na sigla do

coletivo GLT (hoje em dia conhecido como LGBT e variações, como já mencionado) (Carvalho, & Carrara, 2013).

A bandeira do arco-íris, símbolo da diversidade sexual, inclui pessoas com experiências sociais, econômicas, culturais muito diferentes entre si e também com demandas muito diferentes. As travestis, e as transexuais (incluídas posteriormente) foram entendendo que esses fatores impediam a aproximação política de tais grupos, pois foram excluídas várias vezes de decisões políticas do coletivo, que normalmente era representado por gays. Neste contexto, surge no ano 2000, um coletivo somente desta categoria, a Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que até junho de 2018, contava com 127 instituições afiliadas, configurando-se como a maior rede de travestis e transexuais da América Latina (Articulação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018; Carvalho, & Carrara, 2013).

Diferente das travestis, as mulheres transexuais<sup>4</sup> são pessoas nascidas com o órgão sexual masculino, que se consideram mulheres, do gênero feminino e que comumente sentem repulsa pelo próprio órgão sexual, se auto-reconhecem de maneira oposta ao que lhe fora atribuída ao nascimento, e muitas vezes buscam intervenções hormonais e cirúrgicas para se parecerem fisicamente com o gênero ao qual se identificam (Silveira, 2006).

Por sua vez, surgiu recentemente, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, o debate público sobre a transexualidade e a alternativa de construção da categoria “transexual” como uma identidade diferente da de “travesti”. O movimento das transexuais surgiu a partir do movimento de travestis, buscando esclarecer o “fenômeno da transexualidade”, com caráter mais didático e demandando políticas de acesso à saúde, às tecnologias médicas para a transformação corporal (Carvalho, & Carrara, 2013).

---

<sup>4</sup> Importante ressaltar que também existem homens transexuais, que são pessoas nascidas com o órgão sexual feminino que se consideram homens, porém neste artigo foi dado foco na população de mulheres transexuais por serem juntamente com as travestis as mais expostas a situações de violência e vulnerabilidade.

É apontado que o processo de construção da identidade de travestis e transexuais pode ser muito parecido, pois ambas em vários casos buscam próteses mamárias, hormonioterapia, redução do pomo-de-adão, diferenciando-se geralmente pela cirurgia de redesignação de sexo. Contudo, a demanda pela reconstrução do discurso médico-psiquiátrico, no sentido de despatologização, sobre transexualidade realizada pela militância dessa categoria explicita a diferenciação de suas experiências em relação àquelas vividas por travestis (Carvalho, & Carrara, 2013).

Para a Psiquiatria, a transexualidade é considerada, segundo o DSM-5 “Disforia de Gênero” (nome modificado em 2013, no DSM-IV-TR era nomeado de “Transtorno de Identidade de Gênero”), classificada pela incongruência entre o gênero de nascimento e expressado por meio dos comportamentos do indivíduo. Especificam que tal incongruência vem acompanhada de angústias, do sentimento de inadequação, e do desejo de viver e ser aceito como pessoa do gênero oposto (Associação Americana de Psiquiatria, 2013; Bento, 2016). Vale ressaltar que o DSM é um documento de extrema influência para definir parâmetros de acesso às cirurgias de transgenitalização e hormonioterapia, ou até mesmo mudanças legais nos documentos pessoais (Bento, 2016).

Estudos médicos apontaram possíveis influências biológicas sobre a identidade de gênero transexual, quanto à participação da genética, dos hormônios ou do desenvolvimento anatômico do cérebro, entretanto se mostraram inconclusivos (Spizzirri, 2015; Zhou, Hofman, Gooren & Swaab, 1995). A patologização dos comportamentos que diferem da heteronormatividade pela Medicina podem ser explicadas pela influência das normas de gênero, desenvolvidas socialmente, que contribuem para a formação do parecer médico sobre qual nível de masculinidade ou feminilidade é considerado “normal” ou “saudável” (Bento, & Pelúcio, 2012; Pino, 2007).

Apesar do DSM-5 ter modificado o nome da categoria psiquiátrica e acrescentado fatores sociais como parte do sofrimento dessa população, fazendo com que muitos acreditem que houve uma despatologização da identidade trans, a transexualidade e a travestilidade continuam sendo uma categoria diagnóstica psiquiátrica. Bento (2016), por meio de análise documental e análise de discurso, buscou sistematizar os dados dos membros do Grupo de Trabalho e dos consultores que fizeram a revisão do DSM-5 para entender em que embasaram a atualização desta classificação. A autora constatou que houve uma predominância de 90% de cientistas das áreas da Biomedicina e Psiquiatria, em sua maioria norte americanos, houve repetição de autores citados em que os próprios membros participantes citaram por vezes uns aos outros e também houve “desinteresse” em pesquisas etnográficas ou aproximação com outros contextos culturais e significados de expressões de gênero. Em suas palavras: “*O texto está completamente atravessado pelas marcas culturais de seus formuladores, traz as assinaturas culturais de sua origem e não as perde em nenhum momento*” (Bento, 2016, p. 500 e 501), sendo um equívoco utilizar o Manual no contexto brasileiro, e também por gênero ser uma categoria cultural, tendo diferenças e singularidades de cada contexto local.

Dessa forma, buscando uma nova releitura sobre o fenômeno, este artigo tem como objetivo identificar o processo de construção da identidade trans de acordo com a Análise do Comportamento.

## **2. Análise do comportamento: entendendo o fenômeno sobre outra perspectiva**

Foi utilizado no presente artigo o ponto de vista da ciência Análise do Comportamento, que não está preocupada em classificar vivências, ou seja, não considera que a classificação e a descrição dos comportamentos psicopatológicos seja o mais importante sobre o fenômeno, mas sim, a função que tais comportamentos adquirem na relação do indivíduo com seu ambiente. Enquanto na psiquiatria há uma preocupação em

identificar o que é “normal” ou “anormal” nos comportamentos, a Análise do Comportamento busca descrever suas leis gerais, seja ele qual for (Banaco, Zamignani, Martone, Vermes, & Kovac, 2012).

Um evento é relevante à análise comportamental por se configurar como estímulo ou resposta de um organismo que está funcionalmente relacionado com eventos ambientais. Conhecer as variáveis fisiológicas, biológicas e genéticas do assunto também é considerado pertinente e pode colaborar em uma análise comportamental, porém este conhecimento não esgota essa análise. O que move a Ciência do Comportamento é a busca pela compreensão dos princípios e mecanismo do estabelecimento da relação entre eventos e não a compreensão desses eventos em si (Pompermaier, Pimentel, & Melo, 2016).

Para a Análise do Comportamento, o comportamento humano é entendido como uma relação interativa entre o organismo e o ambiente, e é determinado por três níveis de interação que selecionam diferencialmente aspectos do repertório de cada pessoa. O primeiro, é o nível de seleção filogenético, que abrange comportamentos herdados pela espécie, assim como características anatômicas e a sensibilidade maior ou menor a determinados estímulos. O segundo, é o nível de seleção ontogenético, que abrange comportamentos aprendidos durante história de vida do sujeito, que a partir de interações operantes e condicionamento respondente, tornam-se mais ou menos prováveis de ocorrer. O terceiro, é o nível de seleção cultural, que abrange práticas culturais possíveis por meio do desenvolvimento da linguagem, que por sua vez influenciam o comportamento do indivíduo (Banaco, Vermes, Zamignani, Martone, & Kovac, 2012).

Os comportamentos considerados psicopatológicos, assim como todos os comportamentos selecionados pelos três níveis de seleção, são explicados por meio da relação funcional e adaptativa que o indivíduo estabelece com ambiente. E em grande parte das vezes, os comportamentos que caracterizam transtornos são comportamentos típicos que

ocorrem em contextos ditos “inapropriados” em uma certa frequência ou intensidade que chegam a produzir desconforto. O meio em que um sujeito vive pode também produzir comportamentos que seriam classificados como psicopatológicos, ou seja, indivíduos sadios submetidos a certos arranjos ambientais podem passar a apresentar “comportamentos-problema” (Banaco, Zamignani, Martone, Vermes, & Kovac, 2012).

A determinação do que é ou não patológico também é influenciada pelo terceiro nível de seleção citado: o cultural (Bento, & Pelúcio, 2012). O contexto em que se vive e as práticas culturais selecionam o que é ou não ambiente inapropriado, ou até mesmo o que se considera comportamento-problema. Um exemplo está na retirada dos “comportamentos homossexuais” da classificação de desvios sexuais do DSM em 1973, época marcada por bastante ativismo em relação ao tema. Foi demonstrado que não poderiam considerar a homossexualidade um transtorno mental meramente porque a demonstração da homoafetividade era acompanhada de atitudes sociais negativas. Passaram a estipular que para ser considerado um “distúrbio”, uma condição deveria estar associada com uma angústia subjetiva ou sofrimento pessoal, descrição que aparece na classificação da transexualidade como “Disforia de Gênero” no atual DSM-5 (Associação Americana de Psiquiatria, 2013; Banaco, Zamignani, Martone, Vermes, & Kovac, 2012; Spitzer, 1981).

Considerando então que a transexualidade vem acompanhada de sofrimento subjetivo, é importante compreender o motivo pelo qual as travestis e as transexuais possam estar sofrendo. E, para entender o sofrimento, é necessário esclarecer antes como são construídos os sentimentos, emoções e percepções sobre si mesmo de acordo com a Análise do Comportamento. Pois por meio desta ciência é possível identificar e modificar futuramente a forma pela qual a relação entre o indivíduo e seu ambiente se estabelece, sem considerá-lo como doente (Banaco, 1999).

A identidade de gênero, em termos comportamentalistas, está relacionada com apresentar padrões de comportamentos aprendidos durante a vida do indivíduo, considerados por determinada cultura, típicos de homem ou de mulher (a partir de uma perspectiva binária). O “se sentir ser” ou se “acreditar ser” em relação a seu próprio gênero é relacionado a noção de *self* e por meio da cultura, será definido o modo como esse sentimento é percebido e apresentado publicamente e também como será construída a percepção positiva ou negativa que o sujeito tem de si mesmo (Silva, & Laurenti, 2016).

As experiências subjetivas dos indivíduos para a Análise do Comportamento, a identidade, o *self* e a personalidade são categorias dependentes do terceiro nível de seleção, o cultural. Segundo Skinner (1989, p.28): “os termos que utilizamos para designar o comportamento individual dependem do tipo de seleção. A seleção natural nos dá o organismo, o condicionamento operante nos dá a pessoa . . . e a evolução da cultura nos dá o *self*”.

A partir da evolução do comportamento verbal, por conta da sensibilidade da musculatura vocal ao controle operante, foi possível o desenvolvimento dos ambientes sociais (Skinner, 1981/2007). Com isso, a espécie humana pôde desenvolver padrões comportamentais, como por exemplo, práticas e costumes culturais por meio da aprendizagem verbal e não verbal. A cultura consiste em comportamentos aprendidos compartilhados pelos membros de um grupo, e à medida que esses comportamentos são transmitidos no conjunto de práticas culturais, suas frequências podem aumentar ou diminuir, dependendo da regularidade com que são aprendidos (Baum, 2006).

A cultura exerce grande influência em todos os aspectos da vida das pessoas, como por exemplo na estrutura familiar e de classe, na estrutura da divisão do trabalho, em papéis de gênero e educação doméstica, e também em noções do senso comum, ideologias, símbolos, mitos, padrões estéticos, religiões e tabus (Sampaio, & Andery, 2010). As regras

culturais, sejam leis governamentais ou religiosas, ditam quais comportamentos os indivíduos devem emitir, para que sejam positivamente reforçados e acolhidos por aquele coletivo (Skinner, 1990/2010).

É por meio do reforçamento social que as respostas verbais dos indivíduos são modeladas e desenvolvidas, e induzir uma pessoa a responder ao seu próprio corpo e a estímulos privados necessita de uma aquisição de um repertório verbal específico. A partir de um contexto em que são modelados os comportamentos de falar sobre si mesmos é que surge o *self*, a personalidade e o autoconhecimento. Por meio das contingências verbais, os indivíduos passam a descrever verbalmente sua relação com o ambiente e também a identificar-se com ele (Silva, & Laurenti, 2016; Skinner, 1974; Tourinho, Teixeira, & Maciel, 2000).

Ambiente aqui refere-se tanto aos estímulos externos ao organismo quanto aos internos, privados. São chamados de eventos privados as sensações e comportamentos que têm sua observabilidade restrita, como por exemplo parte da classe de comportamentos que envolvem o pensar e o sentir, mas seguem as mesmas leis do mundo natural e físico que os eventos públicos. Nessa concepção monista, o pensar sobre si, o sentimento de pertencimento ou sofrimento, são estímulos ou respostas envolvidas em uma relação ou cadeia comportamental e por meio de análise funcional é possível entender como se dá o processo de construção dessas classes de respostas verbais que estão funcionalmente relacionadas com eventos públicos (Malerbi, & Matos, 1992; Pompermaier, Pimentel, & Melo, 2016; Skinner, 1990/2010).

Os comportamentos vêm acompanhados de um conjunto de estados internos que só podem ser observados por meio de introspecção. Conforme o comportamento verbal do indivíduo vai se desenvolvendo e se refinando no ambiente social é possível que ele descreva tais estados internos, resultando do que chamamos de sentimentos. Por conta da regularidade



com a qual o organismo se comporta e apresenta publicamente seus sentimentos, a comunidade verbal caracteriza esse padrão de comportamento como “personalidade” ou “identidade” (Banaco, Vermes, Zamignani, Martone, & Kovac, 2012; Guilhardi, 2002).

Segundo Banaco et al., (2012, p. 151):

A personalidade, desse ponto de vista, resulta de uma construção cultural, construção na qual o indivíduo tem como fundamentos o próprio corpo e o comportamento verbal da comunidade. O corpo seria, nesse processo, o elemento comum e permanente, perante o fluxo de experiências passageiras de interação com o mundo, enquanto o comportamento verbal da comunidade constitui a “liga” que nomeia e estabelece a conexão e o sentido entre essas experiências. É então que, a partir de múltiplas instâncias de interação, é estabelecido um controle discriminativo no qual o próprio corpo (em interação - por vezes, padronizada) é referência para a identidade.

Esta construção é marcada por aprendizagem, por contingências de reforçamento. Em uma contingência de reforçamento, observa-se o contexto, o que antecede o comportamento, a presença de estímulos que são condição para que o comportamento ocorra, a resposta do sujeito, e a consequência, que são estímulos que vão aumentar ou diminuir a probabilidade daquele comportamento ocorrer novamente. Quando uma contingência de reforçamento vêm acompanhada de estímulos aversivos, o comportamento também é acompanhado de mudanças corporais desagradáveis, como por exemplo, sentimento de medo, de ansiedade. Logo, “diz-se que os comportamentos e os sentimentos são produtos colaterais das contingências de reforçamento. . . se for mudada a contingência, o comportamento-sentimento também muda” (Guilhardi, 2002, p. 6).

É o ambiente social do indivíduo, representado pelos pais, pela família, pelos colegas de escola e etc, que cria condições para que determinados comportamentos e sentimentos ocorram. Uma criança que se sente amada, confortada e tranquila, provavelmente vive em um ambiente social acolhedor, com diálogo, com contingências amenas, que propiciam esses sentimentos. Por outro lado, ambientes coercitivos e punitivos geram emoções negativas, como medo, ansiedade, angústia, culpa e predisposições para fugir ou contra-controlar, o que traz prejuízos para a vida do indivíduo (Bolsoni-Silva, & Marturano, 2002; Guilhardi, 2002).

Há uma crescente sensação de isolamento e de estigmatização entre a população trans por conta de reações negativas da sociedade. A discriminação e violência são vivenciadas pelas travestis e transexuais desde a infância, quando as famílias ao se depararem com comportamentos e preferências diferentes do papel de gênero pré-estabelecido, como por exemplo, brincar com brinquedos diferentes do esperado para as crianças de seu gênero ou vestir-se de outra maneira do que lhe é proposto, acabam desenvolvendo nelas o sentimento de erro, de inadequação, por meio de contingências punitivas e coercitivas de ameaça (Gerhardstein, 2010; Silveira, 2006).

Segundo Peres e Toledo (2011, p. 269) “Dentro do mapeamento de estigmatização, entendemos que quanto mais atributos negativos e de desqualificação um corpo receber, mais processos de estigmatização se abaterão sobre esse corpo”. Em um sistema social, o estigma desempenha papel central nas relações de poder e de controle, fazendo com que alguns grupos sejam valorizados e se sintam superiores e outros não, caracterizando a desigualdade social. É importante refletir sobre quais práticas culturais criam e reforçam essa exclusão (Peres, & Toledo, 2011). Práticas culturais de gênero referem-se à formas de controle social, relações de poder e dominância, que delimitam, mesmo que não diretamente, o nível de acesso que um indivíduo ou um grupo pode ter a fontes de reforço ou alocação de recursos (Ruiz, 2003).

### 3. Agência de Controle: Mídia

Por meio da mídia, opiniões e práticas culturais são disseminadas, ditando modelos e padrões comportamentais a serem seguidos. Para a Análise do Comportamento, a mídia é considerada uma agência de controle. A partir do momento que os indivíduos passam a viver em sociedade, há tentativas de organizar a convivência entre eles, por meio de agências controladoras. Assim essas agências inseridas nos grupos sociais rearranjam variáveis que controlam o comportamento de seus membros. O surgimento dessas agências controladoras deve estar relacionado à sobrevivência dos grupos que as adotaram. Skinner (2003) descreve as agências de controle como sendo o Governo, a Religião, a Psicoterapia, a Economia e a Educação, porém pode-se também considerar a Mídia como sendo mais uma agência controladora, já que os consumidores de informação midiática ficam sob controle de uma realidade construída, sem contato direto com o ambiente (Dittrich, Todorov, Martone, & Machado, 2013).

A mídia é uma grande formadora de opinião, ditando padrões comportamentais, regras éticas, criando candidatos e influenciando fatos políticos e históricos que são descritos como conhecimento socialmente construído. Muitas opiniões e atitudes compartilhadas pelos membros da comunidade verbal frente ao relato de algum evento da realidade, devem ser entendidas como respostas verbais sob controle de tatos<sup>5</sup> emitidos por um pequeno grupo dentro da comunidade verbal como, por exemplo, membros da mídia. A mídia como controladora de comportamentos e denominada como “formadora de opinião” passa a produzir cadeias intraverbais na comunidade verbal, colocando os membros dessa comunidade sob controle de

---

<sup>5</sup> Tatos é um termo utilizado pela análise do comportamento, que pode ser definido como um comportamento operante verbal, no qual uma resposta de certa forma é evocada (ou reforçada) por um objeto particular ou um acontecimento (antecedentes não-verbais).

respostas verbais de tipo intraverbal. Deste ponto de vista, ela poderia ser encarada como uma agência controladora. (Dittrich, et al., 2013, p. 159-160)

Diferentes áreas do conhecimento têm refletido sobre o poder alcançado pela mídia e suas influências políticas, sociais e econômicas (Dittrich et al., 2013). A mídia como mediadora de fatos e reguladora das relações sociais torna-se um meio de produção de conhecimento sobre a sexualidade e o sexo. O que tem se visto nela é o reforço de padrões heteronormativos e a negligência e deslegitimação de determinadas vivências. Nos canais abertos, aqui chamado de mídia massiva, encontra-se priorizada a sexualidade masculina branca, monogâmica com ideais baseados no amor heterossexual e no casamento como indicação de felicidade, enquanto práticas afetivo-sexuais gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais são ignoradas ou apenas sugeridas pontualmente (Matos, 2012).

A pornografia é o espaço midiático do sexo e enuncia valores sobre determinadas apresentações públicas da sexualidade, se configura por ser um canal de produção de discurso sobre o corpo, o sexo e o prazer, influenciando as experiências individuais de seu público (Matos, 2012). Não é consenso sobre quais os efeitos da pornografia em seus consumidores, porém nota-se que os conteúdos pornográficos são caracterizadamente misóginos, com alto conteúdo violento e que podem aumentar os níveis de agressividade em homens considerados violentos, configurando essa população como potenciais consumidores problemáticos dessa mídia e corroborando para o aumento da violência de gênero (Guerra, Andrade, & Dias, 2004; Pinto, Nogueira, & Oliveira, 2010). Um estudo realizado por Bridges, Wosnitzer, Scharrer, Sun, e Liberman (2010) analisou 304 cenas de vídeos pornográficos, que consistiam nos mais vendidos e alugados em 7 (sete) meses do ano de 2005, segundo a lista da revista *Adult Video News* (AVN) dos EUA, e constatou-se que 89.8% das cenas continham agressões físicas e/ou verbais, exaltando padrões violentos masculinos, e apenas 9.9% das cenas

continham comportamentos positivos relacionados ao sexo. Os autores consideraram tal dado preocupante.

A maior visibilidade que pessoas transgêneros têm na mídia, é no setor pornográfico, caracterizada por uma prática sexual “bizarra” ou incomum, com *status* de fetiche, a indústria pornográfica capitalizou tal demanda e a rotulou como exótica e erótica (Santiago, 2013). Segundo uma pesquisa realizada pelo *RedTube*, um dos mais populares *sites* de vídeos pornográficos do mundo, encontrou-se que o Brasil é país que mais busca pornografia envolvendo transexuais e travestis no mundo. A categoria “*shemale*” que significa “corpo e gestos de mulher com órgão genital masculino”, é o quarto item mais procurado no país, sendo 89% maior que a média mundial (PornHub Insights, 2016).

Se na mídia a população trans está relacionada com a pornografia, nos ambientes sociais, está relacionada à prostituição. A maior visibilidade que as travestis e as transexuais mulheres têm na sociedade é no setor da prostituição. Em muitos casos transexuais e travestis ainda bem jovens, são expulsas de casa pela família, e encontram nas ruas uma maneira de vivenciar sua identidade de gênero, o que não é aceito em outros ambientes sociais por conta do preconceito e da estigmatização (Giongo, Menegotto, & Petters, 2012; Peres & Toledo 2011). O termo que se utiliza quando se fala de preconceito contra a população trans é “transfobia”, que caracteriza percepções estereotipadas negativas e atos discriminatórios contra travestis e transexuais, sendo um problema social e cultural gravíssimo (Jesus, 2014).

Ao mesmo tempo que o Brasil é o país que mais consome pornografia envolvendo a população trans no mundo e de ter uma alta taxa de procura de prostitutas transexuais e travestis, é também um dos países mais transfóbicos, sendo o que mais mata essa população. Os dados divulgados pela *Transgender Europe*, uma organização europeia que mantém um projeto de monitoramento sistemático dos assassinatos de pessoas dessa população a partir de relatos ao redor do mundo, apontam que no total 295 pessoas trans foram assassinadas desde

01 de outubro de 2015 à 30 de setembro de 2016, e o Brasil dispara como o país em primeiro lugar, com 123 casos somente em um ano (TvT Research Project, 2016). A ANTRA tem em seu site um mapa indicando em quais cidades brasileiras ocorreram assassinatos de pessoas trans, incluindo o nome, a idade, a identidade de gênero e a causa da morte. Até o dia 10/06/2018, somente em 6 meses do ano de 2018 foram 79 assassinatos (Articulação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018).

São dados alarmantes que quase não aparecem na literatura científica. A maioria dos estudos sobre a população trans demonstra preocupação com temas relacionados ao HIV/AIDS. Os trabalhos acadêmicos de forma geral estão interessados em estabelecer um perfil identitário das “trans”, incluindo apontamentos dos “perigos inerentes” às suas condutas e comportamentos. Apesar de mencionadas nesses trabalhos, a violência sofrida pelas travestis e transexuais ainda não encontrou visibilidade suficiente para que se traduza em dados que possam contribuir para a elaboração de políticas de enfrentamento (Amaral et al., 2014; Guimarães et al., 2013).

Para ser possível mudar o ambiente social que ensina e estimula a transfobia, é necessário entender como o estigma e o preconceito contra pessoas trans é ensinado, aprendido e mantido.

#### **4. Ferramentas para investigação de atitudes preconceituosas**

Pesquisas recentes em Análise do Comportamento sugerem que as atitudes de avaliação de objetos, pessoas e eventos podem emergir a partir de uma rede de relações arbitrárias, sem necessariamente ter tido experiência direta com tais estímulos. Este surgimento de novas relações não treinadas diretamente faz com que o paradigma de Equivalência de Estímulos, a Teoria de Quadros Relacionais (RFT), o Procedimento Implícito de Avaliação Relacional (IRAP) e o Paradigma das Relações Conflitantes (CRP) sejam ferramentas úteis para a Análise Experimental do Comportamento investigar atitudes e

processos simbólicos culturais (de Carvalho & de Rose, 2014; de Rose, 2016; Mizael, de Almeida, Silveira, de Rose, 2016; Mizael & de Rose, 2017; Mizael, Santos, & de Rose, 2016).

O paradigma de equivalência de estímulos demonstra, resumidamente, que a partir de uma relação operante ensinada em que A é equivalente a B e B é equivalente a C, gera-se a relação A equivalente a C, mesmo que esta relação não tenha sido exposta de maneira direta (de Carvalho & de Rose, 2014; de Rose, 2016; Mizael & de Rose, 2017). Fazendo um paralelo com a transfobia, é possível aprender a relação “trans-errado” como um julgamento de valor, por exemplo, mesmo sem ser exposto a esta relação diretamente, por meio da aprendizagem “trans-diferente” e “diferente-errado”, deriva-se a relação “trans-errado”.

É importante ressaltar que por meio de relações de equivalência também ocorrem transferências de funções (funções eliciadoras, discriminativas e reforçadoras condicionadas). Quando um estímulo passa a ter função discriminativa, ou seja, quando a presença de tal estímulo sinaliza maior probabilidade de um comportamento ocorrer, ele também elicia respondentes, que podem ser intensos para o sujeito, de acordo com sua história de vida. Mesmo que os comportamentos de uma pessoa não tenham sido diretamente punidos, torna-se aversivo nomeá-los, ou até mesmo estar perto de alguém que os apresenta (de Rose, 2016).

Para outro exemplo que mostra o poder destas redes relacionais e respectivas funções de estímulos no controle do comportamento pelas contingências culturais, vou delinear uma rede relacional hipotética, também super-simplificada, mas que pode ter uma certa aproximação às atitudes religiosas de grupos que tem uma interpretação muito literal da Bíblia. Para estes, o demônio é um estímulo verbal, em relação de coordenação com vários outros estímulos verbais como diabo, capeta, coisa ruim, o inimigo, etc, todos coordenados com o mal. Toda esta classe de estímulos verbais coordenados tem uma relação causal com tentação, que por

sua vez tem relação com pecado, que também tem relação causal com inferno. Pecado, por sua vez, está coordenado com impureza, e com vários comportamentos considerados impuros ou pecaminosos, e estímulos verbais coordenados com tais comportamentos, como homossexualidade, masturbação, sexo fora do casamento, linguagem obscena, etc. Embora a rede relacional seja diferente para cada indivíduo, certamente há similaridades que poderiam, inclusive, ser determinadas por uma pesquisa empírica. (de Rose, 2016, pg. 215)

Seguindo tais considerações, pode-se dizer que, por exemplo, para um indivíduo que durante sua história de vida apresentou diversos comportamentos violentos que foram reforçados, e aprendeu por relações de equivalência que trans é ruim, errado, que não é digno de respeito, estando na presença de uma pessoa trans, esta passa a ser estímulo discriminativo para que esse sujeito se comporte agressivamente. Assim como uma pessoa trans que se depara com um potencial agressor, tal estímulo discriminativo aumenta a probabilidade de fuga e esquiva daquela situação.

Já a RFT explicita fenômenos que vão além da formação de classes de equivalência, demonstra que há possibilidade de se criar ou derivar redes além da de coordenação ou equivalência, como por exemplo relações de oposição e de hierarquia (Mizael & de Rose, 2017). Os autores Mizael & de Rose (2017) dão exemplos de como se desenvolveria aspectos do preconceito racial sendo explicado pela RFT, aqui segue um exemplo de como se desenvolveria aspectos da transfobia por meio desta teoria: ao aprender referências negativas sobre a diversidade sexual e de gênero, e aprender que as relações heteronormativas são corretas, dignas de respeito, positivas de uma maneira geral, pode-se derivar a relação de que quem vive de maneira diferente do padrão heteronormativo é errado, e não é digno de respeito, pois usualmente é ensinado que esses dois estilos de vida são opostos.



O paradigma CRP refere-se à quando há uma potencial formação de classes equivalentes conflitantes, ou seja, quando há dificuldade de formar classes de equivalência entre estímulos pretendidas pelos experimentadores, por conta de uma interferência de relações previamente aprendidas na vida do sujeito envolvendo pelo menos um dos estímulos apresentados. Este paradigma ajuda a investigar a força de relações culturalmente estabelecidas e inicia uma discussão sobre a dificuldade em modificar atitudes e preconceitos amplamente reforçados pela comunidade verbal à qual o sujeito pertence (Mizael & de Rose, 2017; Mizael, Santos, & de Rose, 2016).

O IRAP se configura em um instrumento que avalia as propriedades das relações entre os estímulos e pode ser utilizado para identificar vieses e estereótipos raciais. De acordo com esse instrumento, supõe-se que os participantes responderão mais rapidamente em julgamentos consistentes com seus preconceitos (Mizael, de Almeida, Silveira, de Rose, 2016).

Diante deste contexto, vale a reflexão sobre a importância da investigação do desenvolvimento de atitudes preconceituosas que colaborem para a elaboração de mudança de práticas culturais que influenciam os ambientes serem propícios à violência e ao sofrimento da população trans. Pode-se constatar que uma das influências se dá em como o preconceito é aprendido por meio do comportamento verbal e pela falta de representatividade da população em diversos cargos e funções do cotidiano.

## **5. Considerações finais**

O objetivo deste artigo foi identificar o processo de construção da identidade trans de acordo com a Análise do Comportamento. Aqui, vale retomar que o primeiro nível de seleção propicia as características genéticas, anatômicas, e hormonais do organismo, permite que o sujeito tenha sensibilidade aos estímulos e também influencia na intensidade com que cada evento do ambiente o afeta. No nível ontogenético, as experiências vivenciadas pelo sujeito o

farão adquirir um repertório comportamental único e a convivência com a sociedade, com a cultura o fará dar significado para essas experiências (Banaco, Vermes, Zamignani, Martone, & Kovac, 2012).

Observa-se que esse processo de construção da identidade trans vem marcado de reações negativas da sociedade que tem a necessidade de classificar as vivências das pessoas dentro da heteronormatividade e das classificações de gênero, o que é enraizado e disseminado na mídia e na representatividade política e econômica. Encontra-se como resultado dessa prática cultural, a estigmatização, a exclusão e a violência contra as pessoas que não se encaixam em tal padrão (Arán, 2006; Cunha, 2015; Peres, & Toledo, 2011). Logo, é necessário refletir sobre o sofrimento associado como parte da descrição da transexualidade como “Disforia de Gênero” para a Psiquiatria, que parece estar mais relacionado com o modo como a comunidade social a qual o indivíduo está inserido o trata, do que com a própria identidade do sujeito (Bento, & Pelúcio, 2012; Gerhardstein, 2010).

Podem haver poucos comportamentos inerentes relacionados ao sexo biológico determinando as funções sexuais, já os papéis sexuais são ensinados e aprendidos desde cedo pelos pais e sociedade, embora não intencionalmente, obtém-se o que foi reforçado. A aversão condicionada a certos estilos sexuais, assim como muitos de nossos valores, é provavelmente adquirida por meio de um análogo verbal ao emparelhamento, por exemplo quando as pessoas comentam o quão inapropriado, repulsivo ou imoral certos estilos de vida e fontes de estimulação sexual o são (Mallot, 1996).

A aversão às diversidades sexuais se configuram como um problema social e para resolver problemas sociais, de acordo com Skinner (1978, p. 112) “precisamos mudar nosso comportamento e podemos fazer isso apenas mudando nossos ambientes físico e social. Escolhemos o caminho errado, logo no início, quando supomos que nosso objetivo é mudar ‘mentes e corações de homens e mulheres’ ao invés do mundo no qual eles vivem”.

## Referências

- Amaral, M. S., Silva, T. C., Cruz, K. O., & Toneli, M. J. F. (2014). “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 301-311.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 49-63. doi: 10.1590/S1516-14982006000100004
- Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (2018). Disponível em: [pessoal.atarde.com.br/marccelus2/antra/index.html](http://pessoal.atarde.com.br/marccelus2/antra/index.html). [Acesso em 15.06.2018].
- Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5 ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. In R. R. Kerbauy e R. C. Wielenska (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição*, (vol.4, pp. 75-82). Santo André: Arbytes.
- Banaco, R. A., Vermes, J. S., Zamignani, D. R., Martone, R. C., & Kovac, R. (2012). Personalidade. In M. M. C. Hubner & M. B. M.oreira. (Orgs.). *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp.144-153). 1ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda.
- Banaco, R. A., Zamignani, D. R., Martone, R. C., Vermes, J. S., & Kovac, R. (2012). Psicopatologia. In M. M. C. Hubner; M. B. Moreira (Orgs.). *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp.154-166). 1ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda.
- Baum, W. M. (2006). *Compreender Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução*. (M. T. Araújo, Trad). 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

- Bento, B. A. (2016). Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica. *Revista Direito E PráXis*, 7(3), 496-536.
- Bento, B., & Pelúcio, L. (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, 20(2), 569-581. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>
- Bridges, A., Wosnitzer, R. Scharrer, E., Sun., & Liberman, R. (2010). Agression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update. *Violence Against Woman*, 16(10), 1065-1085. doi:10.1177/1077801210382866
- Carvalho, M. F. L. (2012). LEITE Jr, Jorge. 2011. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 258-263.
- Carvalho, M., & Carrara, S. (2013). Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 14, 319-351.
- Cunha, L. R. (2015). *Identidade e redesignação de gênero: Aspectos da personalidade, da família e da responsabilidade civil*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- De Carvalho, M. P., & De Rose, J. C. (2014). Understanding Racial Attitudes through the Stimulus Equivalence Paradigm. *The Psychological Record*, 64, 527-536.
- De Rose, J. C. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamental*, 24, 201-220.

- Dittrich, A., Todorov, J. C., Martone, R. C. & Lé Sénéchal-Machado, V. (2013). Agências de controle. In M. B. Moreira. (Org.). *Comportamento e práticas culturais* (pp. 137-167). 1ed. Brasília: Instituto Walden4.
- Figueiredo, A. C. (2013). Estudo jurídico e bioético da situação da transexualidade: Direito humano à identidade pessoal. *E-Civitas*, 6, 1-16.
- Gerhardstein, K. R. (2010) *Attitudes toward transsexual people: Effects of gender and appearance*. (Dissertação de Mestrado, The College of Graduate and Professional Studies) Terre Haute, Indiana.
- Giongo, C. R., Menegotto, L. M. O., & Petters, S. (2012). Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(4), 1000-1013.
- Green, J. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP.
- Guerra, V. M., Andrade, F. C. B., & Dias, M. R. (2004). Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 269-277. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200008>
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In M. Z. S. Brandão et al. *Comportamento humano: tudo ou quase tudo que você queria saber para viver melhor* (pp.63-98). Santo André: Editora Esetec.
- Guimarães, C., Meneghel, S., Guaranha, C., Barnart, F., Simões, I. & Queve-do, J. (2013). Assassinatos de Travestis e Transexuais no Rio Grande do Sul: crimes pautados em gênero? *Athenea Digital*, 13(2),219-227.
- Hines, S. (2006) What's the Difference? Bringing Particularity to Queer Studies of Transgender, *Journal of Gender Studies*, 15(1), 49-66. doi: 10.1080/09589230500486918

- Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. (2. ed.). Brasília. Recuperado em: <http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>
- Jesus, J. G. (2014). Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História Agora*, 16, 101-123.
- Lombardi, E. (2009) Varieties of Transgender/Transsexual Lives and Their Relationship with Transphobia. *Journal of Homosexuality*, (56)8, 977-992. doi: 10.1080/00918360903275393
- Malerbi, F. E. L., & Matos, M. A. (1992). A análise do comportamento verbal e a aquisição de repertórios autodescritivos de eventos privados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(3), 407-421.
- Malott, R. W. (1996). A Behavior-Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality, and Heterosexuality. *Behavior and Social Issues*, [S.l.]. ISSN 1064-9506. Disponível em: <http://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/288>
- Matos, F. R. (2012). *Trilhas do sexo: discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás).
- Mizael, T. M., & De Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia*, (25), 365-377.
- Mizael, T. M., Almeida, J. H., Silveira, C. C., & De Rose, J. C. (2016). Changing Racial Bias by Transfer of Functions in Equivalence Classes. *The Psychological Record*, (66), 1-12.
- Mizael, T. M., Santos, S. L., & De Rose, J. C. (2016). Contribuições da equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>

- Nagoshi, J. L., & Brzuzy, S. (2010). Transgender theory: Embodying research and practice. *Affilia*, (25), 431-443. doi: 10.1177.0886109910384068
- Pedrosa, J. B. (2009). Característica comportamental e gênero. In T. R. Vieira & Paiva, L. A. (Orgs.). *Identidade Sexual e Transexualidade*. São Paulo: Roca.
- Peres, W. S., & Toledo, L. G. (2011). Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Psicologia Política*, 11(22), 261-277.
- Pino, N. P. (2007). A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, 28, 149-174.
- Pinto, P., Nogueira, M. D. C., & Oliveira, J. M. D. (2010). Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 374-383. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815256020>
- Pompermaier, H. M., dos Santos Pimentel, N., & De Melo, C. M. (2016). As noções de eventos privados e da privacidade no behaviorismo radical: A questão da observabilidade circunstancialmente restrita. *Revista CES Psicología*, 9(2), 12-27.
- PornHub Insights. (2016, February 5). Redtube & Brazil. [Web log post]. Retrieved from <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>
- Prosser, J. (1998). *Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality* (New York: Columbia University Press).
- Rodrigues, W. (2017). A Cultura Andrógina no Brasil do final do século XX: O caso do Dzi Croquettes, Ney Matogrosso e Laura De Vison. *Revista Gênero*, 17, 233-247.
- Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4, 12-16.

- Sampaio, A. S. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: Uma análise comportamental dos fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 183-192.
- Santiago, H. (2013). O corpo transgênero: desconforto, adequação e subversão do sexo através do queer porn. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos* (pp.1-10), Florianópolis.
- Santos, A. F., & Almeida, J. P. B. (2015). Discutindo gênero e sexualidade na escola pela despatologização dos gêneros. *IV Seminário Internacional 'A educação medicalizada: Desver o mundo, perturbar os sentidos'*, Salvador.
- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Revista perspectivas em análise do comportamento*. 7(2), 197-211.
- Silveira, E. M. C. (2006). *De tudo fica um pouco: a construção social da identidade do transexual*. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre).
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections about behaviorism and society*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1990/2010). A psicologia pode ser uma ciência da mente? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 6, 111-119.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento Humano* (11ª ed.) (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1953).



- Spitzer, R. L. (1981). The diagnostic status of homosexuality in DSM-III: A reformulation of the issues. *American Journal of Psychiatry*, 138, 210-215.
- Spizzirri, G. (2015). Aspectos genéticos relacionados ao transexualismo. *Diagnóstico & Tratamento*, 20, 76-79.
- Tourinho, E. Z.; Teixeira, E. R., & Maciel, J. M. (2000). Fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia: Skinner e a temática dos eventos privados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 425-434.
- TvT research project (2016). Trans Murder Monitoring, “Transrespect versus Transphobia Worldwide” (TvT) project website: [www.transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/](http://www.transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/)
- Zhou, J. N., Hofman, M. A., Gooren, L. J., & Swaab, D. F. (1995) A sex difference in the human brain and its relation to transsexuality. *Nature*, 273(6552), 68-70.

**Artigo 2**

**Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental**

**Analysis of reports of violence against transvestite and transsexuals woman from an analytical-behavioral perspective**

Devides, M. B. C. & Gallo, A. E.

Universidade Estadual de Londrina (Brasil)

Programa de Mestrado em Análise do Comportamento 2016

DEVIDES, M. B. C. & GALLO, A. E. (2018) *Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental*. Programa de Mestrado em Análise do Comportamento. Universidade Estadual de Londrina, Londrina - Paraná.

### **Resumo**

A sexualidade têm sido assunto de tensão no mundo ocidental, grupos LGBTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexuais) estão buscando garantia de direitos sociais e criação de políticas públicas para combater a violência. Dentro desta população, travestis e transexuais, são as mais expostas às situações de violência e vulnerabilidade. O presente trabalho visou identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais mulheres com enfoque da Análise do Comportamento. Participaram do estudo 4 pessoas nascidas com o sexo masculino, sendo que 3 se consideraram transexuais mulheres e 1 travesti, com idade superior a 18 anos, do interior do Paraná. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas logo após. As transcrições das entrevistas foram categorizadas de forma não-apriorística e relacionadas com a teoria da Análise do Comportamento. As participantes relataram sobre suas vidas sociais, sobre o processo de se compreender como travesti ou transexual e sobre situações de violências sofridas. A partir dos relatos foram identificadas seis categorias para análise: Estímulo aversivo; Possíveis reforçadores Sociais; Eventos privados; Comportamento Simbólico; Paradigma das Relações Conflitantes; e Agências de Controle. Foi constatado que por terem passado por diversas situações de violências, desenvolveram repertório comportamental de fuga, esquivas e subprodutos emocionais como medo, ansiedade, estresse, baixa autoestima e depressão. Identificou-se que certas práticas culturais como a falta de contato com diferentes vivências de gênero, falta de educação sexual, a disseminação de padrões heteronormativos baseados em educação religiosa rígida, a falta de leis que garantam segurança para esta população, são fatores contribuem para a estigmatização, isolamento e vulnerabilidade da população trans. Este trabalho ampliou a discussão da Análise do Comportamento e violência de gênero, porém não esgotou a necessidade de desenvolver mais conhecimentos científicos para darem suporte a futuras intervenções na área.

*Palavras-chave:* transexualidade, violência, Análise do Comportamento.

### **Abstract**

Sexuality has been a subject of tension in the Western world, LGBT groups (Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Transvestite and Intersex) are seeking guarantees of social rights and the creation of public policies to combat violence. Within this population, transvestites and transsexuals are the most exposed to situations of violence and vulnerability. The present study aimed to identify the contingencies that sustain violence against transvestites and transsexual women with a Behavior Analysis approach. The study included 4 people born with the male gender who 3 are considered transsexual women and 1 transvestite, aged over 18 years, from the interior of Paraná. Semi-structured interviews were recorded and transcribed shortly after. The transcripts of the interviews were categorized non-a priori and correlated with the Behavior Analysis theory. Participants reported on their social lives, the process of understanding themselves as transvestites or transsexuals, and about situations of violence they have experienced. Six categories were identified from the reports: Aversive stimulus; Possible Social reinforcers; Private events; Symbolic Behavior; Conflicting relations

paradigm; and Control Agencies. It was verified that because they had gone through various situations of violence, they developed a behavioral repertoire of escape, avoidance and emotional byproducts such as fear, anxiety, stress, low self-esteem and depression. It was identified that certain cultural practices such as the lack of contact with different gender experiences, lack of sex education, the dissemination of heteronormative patterns based on rigid religious education, and the lack of laws that guarantee safety for this population are factors that contribute to the stigmatization, isolation and vulnerability of the trans population. This work expanded the discussion of Behavior Analysis and gender violence, however it did not exhaust the need to develop more scientific knowledge to support future interventions in the area.

Keywords: transsexuality; violence; Behavior Analysis.

Um brinde  
 Meu corpo  
 Um campo de batalha  
 Chora, grita e sente  
 Combate de forma valente  
 Todo o dia  
 A mesma e nova transfobia

Me constrói  
 Cada dia mais uma batalha  
 Venço, perco, segue empatado  
 Do lado de ca me fortaleço  
 Mas eles crescem, não me esqueço

Na mira, sigo perseguida  
 O corpo, as regras, as normas  
 Evidência  
 Hetero, cis, burguês  
 Essa moral em mim se desfez  
 Corta, mutila, hormoniza

Transforma a cada dia  
 De forma desigual é impedida  
 De ser plenamente reconhecida  
 Da miséria destinada  
 À insurreição organizada  
 Se levanta, me levanto

Sei, nasci pra ser sujeito  
 Escolhi, decidi, quis ser eu mesma  
 Me tornei abjeto  
 Parece comum  
 Um ser que não parece merecer afeto  
 A nós, um brinde  
 Guerreiras sobreviventes  
 Mais um dia  
 No campo de batalha  
 Da vida  
 Do corpo  
 Da alma

*Virgínia Guitzel<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Virgínia Guitzel é travesti e militante do grupo de mulheres Pão e Rosas, tem 24 anos, estudou dois anos de Ciências Sociais na Fundação Santo André . Trabalha há 5 anos na área da saúde mental em São Bernardo do Campo numa República Terapêutica para usuários de álcool e outras drogas, é também colunista da Seção Gênero e Sexualidade do Esquerda Diário.

## Introdução

No processo de desenvolvimento da vida social, as pessoas estabeleceram relações baseadas em estruturas sociais de poder e autoridade, que produziram conflitos de interesses e lutas de poder violentas. Parece nunca ter existido uma sociedade isenta de violência no mundo. É por meio dos valores de uma cultura que a violência é classificada e significada como positiva, aprovada e legal ou não (Piosiadlo, Fonseca, & Gessner, 2014). A violência é um fenômeno comportamental, que necessita de análise crítica e contextual para entender quais ações a mantém, envolve o comportamento individual e coletivo, o que a caracteriza como assunto de interesse para a Análise do Comportamento (Moreira, Ramos, & Todorov, 2013).

Pode-se classificar a violência como policial, institucional, social, econômica, política, entre outras, de acordo com o agente que a exerceu, ou étnica, racial e de gênero, de acordo com a população atingida. Especificamente sobre a violência de gênero, o Ministério da Saúde (2005) posiciona-se em relação à violência contra a mulher, reconhecendo que sua ocorrência é produzida pelo impacto das desigualdades sociais, políticas e econômicas entre homens e mulheres, e também pela diferenciação de papéis sociais rígidos de gênero e noções culturais de virilidade e honra.

A violência contra a mulher está baseada na discriminação estrutural das mulheres em uma sociedade em que o patriarcado<sup>7</sup> se faz presente. Entende-se que a violência contra as pessoas travestis e transexuais (chamadas neste artigo por população “trans”) também se configura nesse mesmo contexto (Otero, Fernández, Fernández, & Castro, 2015).

A violência de gênero se baseia em uma relação de poder e de dominação do grupo mais favorecido e privilegiado culturalmente (usualmente o homem) sobre o menos

---

<sup>7</sup> Patriarcado é o nome atribuído a organização social que centraliza o poder e o controle nas mãos dos homens em detrimento às mulheres (Narvaz & Koller, 2006).

favorecido, o da mulher ou de pessoas que não seguem os padrões de gênero aceitos pela sociedade. Os papéis impostos às mulheres e aos homens consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado estimulam e induzem relações violentas entre as categorias, indicando que a prática desse tipo de violência é fruto do processo de socialização das pessoas (Santos & Izumino, 2005). Segundo Silva e Laurenti (2016, p. 116): “Boa parte das contingências responsáveis pelo comportamento individual é de natureza social, organizada e mantida por um grupo social”.

A população trans é a mais vulnerável à violência de gênero. A vulnerabilidade social deste grupo, que é fomentada pelo patriarcado, tem por consequência sua marginalização e a inacessibilidade aos serviços de saúde e de segurança básicos, o que o torna mais suscetível a ser vítima de discriminação e violência (Bonassi, Amaral, Toneli, & Queiroz, 2015; Garcia, 2011; Otero et al., 2015).

A motivação de atos violentos e assassinatos contra transexuais e travestis perpassam por diferentes dimensões que necessitam ser precisamente identificadas. Por um lado, encontra-se por objetivo a intimidação do grupo que se identifica com a vítima, incitação de ódio e por outro o ataque à dignidade de uma pessoa (Boivin, 2016). As atitudes da sociedade afetam o modo que as pessoas trans lidam com o mundo, com a própria identidade e com o corpo. As reações sociais negativas em relação a elas levaram uma crescente sensação de isolamento e estigmatização entre esses indivíduos (Gerhardstein, 2010).

A ideia de tomar os estigmas como processos influenciados por inúmeras variáveis amplia as possibilidades de análise sobre o próprio estigma, pois este desempenha um papel central nas relações de poder e de controle em todos os sistemas sociais. Faz com que alguns grupos se sintam superiores e outros sejam desvalorizados, contribuindo para as experiências vividas de exclusão, discriminação, estigmatização e violência de grupos minoritários, incluindo principalmente travestis e transexuais (Peres, & Toledo, 2011).

A estigmatização da população trans faz com que a maioria das travestis e transexuais saiam de casa muito cedo, por intolerância de seus pais e/ou para viverem suas transformações corporais livremente, o que acarreta em pedirem esmola, viverem nas ruas e se prostituírem (Aragão, 2015; Giongo, Menegotto, & Petters, 2012). A maioria dos crimes de ódio contra pessoas trans ocorrem nas ruas enquanto trabalham como profissionais do sexo, dada sua desproteção social (Jesus, 2014). No Brasil, a expectativa de vida da população trans é em média de 30 anos, enquanto a do resto da população brasileira é de 78 anos (Aragão, 2015).

Ante ao exposto, mostra-se necessário coletar dados que possam contribuir para o desenvolvimento de políticas de enfrentamento da violência de gênero dentro da sociedade, por meio da abordagem da Análise do Comportamento. Na Psicologia, encontram-se trabalhos relacionados à população trans na área de Psicologia Social, a maioria publicados por volta dos anos de 2008 e 2009, ligados às temáticas: prostituição, despatologização das identidades, drogas e HIV/AIDS. Apesar da violência sofrida pela população trans ser mencionada nesses trabalhos, ainda não encontrou visibilidade suficiente para subsidiar ações que reduzam esse problema social (Amaral, Cruz, Silva, & Toneli, 2014).

De acordo com a Análise do Comportamento, para que haja planejamento de intervenções sociais dentro de uma cultura, primeiro deve-se buscar identificar as contingências operantes dos comportamentos dos indivíduos, já que são o suporte a partir do qual as práticas culturais emergem (Moreira, Dittrich, Machado, & Todorov, 2013). A epistemologia contextualista defendida por Skinner expõe que é possível identificar relações de interdependência entre o indivíduo e o seu contexto, sendo esta, a chave para entender as ações humanas e também para transformar práticas sociais fomentadas por tais ações (Silva, & Laurenti, 2016).



Diante o exposto, o presente estudo teve como objetivo identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais mulheres, por meio de seus relatos, a partir de uma perspectiva analítico-comportamental.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram do estudo 4 pessoas nascidas com o sexo biológico masculino, 3 que se consideraram transexuais mulheres (trans-mulheres) e 1 que se considerou travesti, com idade superior a 18 anos, indicadas por uma pessoa transexual de referência, militante conhecida pela população trans do interior do Paraná.

### **Instrumentos**

- Roteiro de entrevista semiestruturada para ser realizada com as participantes (Apêndice A);

### **Local de coleta de dados**

- Sala da clínica psicológica de uma universidade do interior do Paraná ou casa da participante, conforme preferência.

## **Procedimento**

A primeira etapa foi a elaboração do roteiro de entrevista. Entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para poderem ser redirecionadas pela pesquisadora dependendo do encaminhamento da conversa, o que possibilitou maior aproveitamento e maior exploração das informações coletadas. O roteiro de entrevista (Apêndice A) foi avaliado por quatro juízas formadas em Psicologia, com experiência em clínica.

A segunda etapa foi a submissão do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CAAE: 81204817.5.0000.5231), após, foi dado início ao processo de seleção das participantes. Foi utilizado uma amostra não probabilística típica, ou seja, foram entrevistadas pessoas que se enquadraram na classificação de travesti ou

transexual mulher, as quais representam situações típicas do problema de pesquisa, não somente aquelas que já sofreram violência em situações extremas.

Para selecionar as participantes, foi realizado contato com uma pessoa de referência trans militante, conhecida pela população trans do interior do Paraná, essa pessoa indicou participantes nascidas com o sexo biológico masculino e que se consideram travestis ou trans-mulheres. Em seguida foi feito contato inicial com as participantes e agendamento da entrevista.

As entrevistas foram gravadas com um gravador de áudio de celular, a partir da concordância em participar, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), e transcritas logo após. Foram utilizados relatos verbais, por serem considerados os mais adequados ao tipo de dado que se pretendia coletar - percepções e situações de violência sofridas pelas participantes, os quais de outra forma, não se tem acesso. Este uso é justificado por de Rose (1999):

O falante, ou seja, o sujeito está (ou esteve) em contato com um estado de coisas ao qual o ouvinte, ou seja, o pesquisador não tem acesso. O relato verbal é um tato, sob o controle dos aspectos relevantes deste estado de coisas, que permite ao pesquisador fazer inferências sobre este estado de coisas ao qual ele não tem acesso direto. (p.152)

Foi utilizado no presente estudo o delineamento de levantamento de variáveis, conhecido também como “*Survey*”. Tal delineamento consiste na medição das variáveis que descrevem a distribuição das características, de perfis ou de fenômenos que ocorrem naturalmente em certos grupos da população. Podem se referir a opiniões, a problemas clínicos, a aspectos sócio-demográficos dos sujeitos, entre outros (Bandeira, 1999).

Este método é pertinente quando o pesquisador pretende investigar “o que”, “por que”, “como” ou “quanto” se dá determinada situação por meio de questionários ou de entrevistas. O propósito de utilizar a pesquisa *Survey* foi descritivo, objetivando identificar quais comportamentos e variáveis estão presentes nas situações descritas pela população, descrever a distribuição de algum fenômeno na amostra ou ainda, fazer uma comparação entre essas distribuições. A presente pesquisa utilizou o corte-transversal, que analisa um só momento, presente ou recente e tratará de situações reais do ambiente (Freitas, Oliveira, Saccol, & Moscarola, 2000).

### **Forma de análise dos dados**

Como forma de analisar os dados coletados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2011), designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p. 47)

Utilizando tal análise, o pesquisador busca compreender as variáveis que compõem as contingências identificadas de acordo com o objetivo de pesquisa, que estão por trás dos fragmentos de mensagens coletados. As unidades de análise foram selecionadas e categorizadas, orientadas pela questão e objetivo de pesquisa e relacionadas com a teoria da Análise do Comportamento. Não houveram categorias pré-definidas, o processo de categorização foi definido por não-apriorística, no qual as classificações emergiram totalmente do contexto das respostas dos participantes da pesquisa, sem perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa (Campos, 2004).

## Resultados e Discussão

Afim de preservar suas identidades, as participantes foram nomeadas de A1, A2, A3 e A4.

**TABELA 1**

### Perfil das participantes

	<b>Idade</b>	<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Profissão</b>	<b>Religião</b>	<b>Grau de escolaridade</b>
<b>A1</b>	19	Travesti não-binária	Caucasiana	Estudante. Trabalho voluntário no teatro	Umbanda e Candomblé	Ensino médio completo
<b>A2</b>	21	Mulher Transexual	Parda	Autônoma. Trabalho voluntário no teatro.	Formação evangélica. Sem religião no momento, mas acredita em Deus	Ensino médio completo
<b>A3</b>	41	Mulher Transexual	Caucasiana	Cabeleireira. Atriz. Empregada doméstica. Profissional do sexo.	Formação católica e evangélica, porém tem buscado outras religiões no momento	Ensino médio completo
<b>A4</b>	27	Mulher Transexual	Negra	Profissional do sexo	Católica	Ensino médio completo e cursos técnicos profissionalizantes

Todas as participantes relataram estarem solteiras no momento da entrevista. Somente a participante A1 se declarou bissexual, as demais, heterossexuais. A média da renda mensal familiar das participantes era de R\$1.500,00 reais por mês, uma delas relatou que somente se

prostituía quando a situação financeira estava complicada, e quando isso acontecia chegava a ganhar cerca de R\$5.000,00 no mês, mais que o dobro do que ganhava com trabalhos formais.

Durante a entrevista, as participantes descreveram sobre suas vidas familiares e sociais, sobre como foi o processo de se compreender como travesti ou transexual e sobre situações de violências sofridas durante a vida, quais suas reações e quais as emoções e sentimentos decorrentes dessas vivências.

**TABELA 2**

**Dados da vida familiar das participantes e de tipos de violência sofridas**

	<b>Estrutura familiar</b>	<b>Com quem vive atualmente</b>	<b>Tipos de violências sofridas</b>
<b>A1</b>	Pais separados, um irmão	Com mãe, irmão e A2 (na maior parte do tempo)	Violência verbal, sexual e institucional
<b>A2</b>	Pais separados, dois irmãos, padrasto, madrasta e filho da madrasta	Com a mãe e padrasto/na casa da A1 (na maior parte do tempo)	Violência verbal, física, institucional
<b>A3</b>	Pai falecido, mãe e duas irmãs	Com a mãe	Violência verbal, sexual, física, institucional
<b>A4</b>	Pais separados	Com a mãe	Violência verbal, sexual, física e institucional

As entrevistas variaram em tempo de 49 minutos à 2 horas e 19 minutos e foram transcritas na íntegra. Os recortes transcritos dos relatos das participantes foram organizados em categorias por meio da Análise de Conteúdo de acordo com princípios da Análise do Comportamento. Foram classificadas seis categorias e vinte e cinco subcategorias, as quais serão apresentadas a seguir:

## 1. Estímulo Aversivo

Aspectos do ambiente social considerados desagradáveis, não por determinação física específica, mas por terem adquirido poder aversivo por um processo de condicionamento. Classifica-se por estímulo aversivo quando sua remoção for reforçadora. Estímulos aversivos podem eliciar reflexos e predisposições emocionais como por exemplo ansiedade, medo, culpa, vergonha, raiva (Skinner, 2003). Nesta categoria foram classificadas dez subcategorias de acordo com a fonte, a situação ou o local da estimulação aversiva, são elas: *Por parte da família; Por parte do pai; Por parte de desconhecidos (sociedade); Procurando emprego; Na escola; No atendimento do sistema de saúde; Por parte da polícia; Nos relacionamentos; Na cultura travesti (entre pares); Na internet.*

### 1.1 por parte da família.

*AI: “Tinha um tio, irmão do meu pai que estava doente e eu esperei ele morrer para eu chegar e contar para a minha mãe que ele tinha me molestado, eu já tinha uma postura mais madura (...) acho que foi um choque de realidade, ela viu que os monstros reais eles convivem bem perto da gente, e a gente não está 100% segura”.*

*AI: “Do meu tio que eu contei, [...]ele só tava consumindo álcool, não queria mais nada da vida, tava nesse período chato. Então, até onde eu me lembro, foi nesse período que tudo ocorreu, mas eu não tenho tantas lembranças, eu só fui reconhecer depois o que que era um abuso, o que que era essa questão de ser ou não molestada eu fui descobrir muito depois, só depois de muito tempo eu fui reconhecer que aquilo foi um abuso. Com meu irmão acho que não aconteceu, pelo menos ele nunca relatou, mas com certeza não. Porque é aquela coisa, na minha infância, tinha aquele fenômeno da criança viada, então eu era a criança viada, eu tinha um comportamento mais delicado, eu era mais sensível, então isso foram coisas que denotavam, que sobressaiam dos comportamentos das crianças ‘comuns’, vamos dizer assim*

*[...] Mas assim, só bem depois que eu fui entender aquilo como agressão, na época eu não tinha nem noção do que era sexo, do que era genitália, eu tinha seis anos de idade”.*

*A2: “O que me fez vir pra cá foi além da saudade, porque eu tive uma desavença com minha madrasta por ela ter muito preconceito, ela é uma mulher muito rígida, tudo pra ela é errado”.*

*A2: “Quando eu vim morar com minha mãe, eu sempre tive um acolhimento grande com ela, mas quando eu cheguei e vi que ela tava com outra pessoa, que é o marido dela hoje, eu meio que me perdi, porque eu não tive todo aquele apoio que eu precisava [...] o marido dela tem muita influência, porque ele é muito machista também, ele tem um tipo de visão que ‘ai, você só vai ser mulher quando você tiver uma vagina’, quando você realmente tiver peito, ele tem muito esse tipo de visão de que você não é mulher porque tem um pênis, porque tem barba, ele é muito machista [...] Quando eu sento para conversar com minha mãe sobre isso, ele começa a fazer brincadeiras desnecessárias, eu não gosto disso. Eu não falo nada pra não magoar minha mãe, às vezes eu até falo, mas penso que não vale a pena eu ficar debatendo de frente com ele, às vezes é melhor eu abaixar a cabeça e seguir vivendo. [...] com certeza é um peso muito psicológico coisas que ele fala, por exemplo ‘ai, e aí, já deu o cu hoje?’, sabe, ele fica nessas brincadeiras e eu não gosto, eu falo que não me magoa, mas me machuca sim, são cicatrizes que às vezes não fecham e às vezes ele fala assim ‘e aí, como que vai a sua vagina imaginária?’. São coisas muito pesadas que se outras pessoas escutassem não iam ficar quietas. Eu sou uma pessoa muito relax, eu consigo relevar muita coisa, mas a hora que eu não consigo relevar mais, eu estouro de uma vez, aí eu chego a falar coisas que não era para eu falar, já estourei com ele várias vezes”.*

*A2: “Minha mãe está ali para dar apoio só de vez em quando, até esses dias ela falou uma coisa para mim que me deixou muito magoada, como eu fui lá para a casa do meu pai conversar com ele, ela falou ‘ai então agora você pode parar de brincar disso e voltar a ser*

*quem realmente você é, um menino’, e eu falei ‘mãe, não é assim, eu não to brincando de nada, eu sou assim e vou ser assim para o resto da minha vida, queira você ou não’ e ela ‘ai, mas isso é coisa da sua cabeça, é só uma imaginação sua, é só uma fase’ e eu falei para a gente parar por ali, que eu não queria discutir com ela, a gente é muito amiga e eu não queria acabar com isso, e ela ‘ah então tá bom, desculpa se eu faltei com respeito com você’. Já meu padrasto ele tem aquelas brincadeiras bem chatas, e minha mãe fica muito magoada de escutar isso dele, aí eu prefiro ficar longe, agora voltei de viagem e quase não fiquei lá, estou preferindo ficar longe desse ambiente que não me faz bem, então prefiro realmente me focar em tudo que estou querendo e me planejando para meu futuro. Meu padrasto nunca passou disso, nunca encostou em mim, foi só violência verbal mesmo”.*

**A3:** *“Isso foi desde criança, quando eu desejava brinquedos no natal e eu não podia ter as bonecas, então isso gerava sempre um mal estar né, alguma forma de correção e pra mim isso era bem difícil”.*

**A3:** *“Agora violências sexuais sim, sofri, dos 5 anos até os 12, talvez seja por isso que eu não gostava de ter relações sexuais, porque eu já tinha alguém que brincava comigo, ele era próximo da família. Não desconfio que tenha acontecido com minhas irmãs, uma delas teve uma tentativa, não pela mesma pessoa, mas não aconteceu. Nesta questão de gênero eu chamava muita atenção dos machos ao redor, isso causava curiosidade, a questão hormonal, sempre tinham investidas”.*

**A4:** *“Violência sexual sim, já fui molestada por um padrasto, mas foi uma coisa que passou, não foco isso na minha cabeça, eu tinha doze anos”.*

**A4:** *“De adolescência, eu tive esse problema familiar, minha família nunca me aceitou, não me aceita até hoje, mas na escola não”.*

### **1.1.1 por parte do pai.**



*AI: “Eu convivi com meu pai até 2012, que a gente morava em (outro Estado) e saiu de lá pro Paraná, quando houve a separação da minha família, e foi aí que eu pude dar uma respirada porque com meu pai era mais tenso, as coisas eram mais difíceis, minha mãe pôde aflorar mais a liberdade dela e eu pude também desfrutar a minha”.*

*AI: “Depois disso teve um período um pouco foda, que eu postei uma foto, no meu instagram e meu pai viu aquela foto e logo em seguida ele ligou para minha mãe e perguntou se eu estava com algum problema, com alguma doença mental, se eu estava doente da cabeça, e minha mãe ficou ‘como assim, por que?’ e ele: ‘ué, você não viu? Ele postou uma foto com uma saia e de batom, não pode!’, minha mãe passou por muito mais situações transfóbicas do que eu, meu pai nunca falou nada para mim, ele falava sempre para minha mãe [...] mas aí meu pai quis que minha mãe me tirasse do teatro, ele parou de pagar o teatro, que era para eu procurar um rumo na vida [...] e um dia específico eu quis experimentar a fotografia, já que o teatro era minha área proibida”.*

*AI: “Eu estabeleci que quando meu pai começou a traçar limites para mim enquanto criança eu não me sentia mais bem na presença do meu pai e via que ele maltratava minha mãe, eu comecei a reconhecer, foi minha primeira face que eu tive que lidar com o machismo, o momento que rompeu tudo isso foi a mudança para o Paraná”.*

*AI: “Foi um período que meu pai estava me pressionando muito a ter um emprego e eu não era isso que eu quero e ele brigando com minha mãe, falando sobre mim, porque eu já não me escondia mais, e ele dizia que a família estava zombando”.*

*A2: “Meu pai sempre foi muito machista, de uma família muito rígida [...] no período que morei com meu pai, virei outra pessoa, eu não conseguia ter sonhos, não conseguia me ver essa outra pessoa que eu sou hoje”.*

*A2: “Quando eu me assumi como homossexual eu coloquei uma roupa feminina, como ele sempre foi muito machista ele falou ‘ai você não fica com essas palhaçadas aí não, se não te*

*coloco na rua’, então pra mim escutar isso, eu pensei ‘meu Deus, meu pai realmente é um carrasco’, porque meu pai ter muito preconceito, ele não podia ver nenhum menino na rua diferente, sendo homossexual, ou menino com brinco ele já falava que ia bater, que aquilo ali precisava morrer, que não era de Deus, e eu do lado dele, sendo um filho homossexual até então escutando tudo isso, eu tinha muito medo de algo acontecer, algo muito pior”.*

**A3:** *“Voltei pra casa com uns 18 anos, e fui pras ruas, porque meu pai me perguntou se eu havia sido curada e eu falei que não, aí ele disse que eu não ia viver dessa forma na casa dele, então pra mim isso foi crucial eu sabia aquilo que eu queria viver, mas não podia ser ali, então comecei a estruturar minha vida saindo da casa dos meus pais, na época meu pai jamais imaginou que eu ia sair, isso foi só uma ameaça de boca, mas eu saí de verdade”.*

**A4:** *“Já moramos (participante, pai e mãe) juntos na mesma casa, quando eu tava com uns 10 anos eles se separaram, quando eu comecei a transição, ele não aceitou e quis me botar pra fora de casa. [...] ele tentou me por pra fora, eu até saí, aí eu comecei minha vida como profissional do sexo com 11 anos, fiquei um tempo fora de casa, minha mãe não aguentou a situação, me trouxe pra dentro e se separou dele. O principal motivo da separação dos dois foi minha transição”.*

**A4:** *“Eu comecei com a droga porque meu pai me pôs pra fora, aí eu fumei um chá, comecei a beber, aí uma amiga na rua, porque na rua é direto né, elas tem que se drogar pra aguentar ficar lá, não é fácil, tanto que eu me drogava quando eu ficava lá, aí um amigo vem e me dá um raio, e eu ‘ai que que é isso’, e ele ‘prova que você vai ficar ótima’, aí pronto né, depois da primeira vez. Aí entrou o crack, ai quando eu cheguei no crack cheguei no fundo do poço.”*

### **1.3 por parte de desconhecidos (sociedade).**

**A1:** *“Com as outras crianças era aquele bullying que a gente passa, eu não tinha muitos amigos, eu era a criança estranha que tava ali”.*

*AI: “Acho que eu sentia muita exclusão, eu não me sentia capaz de fazer amigos, não me sentia uma pessoa suficientemente boa, boa o suficiente para ter amigos. Eu via as pessoas olhando para mim com um olhar estranho, que me distanciava”.*

*AI: “Ela (mãe da participante) me dizia que o maior medo dela não é de quem eu sou, mas de como as pessoas vão reagir a isso, o maior medo dela é eu apanhar na rua, eu chegar em casa triste. Eu falei para ela que isso era independente dela, que eu ia ter que enfrentar isso para o resto da vida, e o que eu quero que ela trabalhe é que mesmo eu tendo o risco de apanhar ou sofrer, que eu sofra isso na rua, não em casa”.*

*AI: “E daí aqui onde eu moro, do posto para cá é um caminho reto, então fui fazendo esse caminho a pé, e ali mais ou menos na altura do bar tem um vale, que é um breu de noite, e daí eu fui descendo, chovendo bastante, e eu já estava meio assim com a cabeça mais para lá do que para cá, eu estava bem reflexiva, aí começou a passar vários carros e começou xingamento, foram chamando, uns paravam para pedir sexo, foi aquela coisa chata, começou a me depreciar muito e aí chegou ali naquela altura e eu já estava só segurando o choro e passou um carro que eu só ouvi vozes de homem vindo dali e aí o carro freou, nessa freada minha cabeça já ficou naquela, meu Deus, é agora, meu coração já começou a bater mais forte, mão começou a suar, comecei a andar um pouco devagar porque eu travei, aí o carro deu ré, e eu olhei para aquele vale e pensei, senhor é agora que vai acontecer alguma coisa, no que foi dando ré eu apressei o passo porque eu queria chegar mais perto de onde é mais iluminado, aí o carro depois foi embora, mas depois daquele ainda foram outros carros e eu fiquei, poxa, xingamentos, sabe, ‘viado, puta, vadia, traveco’ apontando e rindo, isso foi borbulhando na minha cabeça. [...] Aí mais carros, entrei em desespero e comecei a sair correndo até a avenida, eu tava ofegante já, sem aguentar o choro mais, e os carros continuavam e gritavam”.*

*A1: “Aconteceu durante um encontro regional, a gente tava na câmara, a câmara estava cheia de travesti, tava uma coisa deliciosa, eu estava me sentindo muito bem e de repente o governador, sei lá quem, soltou o pronome masculino e aí todo mundo começou a gritar ‘é ela, é ela’”.*

*A1: “Eu sei que uma das coisas que me incomoda, mas não vou deixar de fazer é andar de ônibus, o motorista me olha de um jeito, o cobrador me olha de outro, os passageiros olham, mas nunca vai acontecer de me expulsarem. Uber<sup>8</sup> teve uma vez que me senti desconfortável apenas, mas nada que fugiu do controle”.*

*A2: “E quando eu resolvi realmente me assumir como transexual, que eu coloquei uma saia, um salto e uma maquiagem, as pessoas olharem pra você e as pessoas falarem que você não é isso, que você é uma brincadeira, que você tá brincando de boneca”.*

*A2: “Teve uma violência verbal e uma física, a verbal foi recentemente quando eu estava num posto de bebida com meus amigos e eu tava lá, de roupa de menina, sendo ela, aí a gente passou na frente de um carinha e ele falou ‘aff, esse cara merece apanhar’, aí eu olhei assim para a cara dele e perguntei ‘ué, mas por quê?’ e o amigo dele também perguntou ‘ué, mas por quê?’ e ele ‘porque isso aí não é mulher de verdade, isso daí é um traveco, é um homem que se veste de mulher’, eu como sou uma pessoa que consigo relevar muita coisa, fiquei na minha e aí cheguei perto das minhas amigas e contei para elas, e elas fizeram o favor de ir lá e debater com esse cara, eu fui junto, mas não falei nada, e elas chegaram pra ele: ‘então quer dizer que minha amiga merece apanhar? Mas por que ela merece apanhar? Porque ela não é mulher para você? Fique sabendo que ela é uma mulher sim e merece respeito’ e ele falou ‘eu não falei nada disso, ela que escutou demais’, aí foi a hora que eu entrei, ‘mentira, eu escutei muito bem o que você falou, até seu amigo te perguntou porque*

---

<sup>8</sup> Uber é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização, oferecendo um serviço semelhante ao tradicional táxi.

*que eu merecia apanhar e aí vem você com seu sorrisinho sarcástico falou que eu não era uma mulher de verdade para você que eu era um traveco, fique sabendo que isso é preconceito da sua parte, se eu to aqui é porque tenho direito de estar aqui como você’, e ele ‘ai, eu não falei nada demais’ e eu ‘falou sim, se você não é homem de assumir agora, você é um bosta, não é um homem que assume seus erros’ e os amigos dele ficaram olhando para a cara dele e concordaram que foi errado da parte dele. E os amigos dele ficaram de cara feia para ele e vieram me pedir desculpas, mas minhas amigas não quiseram deixar barato, ficaram debatendo com ele, mas eu preferi sair pra não ficar escutando esse cara”.*

**A3:** *“Eu fazia parte da igreja quadrangular e eu tinha uma amizade muito intensa com o filho do pastor e incomodava muita gente e nós éramos apenas amigos e logo a igreja pressionou minha família, dizendo que minha condição era uma doença, que eu precisava ser tratada, então eu fui internada<sup>9</sup> mesmo compulsoriamente”.*

**A3:** *“Tudo aquilo que foi colocado, deles terem queimado minha roupa simbolicamente, deles me fazerem orar 24 horas, jejuar para uma cura que não existe, isso me deu a certeza de que não era por aí o caminho, porque não era uma questão espiritual, era uma questão física, corporal, existencial”.*

**A3:** *“Já experienciei todos os tipos de violência, essas violências vem pra que se faça mais forte, eu estava na rua, eu tinha consciência plena da vulnerabilidade, [...] se eu fiquei aqui pra contar é porque eu soube me defender [...] então eu acho que os episódios mais difíceis pra mim foi um que um rapaz me pegou ali na avenida e me levou na linha de trem e tentou me violentar, lutei com ele por duas horas até eu achar uma forma de sair dali, e ele dizendo o tempo todo que ia me matar, me destruindo psicologicamente, eu estava desesperada, eu ativei mesmo o meu sistema de auto defesa, porque aí eu lutei, apanhei, então aquele foi um momento que eu só escapei porque eu consegui derrubar ele com várias tijoladas na cabeça*

---

<sup>9</sup> A participante relatou que ficou internada nos anos 1995 e 1996.

*dele, e naquele momento eu achei que eu era uma assassina, porque naquele momento enquanto a polícia não chegou e o monstro se levantou, eu achei que eu tinha matado aquele homem. Porque se fosse pra me matar eu ia matar ele primeiro, legítima defesa, então até você chegar de uma criatura delicada que vê o mundo todo rosa e chegar a pensar ‘pô, sou uma assassina, tirei a vida de uma pessoa’”.*

**A3:** *“Outra vez eu tava na Suíça [...] tinha conseguido sair daqui pra Europa, e tentaram me escravizar, tentaram roubar meu passaporte, me prender, me bateram muito, as portas dos meus apartamentos sempre eram pichadas com ‘vou te matar’, lixos jogados na porta do meu apartamento, então eu passei por muitos problemas psíquicos e apesar de tudo sempre fui muito coerente, eu sabia que aquilo era opressão. Quem fazia isso eram pessoas que se aproveitavam de pessoas como eu, que não estavam em condições legais, então isso era uma máfia mesmo, não fui pra Suíça à toa, porque eu sou bonita, eu fui pra dar lucro. Logo que eu entendi que eu estava sendo violentada moralmente, eu peguei meu passaporte e fui pra rua, aí lá na Suíça sim eu morei na rua, mas ainda tive condições de pagar um hotelzinho, quando eu saí pra rua eu entrei no primeiro cabaré que tinha e falei que eu fazia show, fazia programa, pra me ajudarem, que eu tava na rua, aí sempre você encontra pessoas que vão te ajudar querendo lucrar em cima da desgraça, aí é terrível”.*

**A3:** *“Outra vez eu voltei da Suíça e eu trouxe umas semi-joias, aí ladrão entrou dentro de casa querendo joias e me violentou sexualmente também.”*

**A3:** *“Consigno me lembrar de várias agressões verbais, mas delas eu consegui gritar mais alto, então na verdade as pessoas saíram agredidas, eu sou da política do escândalo, quando não há diálogo entre a gente, a gente grita, e se você grita comigo eu grito mais alto que você.”*

*A3: “Já fui chamada pelo nome de registro, já fui humilhada, mal atendida, já dei escândalo em balcão. Mas quando eu passei a me expressar politicamente, com as palavras certas essa questão mudou.”*

*A4: “Eu passei por um atentado, fiquei dois meses internada mais seis na cadeira de rodas e nunca mais tive vontade de usar droga, foi em outubro de 2011, nunca vou esquecer. [...] quando eu passei a violência, foi quando eu vi que não tinha mais nada pra fazer, porque eu saí de casa de vestido curto, cabelão na cintura vermelho, tetão, bonita pra trabalhar, voltei trinta dias depois de cabeça raspada porque fizeram cirurgia na minha cabeça, duas, com esse lado do corpo adormecido, eu manco ainda de uma perna, faço fisioterapia. [...] mas violência mesmo foi esse atentado, que desceram as três pessoas do carro eu tava parada na rua trabalhando e eles falaram ‘agora você vai virar homem’, aí eu já levei um tapa e eles foram me batendo, me batendo, foi na Tiradentes, e aí me mataram e passou um anjo que não sei quem é, e ligou para o SIATE, aí só depois avisaram minha mãe, se não tivesse passado esse anjo pode ser que eu tinha até morrido. Aí tive traumatismo craniano, tive coágulo no cérebro, tanto que tenho uma sequela, por isso que eu manco, essa violência física foi a única, mas foi a que mais me marcou, eu tive que fazer uma plástica no pescoço, porque fiz traqueo e toda vez que eu me olhava no espelho eu lembrava, hoje em dia nem tanto, mas as pessoas perguntava ‘nossa, você levou um tiro aí?’ era horrível, fiquei sem falar esse tempo todo no hospital para recuperar, fiquei 14 dias em coma e mais 2 meses no HU. A polícia foi chamada, mas você realmente acha que eles procuraram? Não, de coração, você acha?”*

*A4: “Aprendi as coisas sozinha, lembra quando eu te disse que meu pai me pôs pra fora? O primeiro carro que eu entrei eu sabia que eu ia fazer um programa, mas eu não sabia de que jeito, quando eu saí desse carro eu pensei que eu nunca mais ia fazer sexo anal na minha*

*vida, de tanto que doeu, foi horrível, traumático, falei 'nunca mais', e a pessoa foi grossa, bruta."*

*A4: "Violência verbal eu já sofri todas, eu sou negra, sou grande, sou pobre e sou travesti, então você tem quatro motivos pra mexer comigo, então você escolhe."*

*A4: "Existem os reincidentes, pessoas que já mexeram comigo no passado hoje em dia eu desvio, o que eu puder evitar eu evito, só que eu sou uma pessoa sangue no olho, se mexer comigo eu revido, já aconteceu de estar no mercado e rancar as teta pra fora, falaram 'ah lá o homem' e eu ergui a camiseta e fiquei chacoalhando as teta, 'olha só, 10 mil só de homem otário que nem você' e o mercado parou, bom, vários episódios deu rancar a roupa, bom hoje em dia eu já estou velha, amadureci um pouco, mas antes era, qualquer coisa eu tirava a roupa, era uma forma de se defender, porque querendo ou não, eles querem ver."*

*A4: "Um dia um cara me deu um tapa na cara durante um programa, eu tava de quatro pra ele virei e ele xingando e puxando meu cabelo, e eu fingindo que tava gostando pra fazer acontecer né e aí ele me deu um tapão, fiquei surda, quebrei o motel inteiro e ele me deu tudo que tinha, eu fui embora de táxi porque se não eu ia quebrar o carro dele, ele pediu pelo amor de Deus, só não quebrei porque a tiazinha do motel pediu pra eu ter calma, mas ela falando comigo e eu ainda tava surda, com um zunido".*

#### **1.4 procurando emprego.**

*AI: "Deixei de procurar um pouco emprego, ir para entrevista de emprego, eu já desisti bastante, até só deu entrar na loja já é algo, mesmo sem procurar emprego, sou alvo de olhares, de comentários, e eu fico naquela, eu tenho certeza de que o proprietário da loja não vai me contratar, porque eu entrando como consumidora já tá rolando tudo isso, imagina como empregada 'nossa, não vou entrar naquela loja porque tem uma travesti lá', então a gente tem que dialogar com esses espaços."*



*A2: “Já fui em bastante loja procurar emprego e muitas falam a gente vai ligar pra você, falam que vão retornar, mas nunca retornam, porque a gente é transexual, falam que tem uma abertura, mas não dão a oportunidade. Porque assim oh, ‘ai a minha empresa não tem esse tipo de padrão, para esse tipo de pessoa’, já escutei muito isso, não vou colocar o nome da loja, e me falaram ‘olha, você é estilosa, competente, você tem toda a qualificação pra trabalhar na nossa loja’ e falaram que iam retornar, marquei entrevista, fui lá, e na entrevista, falaram totalmente ao contrário, ‘é que a nossa empresa não tem abertura pra transexuais, a empresa não se encaixa nesse padrão’ e eu fiquei tipo ‘oi, então porque marcaram essa entrevista comigo? Pra eu passar esse constrangimento?’. Se essa empresa não tem essa abertura, então não precisava nem ter marcado entrevista, só perdi meu tempo lá, ficar escutando babozeira.”*

*A3: “A rua ela destrói tudo que há de bom na gente, é um lugar que é a margem da sociedade sim, a gente ressignifica esse lugar sim, mas eu acho que eu nunca entendi porque eu tinha que está ali, eu sempre quis trabalhar, sempre quis estudar e eu não pude, então é muito difícil.”*

*A4: “Depois do atentado eu estudei, fui tentar trabalhar, mas não consegui, foi quando pus o anúncio que faço programa na internet. Não consegui outro trabalho porque não tive oportunidade, foi uma violência de gênero, eu diria que foi uma omissão de oportunidade, porque foi aquilo ‘ai eu não tenho preconceito, mas aqui você não trabalha’, muitas vezes eu já chorei por isso, porque eu estudei, estudei e não consegui, aconteceu de entregar o currículo e foi eu sair e virar a pessoa estava jogando no lixo.”*

### **1.5 na escola.**

*A2: “Agora a física, foi quando eu era adolescente, tinha uns 15 anos, eu estava em um colégio que estudava em São Paulo, e entrou um menino novo, e eu sempre gostei de fazer várias novas amizades, e esse menino veio de um colégio onde ele tava acostumado a fazer*

*de tudo, a bater nas pessoas, a xingar, e ele começou a me perseguir no colégio, vivia falando que ia me bater, aí uma vez eu tava indo pra minha casa e ele desceu junto comigo no ponto de ônibus na frente da minha casa e começou a me socar dizendo que eu merecia morrer, ‘isso aí é coisa do capeta, pra mim é sem vergonhice’ e me bateu, e eu fiquei machucada e cheguei no colégio no outro dia, o motorista do ônibus viu isso acontecendo e não deixou mais acontecer, foi lá e separou o menino eu cheguei no colégio e o motorista tinha contado para a diretora e ela me chamou para conversar e eu contei tudo pra ela, no mesmo dia tiraram o menino do colégio, expulsaram ele”.*

**A3:** *“Na escola eu fui muito agredida verbalmente e fisicamente, eu nunca fui estuprada por exemplo na escola, eu era convidada a sair e ter relações, mas eu sempre fui mulher trans e eu achava que eu tinha que me apaixonar pra estar com alguém, aquela coisa da princesinha, eu sempre dizia que não”.*

**A4:** *“Professor eu quase rolei no tapa, por preconceito, mas isso foi depois, foi no EJA, depois que eu já era travesti”.*

### **1.6 no atendimento do sistema de saúde.**

**A1:** *“Aconteceu que a gente (participantes A1 e A2) foi na UBS Guanabara (...) e eu falei ‘Eu quero fazer o cartão do SUS com meu nome social, você pode fazer para mim?’. Fui super educada né, porque não é se ele podia, ele tinha que fazer isso. E ele respondeu que não, e eu perguntei ‘por que não?’, e ele disse que o sistema não colocava assim e que ele não sabia como fazer. E na hora eu fiquei sem reação e eu falei para ele ‘Moço, mas assim, tem uma portaria desde 2009 que nos garante a possibilidade de colocar o nome social no cartão do SUS, e se o sistema não deixa, eu acho que vocês estão usando o sistema municipal que não deve ter’ e ele ‘Bom, tudo bem, mas eu não posso fazer isso, se você quiser o cartão do SUS vai ter que ser com esse nome que tá aqui no papel’, e assim, to contando essa história resumida, porque a todo momento ele ficava repetindo meu nome de registro, o que*

*é um constrangimento, super chato. E daí, eu falei para ele, tá bom, eu perguntei se ele não podia só trocar o nome e ele continuou dizendo que não pode, e eu fiquei um tempão repetindo e pedindo por favor, repetindo a lei, falando que eu tenho direito de fazer isso e por que que ele não queria fazer. E ele falou que não foi orientado, e eu falei 'Tá bom, a culpa não é minha que você não foi orientado, às vezes não é nem sua'. E aí ele mudou a postura dele e começou a falar que eu estava no lugar errado, porque 'aqui não muda o documento', e eu falei 'moço, eu sei, eu não quero mudar meu RG, e eu sei que não é aqui que eu faço isso se eu quisesse, eu to querendo meu cartão do SUS com meu nome social' e aí ele falou 'é, mas para isso você vai ter que mudar seu documento primeiro' e eu 'não moço, eu não tenho que mudar primeiro, isso é uma questão do cadastro do cartão mesmo', e ele ficou 'ai, não sei, não posso fazer isso' e aí eu pedi para chamar a chefe e eu comecei a levantar a voz, e minha mãe ficava atrás, 'calma, não vai erguer a voz', e eu 'tá bom, é que eu fico estressada e tals' e daí a enfermeira chefe chegou e eu expliquei para ela o que estava acontecendo, e ela falou 'ta, mas a gente não sabe fazer isso' e eu fiquei tipo 'querida, se vocês não sabem, vocês querem que eu venha aqui orientar? Porque eu tenho capacidade de fazer isso' [...] Nisso, esse dia que eu fui, eu tinha ido a tarde na UBS, aí no outro dia eu fui de manhã porque pensei que não seria o turno daquele cara. Fui lá e realmente tinha outra mulher, aí foi só eu e a A2, minha mãe teve outra coisa para fazer, e falei para ela 'moça, seguinte, eu tinha vindo aqui ontem e eu não consegui fazer o cartão do SUS com o nome social, sendo que está previsto em portaria' aí mostrei os papéis para ela 'e o moço me impediu e minha médica entrou com uma reclamação na ouvidoria e se as coisas piorarem eu vou vir aqui com uma advogada, porque eu tenho total direito de fazer isso, é uma garantia, um direito meu e eu estou exigindo isso'. Aí ela falou 'sim, eu consigo fazer isso' e eu fiquei, nossa, mas a enfermeira chefe não sabia que ela sabia fazer isso. Só que ela fez e imprimiu, mas ela colocou o seguinte, apareceu no mesmo formato do outro, mas assim:*

nome, aí meu nome de registro e embaixo apelido/nome social, junto com o sexo e o número. Aí eu fiquei naquela, meu Deus, isso tá muito errado, e como ela tinha feito, eu já tinha discutido e todo mundo daquela UBS já conhecia a gente porque a gente já tinha feito um escândalo no dia anterior, ela marcou meus exames, fiz um teste rápido no mesmo dia e tals, eu mantive esse cartão por enquanto.[...] Minha médica voltou a fazer a reclamação na ouvidoria, outra vez que voltei lá eu fui bem cedo fazer os exames, nem dei de cara com a enfermeira chefe, mesmo porque ela nem olha na minha cara. E na próxima vez eu quero voltar com a advogada, porque eu não quero discutir, porque aquilo foi tão cansativo para mim, foi horrível eu ficar repetindo e repetindo e as pessoas me olhando como se eu não soubesse de nada, como se eu fosse burra, isso é uma coisa cansativa”.

**A2:** “No posto eles não quiseram colocar nosso (participantes A2 e A1) nome social na carteirinha do SUS, que eles não sabiam fazer, eles não queriam dar essa abertura para gente, porque até então nós éramos as primeiras trans a fazer o cartão ali e um cara começou a olhar a gente e deu risada meio que ‘vocês não são nada’, não queriam dar atenção pra gente, aí foi onde a gente pegou e falou que voltava no outro dia, no outro dia tinha uma moça que falou que entendia do assunto, mas aí nosso cartãozinho tá constando como apelido o nosso nome social, e não é apelido, é o nosso nome por direito. [...] aquele cara ele foi muito grosso com a gente, no começo ele tava falando bem baixinho e depois ele começou a falar alto pra todo mundo escutar como se a gente tivesse ali obrigando ele a fazer alguma coisa, a gente não tava de maneira nenhuma ameaçando ele ou nada disso, a gente só tava pedindo nosso cartãozinho do SUS, como todo mundo tem direito e ele foi muito muito deselegante com a gente”.

**A4:** “No HC tive problema no começo pra usarem meu nome social. [...] Fui na ouvidoria do HC e aí meu documento tá A4 (nome social da participante), só não coloquei o V.

(sobrenome) porque é um nome que ta no site e eu não queria ter vínculo. Mas agora não, na ortopedia, me chamam de moça, reagem eu como mulher”.

**A4:** “Essa fisioterapia que eu te disse, quando eu saí do hospital pelo atentado em 2011 eu pedi a fisioterapia e até hoje não tinha conseguido, acho que foi por discriminação, porque duas pessoas que sofreram acidente de moto depois de mim tiveram fisioterapia já e eu não, depois de 7 anos, agora eu vou ter, porque fui atendida pela ortopedia da UEL.”

### **1.7 por parte da polícia.**

**A2:** “Uma vez sofri uma agressão verbal, quando eu ainda era um menino gay<sup>10</sup>, um policial falou para mim que eu merecia cair na cadeia para ser abusada e aprender a ser homem de verdade. Foi um babaca que passou na rua e me xingou, e eu fiquei tipo, ‘meu, quem é você? Você deveria me dar respeito, está aqui pra nossa proteção e não pra ficar nos agredindo verbalmente’ e ele falou ‘vai embora, vai embora se não vou bater em você’, e eu falei ‘você pode até me bater, mas no outro dia você perde seu emprego ou vai pra cadeia’ e ele ‘ah, ta bom então, vai embora’. Eu sempre fui muito afeminada, e homem acha que a gente merece ficar escutando coisa desnecessária, você sendo mulher trans, bi, sendo gay, eles acham que tem direito de falar essas coisas pra gente, eu não gosto muito de polícia pra ser sincera, porque é uma corrupção tão grande entre eles também, não que eu seja melhor que eles, mas já que eles tão ali pra fazer o trabalho deles, então faça, não fique agredindo a gente verbalmente ou nos bata na rua.”

**A3:** “Os policiais foram indiferentes, porque eu sou prostituta, perguntaram se eu fui porque quis, perguntaram se eu conhecia o cara ou o carro, se eu sabia a placa, ‘ah, então não posso fazer nada por você, quer ir pro hospital?’ e eu ‘ah, não, to nada quebrada, então me leva pra casa’, nem fiz boletim de ocorrência pelo acolhimento, eles nem me ofereceram essa

---

<sup>10</sup> A participante relatou que antes de se perceber e se considerar mulher transexual, era reconhecida como um “menino gay”

*possibilidade se eu queria fazer um B.O. e eu só queria voltar pra casa né, porque afinal de contas eu poderia não ter voltado, né.”*

**A3:** *“Outra vez eu voltei da Suíça e eu trouxe umas semi-joias, aí ladrão entrou dentro de casa querendo joias e me violentou sexualmente também, aí quando eu cheguei na delegacia eles não respeitaram meu nome, e aí a escritã, uma mulher cis ela dizia que o que valia era o que tava na minha identidade, e eu disse, ‘bom, enquanto você me chamar pelo nome que ta na minha identidade eu não respondo você’, até a hora que ela me chamou pelo meu nome, eu respondi, então foi um posicionamento político, eu fiquei horas lá sentada.”*

**A3:** *“Já houve enquadramento injustificado, teve uma operação parecida com a Tarantula, onde tava tendo muita reclamação de roubo nas avenidas de prostituição e aí eles resolveram fichar todo mundo e fizeram uma operação truculenta, nesse dia eu fui presa. E também uma outra vez me pegaram fumando um beck e aí ele me levou por causa desse cigarrinho, mas foram questões ridículas, pela transfobia, questão de querer humilhar, querer multar, pegar o dinheiro, abusar fisicamente, psicologicamente, nessa noite eles me levaram pra delegacia e ficaram 15 homens me olhando tirar a roupa e aí quando terminaram o show um deles pegou na minha teta e deu uma apertadinha ‘é de verdade?’, ridículos sabe?”*

**A4:** *“Mas violência mesmo foi esse atentado [...] a polícia foi chamada, mas você realmente acha que eles procuraram? Não, de coração, você acha?”*

### **1.8 nos relacionamentos.**

**A1:** *“Uma coisa que eu parei para fazer até uma pesquisinha, para ver o quanto eu era passível, foi o tinder<sup>11</sup>, eu sentia que quando eu colocava na minha bio<sup>12</sup> que eu era uma*

---

<sup>11</sup> Tinder é uma aplicação multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos online cruzando informações pessoais das redes sociais e localizando as pessoas geograficamente próximas.

*mulher trans, transexual, travesti e deixei por um bom tempo e tinha aquela gama de caras que dava like<sup>13</sup> em mim, eu dava match<sup>14</sup> e aí apagavam o like, tinha outros que dava match e eles vinham pedir desculpas, porque ‘só ficava com meninas’, e eu ficava naquela ‘tá, tudo bem, mas eu também sou uma menina’ e eles apagavam o match, e também por mais um desconhecimento. [...] Teve um momento em que eu tirei da bio isso e deixei só umas fotos, a questão mudou, os matchs diminuíram, eu percebi que era pela dúvida eu acho, porque aí as pessoas iam ver minhas fotos, se você não entrega de bandeja e uma pessoa tá na dúvida e descobre, ela fica ‘nossa, mas você mentiu para mim’ e aí existe uma culpabilização e vitimação horrível, de que de alguma maneira eu não estou sendo leal a ela, em dizer a verdade, que verdade é essa? Pelo amor de Deus.”*

**A3:** *“Por exemplo na escola, eu era convidada a sair e ter relações, mas eu sempre fui mulher trans e eu achava que eu tinha que me apaixonar pra estar com alguém, aquela coisa da princesinha, eu sempre dizia que não”.*

**A3:** *“Então pra travesti não tem essa perspectiva de relação mais afetivas, ninguém quer namorar com a travesti.”*

**A4:** *“E aí comecei aquela história de arrumar as meninas pros meninos, mas daí (risos) as meninas só beijavam, então assim, o que sobrava era meu, tipo assim, eu terminava a obra, elas beijavam e eu terminava o serviço, mas elas não sabiam, isso com 12, 13 anos. [...] como eu te falei, eu andava com as meninas e os meninos precisavam de mim, mas eles comigo era escondido, até batiam se contava.”*

### **1.9 na cultura travesti (entre pares).**

---

<sup>12</sup> Termo utilizado para o perfil de sua conta no Tinder, que continha suas informações e fotos.

<sup>13</sup> Refere-se à quando o usuário do Tinder demonstra interesse pelo seu perfil, deslizando o dedo sobre a tela para direita (arrastando o perfil de uma pessoa).

<sup>14</sup> Termo que indica quando dois usuários estão mutuamente interessados um pelo outro, eles são informados e podem começar uma conversa.

*A1: “A gente sabe que nos bastidores da pornografia está a prostituição, alguém convidou ela para estar ali, raras as vezes penso que ela que procurou o estúdio, na rua procuraram qual era a melhor, a melhor travesti. Isso fode bastante, porque gera muita competição de quem é a melhor travesti para ser consumida, então assim, a pornografia, a sexualização, a erotização e o fetiche, dialogam muito com a prostituição da travesti.”*

*A3: “Então hoje você tem as hormonizadas, as de hormonioterapia, aquelas que querem malhar, que querem o corpo saudável, porque a gente questionou isso lá na década de 90 na era do Palmex, então tinha uma opressão da própria cultura travesti contra o corpo travesti, isso é uma violência, eu ter que bombar dois litros de silicone, injetar no meu quadril sem eu querer, não posso, não vou carregar isso, eu sou atriz, é bastante perigoso. O movimento travesti cresceu muito, se abriu, a gente reconheceu as outras formas de ser, de existir, hoje em dia a gente reconhece sim a não binariedade, porque quando ela não participa da hormonioterapia e de certa forma ela transborda, ela vai viver esse preconceito.”*

*A4: “Chegou uma fase que todas já estavam siliconadas e eu tava ficando para trás, e você sabe que é um açougue né, a carne da vez, aí tive que colocar, aí coloquei, fiquei bonita.”*

### **1.10 na internet.**

*A1: “Situações assim que eu lidei mais virtualmente, foram situações de transfobia na internet mesmo. Foi coisa que eu mesma lidava com essas pessoas, eu excluía sabe, foda-se, um pouco no facebook, no instagram um pouco também.”*

Todas as participantes relataram situações em que experienciaram estimulação aversiva, com exemplos de violência verbal, física, sexual e institucional. Nota-se que vivenciaram contextos hostis em diferentes grupos e locais, e por diversas vezes, o que demonstra um padrão de comportamento por parte dos agressores. O termo que se utiliza quando se fala de preconceito contra a população trans é “transfobia”, que caracteriza



percepções estereotipadas negativas e atos discriminatórios contra travestis e transexuais, sendo um problema social e cultural gravíssimo (Jesus, 2014).

Pode-se identificar que os contextos relatados nesta categoria em que as participantes viveram foram coercitivos, pois a coerção é controle por meio de reforçamento negativo e punição, envolvendo estímulos aversivos. Nota-se nos relatos que por conta das experiências aversivas que passaram, desenvolveram repertório comportamental de fuga, esquiva e de contracontrole (Sidman, 1995). Quando o organismo emite um comportamento de se afastar daquele estímulo e que remove a estimulação aversiva denomina-se fuga (Skinner, 2003). Como por exemplos nos casos em que houveram violência verbal e as participantes saíram do ambiente ou saíram correndo para um lugar seguro, saíram de casa, mudaram de cidade ou usaram drogas para escapar da realidade das ruas.

Comportamentos que previnem a ocorrência ou reduzam a magnitude do estímulo aversivo frente à uma ameaça são chamados de esquiva (Skinner, 2003). Identifica-se os comportamentos com função de esquiva nas falas das participantes quando dizem que preferem ficar longe de ambientes que não as fazem bem, quando duas das participantes decidiram ir resolver a questão do cartão do SUS em outro horário, para não encontrarem o homem com quem haviam discutido no dia anterior, quando uma participante relatou que quando vê pessoas que já a incomodaram no passado, desvia.

Outro exemplo de esquiva é quando o indivíduo desiste de enfrentar situações punitivas, como na procura por emprego relatada pelas participantes. Considera-se que o comportamento de procurar emprego foi punido pelos agentes, pois frente àquelas situações, houve diminuição da probabilidade de emitirem comportamentos de entregar currículo, de irem em entrevistas novamente. “Desistir de aspectos coercitivos, mas importantes, da vida pode empobrecer severamente nossa existência. A sociedade também é a perdedora quando um indivíduo pára de participar” (Sidman, 1995, p. 118).

No caso do contracontrole, o organismo emite uma nova resposta que impede que o agente fonte da estimulação aversiva mantenha o controle sobre seu comportamento (Moreira & Medeiros, 2007), como por exemplo, nos casos em que A3 não responde a escrivã da polícia até que a chame pelo nome social, ou quando A1 começa a fazer fotografia para se manter no mundo da arte e experienciar roupas e se autoconhecer, já que o teatro havia sido proibido pelo pai.

Outro efeito colateral da coerção, que também é considerado contracontrole, é a agressão, pois se as pessoas não podem fugir ou esquivar-se, elas se comportarão de outra maneira para acabar com a punição ou a ameaça de punição (Sidman, 1995). Exemplos desse tipo de contracontrole relatados pelas participantes são os casos em que revidaram verbalmente alguma agressão verbal, quando dizem ser da política do escândalo, ou quando precisaram agredir fisicamente pela própria sobrevivência.

Naturalmente, os repertórios comportamentais de fuga, esQUIVA e contracontrole são muito úteis, pois são classes de comportamentos que os organismos desenvolveram que permitiram a sobrevivência frente às situações perigosas ou potencialmente perigosas. Porém, os subprodutos de uma vida baseada no reforçamento negativo e na punição são prejudiciais a qualidade de vida do indivíduo, deixando-os temerosos de novidades, com medo de explorar e variar comportamentos. Violência, opressão, agressão, ansiedade, depressão, inflexibilidade emocional e intelectual, autodestruição, raiva, doenças geradas por estresse e estado geral de infelicidade são exemplos dos subprodutos da coerção (Sidman, 1995).

## **2. Possíveis Reforçadores Sociais:**

Foram considerados nesta categoria estímulos que são possíveis reforçadores (que podem aumentar a probabilidade de tal comportamento ocorrer novamente), não por determinação física específica, mas por terem adquirido poder reforçador mediante um processo de condicionamento por meio da comunidade verbal. Tais reforçadores só são

considerados sociais pois, o processo requer a mediação de outro organismo (Skinner, 2003). Nesta categoria foram classificadas sete subcategorias de acordo com o ambiente social que proporcionaram os possíveis reforçadores sociais, são elas: *Por parte da família; Por parte de amigos; Por parte da comunidade LGBT e entre pares; Por parte da sociedade; Na escola; No teatro; No Atendimento do Sistema de Saúde.*

### **2.1 por parte da família.**

*AI: “Falei para ela (mãe da participante) ‘vamos trabalhar para que eu me sinta segura em casa, que eu não tenha medo de chegar em casa, que eu não prefira ficar na rua do que em casa’, ela concordou comigo.*

*AI: “Hoje tento pontuar para ela (mãe da participante) quando ela conversa com o meu pai o que é abusivo e o que é machista, e mais ainda meu irmão, que ele tem uns comportamentos abusivos e machistas com a namorada dele, então a minha mãe, como eu não tenho tempo para lidar com essas questões, ela vai lá conversar com ele sobre isso. Eu fico feliz que isso esteja acontecendo porque é uma maneira da gente reconstruir nossa família, a gente passou por tanta coisa ruim e agora estamos reconstruindo.”*

*AI: “Tem uma ex-babá da minha mãe que é super de idade e super bem resolvida e eu cheguei nas férias e falei para ela, minha mãe falou para ela ‘olha, é uma menina agora, tudo bem?’ e ela ‘tudo bem, qual seu nome agora?’ porque ela já sabe que troca de nome, e aí eu falei e foi super de boa, a minha vó também é super bem resolvida e foi de boa. Gente bem resolvida não tem problema de viver com a diferença. Aprendizagem tem muita influência, minha mãe está até hoje aprendendo os termos. Acredito que ter uma pessoa trans na família tem muito a acrescentar, e eu sempre tento explicar, ‘sabe que nem foram dadas as coisas para você como menina, então, foram dadas para mim também, mas eu não gostava, e eu optei por mudar, não me identifico dessa maneira’, agora uma pessoa que é tão*

*mal resolvida consigo mesma, é muito difícil ela entender isso. Hoje eu vivo numa paz que eu não tive há muito tempo.”*

*A2: “Meus irmãos eles sempre tiveram preconceito por conta do meu pai, então acabou pegando esse jeito carrasco do meu pai. Mas agora que eu fui e me assumi como transexual pra eles parece que tudo mudou, não sei se eles estavam esperando eu chegar lá e contar, mas meus irmãos agora me chamam de A2 (nome social da participante), o dia que eu escutei isso, comecei a chorar, porque eu queria muito isso, a gente sempre quer aquele abraço da família, ser apoiado pela família, tem um mês essa conversa, bem recente.”*

*A2: “O dia que eu comecei a conversar com meu pai foi o maior chororô, ele sabia que eu me assumia como homossexual, mas ele não imaginava que eu ia passar por outra mudança, porque eu nunca me vi como menino, nem como menino gay, sabe quando você acha que ‘eu não encaixo aqui, ou ali, eu preciso de mais’, eu preciso me descobrir, foi quando eu vim pra cá eu me descobri transexual, e aí quando eu fui pra casa do meu pai e contei pra ele, começou a chorar, e ele disse que a única coisa que não iria mudar é que eu não ia deixar de ser filho dele, mesmo eu me assumindo como outra pessoa, trocando de nome, ele disse que não sabe como vai ser daqui pro futuro, mas tanto, teve um dia que eu tava na casa dele e saiu um A2 (nome social da participante) da boca dele sem querer e eu pensei ‘nossa, não to acreditando’ aí eu peguei e chamei meu irmão no canto e perguntei se o pai tinha me chamado de A2 e ele disse que também tinha escutado, então não é coisa da minha cabeça.”*

## **2.2 por parte de amigos.**

*A1: “2017 foi uma questão de manutenção da personalidade que eu criei e também a que eu almejo ser [...] fiz amizades [...] e chegou final do ano que eu estava almejando muitas coisas, conheci a A3, conheci várias pessoas ao meu redor, que é um time, conheci o*

*Coletivo Elity<sup>15</sup>, a Cia Translúcidas<sup>16</sup>, voltei para o teatro como AI (nome social), para o Translúcidas, me convidaram e aconteceu, retornei. O mais legal que nessa apresentação de agora, um amigo meu do antigo teatro, daquela turma, estava na apresentação e me falaram que sentiram orgulho, de ver o quanto eu mudei e to segura, maravilhosa, isso é um feedback muito bom, isso é um indicativo que eu to no caminho certo.”*

*AI: “a L. (amiga) foi a coisa mais forte que aconteceu na minha vida até então [...] a gente passava horas e horas conversando e conquistamos uma intimidade, dentro disso, ela começou a ver mais minha complexidade, ela tentava trabalhar essas questões em mim, eu não tinha motivos para ter insegurança com ela. Ela me contava os problemas delas também, ela me ajudou a me relacionar com as pessoas, de começar a sair, deu me relacionar com caras, quanto mais eu tinha amizade com ela, mais eu melhorava meu relacionamento em casa e social, ter amigos.”*

*AI: “E eu sempre conversando muito com a L. e ela sempre aplaudindo o que eu fazia, valorizando aquilo que eu tava desempenhando e eu conversei com ela e falei ‘L. eu acho que eu sou trans sim, mas acho que eu sou não-binário’, fui trabalhar com isso em mim.”*

*AI: “Fui aprendendo a passar batom, gostava, eu tinha mania de raspar meu cabelo e foi uma época que deixei o cabelo crescer e depois raspei o cabelo na zero, então eu de cabeça raspada com batom na boca, eu gostava do marrom, do rosa não ficava muito bom. E eu conversava com a S. e com a L. e ambas eu mandava foto e elas em elogiavam.”*

*AI: “Quando eu falei em voz alta (o nome social), eu senti uma potência nesse nome, foi aquela coisa, eu acho que é isso! Fui falar para a L. e ela super feliz por mim.”*

---

<sup>15</sup> Coletivo ElityTrans é um grupo formado por travestis e transexuais de uma cidade do interior do Paraná.

<sup>16</sup> Cia. Translúcidas de Teatro compartilha o resultado das experimentações teatrais realizadas com o grupo, formado em julho de 2016. O Translúcidas é resultado de um processo de oficinas teatrais que foi acompanhado de uma pesquisa de mestrado em psicologia, sob orientação de Wiliam Siqueira Peres, na Unesp de Assis.

*A2: “Eu tenho meus amigos de hoje, do colégio que me conheceram de um jeito, e hoje eles me vêem de outro de jeito e tenho um apoio enorme deles, eles falam assim ‘se isso tá te fazendo bem, jamais deixe outra pessoa vim e falar alguma coisa que te deixe para baixo’ eles sempre falam que é para eu erguer a cabeça e seguir em frente.”*

### **2.3 por parte da comunidade LGBT e entre pares.**

*AI: “Então foi mais potente, até que chegou dia 08 de março, dia da mulher e o coletivo Eva ia fazer uma manifestação e eles me chamaram para organizar e eu fiquei, nossa gostoso, eu estava trabalhando essa identidade em mim e tive uma reafirmação dos outros sobre essa identidade, foi quando eu senti o feminismo me abraçando, abraçando a questão trans. O reconhecimento, foi um período muito chave e emocionante, quando eu fui no encontro eu encontrei minha professora, aquela do ensino médio, das causas LGBT e aquilo eu fiquei sem reação e ela ficou muito orgulhosa e feliz por mim, me senti super abraçada, eu quase chorei naquele momento. Porque ver uma pessoa que me conheceu muito antes e não acompanhou esse crescimento, mas me viu depois, ela falou para as amigas dela, foi lindo.”*

*AI: “Eu senti que eu tava sendo importante, que as pessoas se importavam comigo, eu me senti muito acolhida, a sensação foi muito legal, tiraram foto, postaram, fiquei toda exaltada. De repente, quando fui conversar com a L. ‘olha só que bacana, fui participar da marcha, da organização, acabei vendo a professora e as pessoas gostaram de me ver, e eu nunca tinha passado por isso, de ver as pessoas se importando comigo, de perguntar se você tá bem’. Respeitaram minha identidade, meu pronome, queriam saber minha opinião, o que eu achava.”*

*AI: “E até que foi o período que me aproximei mais da A3 e foi o momento que voltou tudo aquilo, potencializou tudo aquilo, quanto mais contato eu tive, mais eu me potencializei, hoje eu não volto mais atrás de nada, e mesmo passando por cada coisa chata que me ocorre, eu continuo me empoderando, eu to forte, sabe.”*

*A1: “Aconteceu durante um encontro regional, a gente tava na câmara, a câmara estava cheia de travesti, tava uma coisa deliciosa, eu estava me sentindo muito bem e de repente o governador, sei lá quem, soltou o pronome masculino e aí todo mundo começou a gritar ‘é ela, é ela’, foi uma potência forte, nem eu consegui segurar a emoção, eu estava em grupo e era suficiente para me impor, porque eu tenho essa concepção de que nem sempre eu vou estar segura para me impor, mas eu tento fazer o máximo para não me sentir mal. Quando não tenho apoio, respaldo, fica a vulnerabilidade.”*

*A2: “O ano passado entrei para Cia Translúcidas e comecei a me envolver no ElityTrans, conheci a A3, ela para mim é uma pessoa muito inspiradora que está ali lutando por nossos direitos, desde muito tempo, ela é uma das primeiras, e ela foi um pilar muito importante da minha vida ela falou ‘A2 (nome social da participante), se você é assim, não importa o que os outros vão falar, seja feliz’, a gente sofre preconceitos de todos os tipos, mas se a gente abaixar a cabeça, é aí que a sociedade vai pisar mais, temos que mostrar que a gente é capaz, que a gente tem força, eles vão querer pisar, mas não vão conseguir, porque vamos ser mais fortes.”*

*A3: “Eu não morei na rua porque fui para um hotelzinho e daquele hotelzinho conheci outras travestis e fui convidada pra casa delas, é o que acontece geralmente quando a gente sai de casa sem eira nem beira, sempre tem uma outra menina que tem uma casa e acolhe, porque sabe que é comum.”*

#### **2.4 por parte da sociedade.**

*A1: “Quanto mais pessoas tiverem para caminhar junto, fortalecer mais o coletivo, municipal, estadual, nacional, para que a gente potencializar cada vez mais, não acho que é um futuro tão distante. E eu acho que eu já estou quebrando barreiras, eu nunca imaginei que com 18 anos eu ia compor uma banca, os estudantes foram lá apresentar o tcc, e depois todos iam estar lá para ouvir minha opinião. Nunca pensei que eu ia ser convidada para*

*entrar e falar na PUC. Participando de trabalhos como o seu, no teatro, contribuindo com tv, com rádio, na rádio alma. Rumo a entrar na UEL, pensando em rodar o Brasil com o Transtornada eu. Acho que são muitas as expectativas, e é tudo para amanhã, não acho que está tão longe.”*

*A3: “Nessa época não havia nem discussão sobre o nome social, devia ser 2002, 2001, acho que entre 1999 e 2000, mais ou menos. Então não existia essa discussão, acabava que a gente não tinha boas relações com esse sistema, ele era opressivo e a gente éramos as oprimidas. Hoje você poder chegar no tribunal, no cartório e dizer sou trans quero mudar meu documento, meu Deus do céu, isso é um avanço que não tem preço.”*

*A3: “Eu posso hoje, de repente, eu posso ir lá e resolver tudo, sem burocracia, mas por 40 anos não foi assim. Então, nossa, oxalá essas meninas que vem agora sabe, valorizem realmente né.”*

*A3: “Hoje eu tive uma experiência bem interessante, era por volta do meio dia e eu tava no terminal [...] então eu entrei assim e vi aquele monte de adolescente e parei e ninguém me olhou, e de repente eu vi quatro adolescentes parados na minha frente perto do banheiro e um passou e vejo a menina gritar ‘seu normal’ (risos) e eu olhei e ri, e ela falou ‘porque ser normal pra mim é uma ofensa’, então assim, uma menina que 15 anos já questionando o que a sociedade impõe, e por essa simples brincadeira eu sei que é uma pessoa que questiona seu lugar no mundo, questiona a normalidade e ela não considera isso bom, considera isso pejorativo, porque todo mundo tem o direito de ser fora do padrão. Ela é muito mais que isso, ela transborda, e eu pensei ‘meu Deus, isso é algo que ta acontecendo’ e isso precisa ser tratado com a devida importância, porque são adolescentes, são crianças que já tem uma formação, uma noção do que ta acontecendo, muito mais que muito adulto [...] E aí quando eu vejo uma pessoa empoderada eu penso que lindo.”*



**A4:** *“Acho que a coisa melhorou muito hoje em dia, hoje em dia você dorme gay, amanhã você veste saia e povo bate palma, acho que a tecnologia, o alcance de informação é uma coisa que está em pauta, antes não se falava, é um assunto que pelo preconceito está em pauta, mas tá sendo para uma boa pauta, as novelas estão mostrando.”*

### **2.5 na escola.**

**A1:** *“Tinha uma professora feminista e defensora das causas LGBT na escola, e eu queria muito me apossar desse discurso, porque eu me sentia muito contemplada nesse discurso, nessas causas, então eu queria conhecer cada vez mais, mas eu era muito leiga.”*

**A2:** *“No nosso trote no terceiro ano quando a gente apareceu de vestido e todo mundo começou a falar como a gente tava linda, que isso combinava com a gente, que a gente não precisava esconder das pessoas, foi quando a gente trouxe isso pra nossa vida e estamos nessa até hoje.”*

### **2.6 no teatro.**

**A1:** *“Aqui foi onde eu me encontrei como trans, comecei a fazer teatro. Converso com as pessoas que a minha vida só começou aqui nessa cidade, antes eu só estava vivendo com aquele corpo monótono, eu não gostava de nada, só tava ali, aqui que comecei a viver meus sonhos, meus desejos, que comecei a desempenhar esse futuro. Eu conseguia ver esse futuro, fiquei aliviada que aqui eu ia conseguir ser eu.”*

**A1:** *“Foi quando eu comecei o teatro, foi muito forte, era pra escolher um personagem livre, e eu escolhi interpretar uma cigana, porque minha mãe tinha as coisas de cigana por conta da religião, e eu pedi emprestado, e aí ela começou a perceber, até então eu nunca tinha conversado com ela sobre isso, falei pra ela que era para o teatro, o teatro foi um dos melhores pretextos da minha vida para instrumentar meu corpo, então quando eu construí um pouco, eu perguntei pra minha mãe ‘mãe, me empresta uma saia?’ e ela: ‘empresto’, e eu ‘mãe, me empresta um batom’, e ela: ‘empresto’ e eu ‘me empresta as coisas de cigana?’, e*

*ela emprestou. [...] a coisa mais louca foi que o pessoal gostou muito mesmo de como eu incorporei e em todos os ensaios que eu fazia eu incorporava muito o estereótipo da cigana e aquilo ficou muito forte em mim, até que eu perdi o controle. [...] Pediam para tirar foto comigo assim, e daí aconteceu, minha mãe veio me buscar e ela ‘ué, você vai embora assim?’ e eu: ‘ai mãe, to com preguiça de tirar as peças, vamos embora assim?’, então tá, vamos, em casa ela ficou até feliz, ela gostou de me ver daquela maneira.*

*AI: “O que meu pai não podia imaginar, é que tinha algo mais além do teatro, meu desejo foi sim me apresentar nos palcos, onde me sinto livre, mas para além daquilo o teatro estava me proporcionando uma coisa grandiosa, eu tava experimentando a extensão, uma coisa mais exaltada de mim mesma, e eu não me parava em nenhum momento.”*

*AI: “A cena foi se construindo a partir daquilo, então eu carregou comigo que a peça Transtornada, eu? foi mais uma coisa que veio para salvar do que para entreter, é uma reafirmação que eu tenho sempre que eu ensaio de que eu to no caminho certo. Por mais que passei por um momento horrível, de surto eu produzi algo, eu to sempre produzindo algo em cena. E eu começo com aquela indagação ‘Quem é essa criança? Ela ta sozinha’ até o momento da comparação com o homem que chega, daí eu dou uma discorrida sobre esse homem que ele acha que pode, que ele acha que deve para provar a masculinidade dele. E aí vem a comparação, ‘o que é mais frágil, o coração do homem ou o corpo da criança?’ e quando eu falo isso, eu penso naquilo que eu falei, o que que motivou esse cara a fazer isso comigo (refere-se à violência sexual sofrida).”*

*A2: “Foi quando eu resolvi sair do teatro e resolvi entrar para a produção de figurino, foi aí que consegui me encontrar, o pessoal me deu muito apoio, me fez muito bem, no dia da peça minha mãe foi, ela viu que eu não estava brincando, que as pessoas lá dentro me respeitam.”*

## **2.7 atendimento Sistema de Saúde.**

*AI: “A A2 passou um pouco mal e a gente foi na UBS ali perto, e a A3 foi com ela e me contaram que trataram a A2 super bem, receptiva, com nome social e tudo mais. Aí eu fiquei, nossa que legal, que bacana, então eu fiquei com aquela idéia de que tinha sido bem bacana!”.*

Enquanto o reforçamento negativo desenvolve um repertório comportamental restrito, baseado no medo, na ansiedade e no alívio, o reforçamento positivo deixa o indivíduo livre para satisfazer suas curiosidades e tem como subproduto sentimentos de satisfação (Sidman, 1995). Para falar de reforçador social, é importante destacar que esses estímulos só adquiriram esta função por meio da comunidade verbal, com a mediação dos organismo com outras fontes de reforçamento. No campo do comportamento social encontramos importantes reforçadores generalizados, que foram exemplificados nos relatos, são eles: a atenção, a aprovação e a afeição (Skinner, 2003).

Os comportamentos reforçados por meio da mediação de outras pessoas variam de ocasião para ocasião. Respostas diferentes podem conseguir o mesmo efeito ou uma resposta pode conseguir efeitos diferentes dependendo do contexto, o que resulta em um repertório comportamental social ser mais extenso e flexível que comportamentos reforçados pelo ambiente mecânico. Assim, um indivíduo consegue mudar prontamente de uma resposta para outra quando o comportamento não for eficaz (Skinner, 2003).

Observa-se nos relatos que chamar pelo pronome que se identificam, chamar pelo nome social, elogiar vestimentas, ou pedir a opinião e participação em diferentes contextos sociais, foram consequências que possivelmente ampliaram o repertório comportamental das participantes e que geraram sentimentos de reafirmação de suas identidades e de satisfação. E as pessoas ou instituições que possivelmente reforçaram os comportamentos das participantes positivamente por meio da atenção, da aprovação e da afeição se destacaram, como por exemplo o teatro dando a oportunidade delas vivenciarem experiências corporais referentes

ao gênero que se identificam, a ex-babá da A1 perguntando qual seu nome social, os irmãos de A2 chamando-a pelo nome social, quando A3 refere-se a facilidade de mudar burocraticamente seus documentos.

Julga-se certos padrões de comportamento como importantes, amigáveis ou inamistosos por suas consequências sociais (Skinner, 2003). O ambiente social é responsável pelo desenvolvimento dos padrões emocionais dos indivíduos, por meio das consequências de seus comportamentos. As famílias, os amigos, as instituições têm grande influência neste aspecto, quando oferecem as pessoas oportunidades para o recebimento de reforçadores positivos, deparam-se com pessoas felizes e autoconfiantes (Sidman, 1995).

### **3. Eventos Privados:**

São chamados de eventos privados aquelas sensações e comportamentos que tem sua observabilidade restrita, como por exemplo parte da classe de comportamentos que envolvem o pensar e o sentir, mas seguem as mesmas leis do mundo natural e físico que os eventos públicos (Malerbi, & Matos, 1992; Pompermaier, Pimentel, & Melo, 2016; Skinner, 1990/2010). Foram selecionados nesta categoria os relatos das participantes que referem-se às sensações, sentimentos, emoções, desejos, autoimagem, autoestima, autoconhecimento e também aos comportamentos públicos que acompanhavam essas descrições. Os relatos foram separados em duas subcategorias de acordo com o contexto, a primeira chamada de *Ambiente acolhedor - contingências amenas*, que contou com relatos de situações que desenvolveram comportamentos pró-sociais, sentimentos e emoções positivas e *Ambiente coercitivo*, que propiciou comportamentos com função de fuga e esquiva, comportamentos auto-lesivos e desenvolveu sentimentos e emoções negativas.

#### **3.1 ambiente acolhedor - contingências amenas.**

*AI: “A minha vida só começou aqui nessa cidade, antes eu só estava vivendo com aquele corpo monótono, eu não gostava de nada, só tava ali, aqui que comecei a viver meus sonhos,*

*meus desejos, que comecei a desempenhar esse futuro. Eu conseguia ver esse futuro, fiquei aliviada que aqui eu ia conseguir ser eu”*(refere-se a mudança de Estado onde vivia com o pai).

*AI: “A gente (A1 e amiga L.) passava horas e horas conversando e conquistamos uma intimidade, dentro disso, ela começou a ver mais minha complexidade, ela tentava trabalhar essas questões em mim, eu não tinha motivos para ter insegurança com ela.”*

*AI: “A gente (A1 e L.) foi dialogando e construindo cada vez mais, até quando eu me resguardei um pouco de conversar com ela sobre isso, pois eu já tinha todo conteúdo que eu precisava, agora eu precisava ver o que eu ia colocar em mim, desse empoderamento, dessas identidades, desses termos, desse conteúdo, o que isso influenciava na minha vida.”*

*AI: “2016 foi o ano da aplicação desses conhecimentos na minha vida, eu vi que meus relacionamentos estava melhorados, eu discutia muito se o que eu tinha era depressão (...) Aí eu fui reparar, assim, que eu não tinha mais tendência ao suicídio, que eu não pensava mais em suicídio.”*

*AI: “O que meu pai não podia imaginar, é que tinha algo mais além do teatro, meu desejo foi sim me apresentar nos palcos, onde me sinto livre, mas para além daquilo o teatro estava me proporcionando uma coisa grandiosa, eu tava experimentando a extensão, uma coisa mais exaltada de mim mesma, e eu não me parava em nenhum momento. E eu sempre conversando muito com a L. e ela sempre aplaudindo o que eu fazia, valorizando aquilo que eu tava desempenhando e eu conversei com ela e falei ‘L. eu acho que eu sou trans sim, mas acho que eu sou não-binário’, fui trabalhar com isso em mim.”*

*AI: “Eu vi aquele corpo masculino usando roupas ditas femininas, a Liniker<sup>17</sup> para mim, foi aquela coisa, eu pude personificar aquilo, fez sentido para mim. [...] quando eu vi a Liniker*

---

<sup>17</sup> Liniker é vocalista da banda Liniker e os Caramelows. Também compõe e canta músicas de gênero soul e black music. Seu visual desconstrói de forma enfática os códigos imputados ao

*na minha vida, na minha frente, foi como se meu cadeado tivesse dado uma soltadinha, eu fiquei sem palavras por um bom tempo, eu não sabia explicar o quão representada eu estava naquele momento. Não sabia dizer o quão especial foi aquilo para mim, ver aquele corpo daquele jeito e estar feliz, vibrante, positivo. E eu voltei naquelas questões ‘Por que eu não posso ser assim? Porque eu não posso ser feliz? Será que eu não posso ser feliz porque a sociedade não me permite ou eu não estava me permitindo?’ Eu percebi que eram ambas as coisas, a sociedade mexia comigo, mas também que eu não me permitia muito porque eu não me achava naquele contexto.”*

**A1:** *“E quando eu fui me olhar no espelho, eu vi a A1 (nome social da participante), eu podia me ver no espelho, eu via uma travesti, não aquela dos estigmas, mas eu saber que eu era uma potência, e eu trabalhar isso em mim, eu queria potencializar todo mundo.”*

**A1:** *“No dia da marcha eu pude ver que as meninas estavam muito na defensiva, que se alguém tentasse chegar para cima de mim, todas iam para cima da pessoa, mas graças a Deus não aconteceu nada, nada constrangedor, mas eu senti que eu tava sendo importante, que as pessoas se importavam comigo, eu me senti muito acolhida, a sensação foi muito legal, tiraram foto, postaram, fiquei toda exaltada.”*

**A1:** *“E até que foi o período que me aproximei mais da A3 e foi o momento que voltou tudo aquilo, potencializou tudo aquilo, quanto mais contato eu tive, mais eu me potencializei, hoje eu não volto mais atrás de nada, e mesmo passando por cada coisa chata que me ocorre, eu continuo me empoderando, eu to forte, sabe.”*

**A2:** *“Foi quando eu resolvi sair do teatro e resolvi entrar para a produção de figurino, foi aí que consegui me encontrar, o pessoal me deu muito apoio, me fez muito bem, no dia da peça minha mãe foi, ela viu que eu não estava brincando, que as pessoas lá dentro me respeitam.”*

---

sexo masculino e não se define como homem, nem como mulher, sendo um exemplo de pessoa não-binária.

**A3:** *“Minha transformação foi difícil, eu era gordinha, mas aí eu queria ser mulher, eu queria ser bonita, porque sabe né, o corpo é tudo, eu novinha, aí foi legal, porque foi onde aprendi exercício, caminhada, aí eu emagreci, comecei a tomar hormônio, aí quando eu comecei no hormônio a ter peitinho foi uma satisfação.”*

**A4:** *“Eu parei de estudar com 16 anos, terminei primeiro grau parei, fui viver travesti por alguns anos e aí sofri o atentado, com 21 anos, aí eu entrei no projeto ‘Vira vida’ e era condicionado a esse projeto terminar o ensino médio. Aí eu fiz isso, eu me senti até útil, sabe que eu tenho saudades às vezes? Não por receber, mas por todo dia acordar 6h40, pegar o ônibus, odiava aquele ônibus cheio (risos), tomar café, de uma rotina, eu tenho saudades desse tempo, mas fazer o que né, tudo acaba.”*

### **3.2 ambiente coercitivo**

**A1:** *“Então até 2014 eu passei uma fase de fazer alguns amigos, eu ainda era homossexual, eu ainda não vivia muito, eu ainda estava lidando com aquela mudança de não ter amigos em (uma cidade do interior do Paraná) e agora começar de novo aqui, eu não sabia nada de fazer amigos. Então desenvolvi depressão, tive várias tendências suicidas, foi um ponto em que eu tentei me matar três vezes.”*

**A1:** *“Eu não sentia ainda esse sentimento da resistência, eu não tinha ainda esse corpo político, então para mim era muito aquele tanto faz. Então cheguei ao ponto de desistir de mim, muito forte, muito brutalmente, não me importava mais se vivia ou não. A vida não fazia sentido para mim. Nessa época eu escondia muito o que eu sentia, eu comia menos, eu ficava mais tempo no quarto, minha mãe sentia a diferença, mas ela ainda não tinha essa ponte que a gente tem hoje. Ela era meio leiga, ela desconfiava que eu era gay, mas não sabia como chegar em mim.”*

**A1:** *“Eu me via como uma pessoa covarde, eu tentava o suicídio, mas eu parava. O que eu me lembro mais forte foi eu tentar me enforcar e na hora meu braço parava, começava a*

*chorar, minha cabeça vazia, eu não conseguia pensar no porque eu tava fazendo aquilo. Só tinha pensamentos depreciativos, eu me diminuía ao máximo, que ninguém se importava comigo. Acho que eu sentia muita exclusão, eu não me sentia capaz de fazer amigos, não me sentia uma pessoa suficientemente boa, boa o suficiente para ter amigos. Eu via as pessoas olhando para mim com um olhar estranho, que me distanciava.”*

*AI: “Eu não gostava do meu corpo, eu me achava feia, não gostava de mim. Eu não sabia trabalhar nada em mim até então.”*

*AI: “Até que, na última vez que eu fui tentar o suicídio com uma faca, foi mais dentro da minha cabeça do que física, porque eu já sabia que não ia conseguir, porque eu tava com aquele pensamento de que eu não conseguia nada na minha vida.”*

*AI: “Aí fui tentar me descobrir, isso foi no final de 2014, eu ainda tava com aquele corpo meio morto, eu não desejava as coisas, eu não vivia.”*

*AI: “Tudo na minha vida era a questão que eu não sabia colocar em termos, dizer como eu me sentia e como eu queria ser, então essa dúvida me causava muita tristeza, então esse foi o momento que eu pude entender a raiz da minha tristeza e depressão, tudo se resumia ao fato de não saber que eu era e por causa disso eu não sabia me relacionar, eu não sabia gostar de mim, gostar das pessoas.”*

*AI: “Porque ela (A2) tem problemas com a mãe, muito religiosa, o padrasto é extremamente transfóbico, machista, então ela sentia aquilo que eu sentia quando eu vivia com meu pai.”*

*AI: “Minha médica voltou a fazer a reclamação na ouvidoria, outra vez que voltei lá eu fui bem cedo fazer os exames, nem dei de cara com a enfermeira chefe, mesmo porque ela nem olha na minha cara. E na próxima vez eu quero voltar com a advogada, porque eu não quero discutir, porque aquilo foi tão cansativo para mim, foi horrível eu ficar repetindo e repetindo e as pessoas me olhando como se eu não soubesse de nada, como se eu fosse burra, isso é uma coisa cansativa.”*



*AI: “Uma das conclusões que eu tive foi um pensamento bem distante por um minuto que eu não queria ser mulher, que eu estava suscetível a isso porque as pessoas estavam me vendo como mulher, e eu fiquei ‘nossa, será que é isso mesmo que é ser mulher na sociedade? Estar suscetível a isso na rua?’, se eu não estou com alguém, na rua, escura, eu sou uma vítima diretamente, sendo trans ou não, eu estou suscetível a violência e eu pensei, nossa será que é isso mesmo que eu vou conseguir reivindicando meus direitos e minha existência? Eu entrei em uma crise muito forte e pensei ‘não sei mais se eu quero isso’, e eu fiquei nossa eu preciso me encorajar para viver essa identidade que eu tanto gosto e tanto sou e levar esses tapões na cara, que mexe com meu psicológico e me faz desistir de mim mesma, então fiquei naquela, demorei um tempo para sair de casa, fiquei uma ou duas semanas sem sair de casa, sem sair do meu quarto e só ficava naquela, do quarto para cozinha, da cozinha para o quarto, fiquei um tempão assim, a A2 e minha mãe vinham perguntar se eu tava bem e eu eu ficava não quero falar sobre isso agora.”*

*AI: “Eu estava em grupo e era suficiente para me impor, porque eu tenho essa concepção de que nem sempre eu vou estar segura para me impor, mas eu tento fazer o máximo para não me sentir mal. Quando não tenho apoio, respaldo, fica a vulnerabilidade.”*

*AI: “Eu era sempre a amiga do rolê, isso me depreciou no quesito relacionamento, porque eu não me via como alguém que possa ser amada, eu era alguém só a ser entrevistada, conversada ou observada. Eu ficava naquela, eu sou só isso, não muito mais que isso.”*

*AI: “Outra coisa, foi um momento de perda em relação a minha sexualidade, eu fiquei naquele limbo de não saber quem iria gostar de mim, ou que gostavam de mim pelo meu corpo, em relação a exploração mesmo, tinha aquelas pessoas que gostavam do meu corpo, das minhas curvas e valorizavam isso, foram questões que eu parei para analisar o quão ridículo é, são pessoas que viam só como um pedaço de carne e era aquilo e pronto. Daí eu me via conversando com caras que tinham ideias absurdas de quem eu era, eu me via*

*mandando fotos do meu corpo para pessoas que eu nem conhecia só para eu ver elas me desejando, isso alimentava de alguma maneira algum tipo de amor próprio, eu não tinha muita auto estima. Eu fiquei, meu Deus, o que eu to fazendo comigo, o que eu to fazendo com meu corpo, por causa das pessoas, olha o nível da violência psicológica que tava acontecendo comigo, eu já não valorizava a mim mesma.”*

**A1:** *“Uma das primeiras coisas que eu pensei quando eu vi que eu era trans é que eu estava muito suscetível a morte, que eu estava sempre correndo esse risco. Mas que eu ia fazer de tudo para continuar cada vez mais viva e crescer mais. A ANTRA (Associação de Travestis e Transexuais) divulgou um estudo de 2017 sobre a questão de morte das pessoas trans, e foi constatado que a cada 48 horas uma trans é assassinada, o Brasil é o país que mais mata, então você vê, minha real expectativa para o futuro é não morrer.”*

**A2:** *“Meu pai sempre foi muito machista, de uma família muito rígida [...] no período que morei com meu pai, virei outra pessoa, eu não conseguia ter sonhos, não conseguia me ver essa outra pessoa que eu sou hoje.*

**A2:** *“Esses seis anos que to sem morar com ele mudou muita coisa, eu sou outra pessoa, até então enquanto eu morava com ele eu era uma pessoa muito estressada, por tudo isso que eu tava passando, era uma coisa pesada, você escutando seu pai falando que vai bater em pessoas, que elas merecem morrer, que aquilo não é um ser humano, que é coisa de outro mundo né, pra mim foi uma coisa muito triste escutar tudo isso.”*

**A2:** *“Com certeza é um peso muito psicológico coisas que ele (padrasto) fala, por exemplo ‘ai, e aí, já deu o cu hoje?’, sabe, ele fica nessas brincadeiras e eu não gosto, eu falo que não me magoa, mas me machuca sim, são cicatrizes que as vezes não fecham e as vezes ele fala assim ‘e aí, como que vai a sua vagina imaginária?’. São coisas muito pesadas que se outras pessoas escutassem não iam ficar quietas.”*

**A2:** *“Me assumi para minha mãe naquela época e aí perdi o chão um pouco [...] minha mãe estava se afastando, e assim, eu não me via muito na peça (teatro). Tinha dias que eu acordava e ficava olhando para o nada e esperava o tempo passar, não me via fazendo as coisas que eu realmente queria fazer, não me via conquistando o mundo, sou muito sonhadora e não conseguia me ver realizando tudo que eu queria, eu estava parada vendo o tempo passar.”*

**A2:** *“No começo eu tinha muito medo de cara com cara fechado e fortão, eu já preferia ir pro outro lado da rua, porque eu tenho muito medo de estar andando na rua e pessoas se juntarem pra me bater, porque isso acontece muito no nosso mundo, se está passando na rua você apanha por nada ou é xingada, você nem sabe porque ta sendo xingada ou agredida, as vezes prefiro até desviar, passar em outra rua, porque a gente sabe quando uma pessoa tá olhando feio pra gente, quando ela quer fazer algum mal pra você.”*

**A3:** *“Desde criança, quando eu desejava brinquedos no natal e eu não podia ter as bonecas, então isso gerava sempre um mal estar né, alguma forma de correção e pra mim isso era bem difícil, mas eu não entendia porque não podia, até eu entender que haviam padrões do que era homem, mulher, do que se pode desejar ou ter, foi natural pra mim saber que nem tudo que eu queria era possível.”*

**A3:** *“Eu fui internada mesmo compulsoriamente [...] eu estava num lugar bom, mas que também me fazia sentir outras energias, energia mais de temor, de preconceitos, de pecado.”*

**A3:** (expectativas para o futuro) *“Eu já dou graças a Deus por ter passado da média de vivência de uma pessoa travesti que é de 35 anos, então eu acho que as minhas expectativas é ter um pouco de paz e tranquilidade. Eu sempre digo que a cura que eu busco não é a cura da minha transexualidade, mas é a cura daquilo que fizeram para mim enquanto existência quando não me deram paz.”*

**A4:** “O primeiro carro que eu entrei eu sabia que eu ia fazer um programa, mas eu não sabia de que jeito, quando eu saí desse carro eu pensei que eu nunca mais ia fazer sexo anal na minha vida, de tanto que doeu, foi horrível, traumático, falei ‘nunca mais’, e a pessoa foi grossa, bruta.”

**A4:** “Esse público gira em volta das novidades, na rua tem uma rotatividade de trans muito grande na cidade, se você passar na avenida hoje você vê uma, semana que vem já não vê, é outra, eu ganhei muito dinheiro, foi quando eu me envolvi com droga porque eu não aguentava mais, só que daí depois eu aceitei aquilo pra mim, eu vi que era o que dava pra fazer, porque pensa com 14, 15, 16 anos, que que eu ia fazer pra me sustentar? E querendo ou não o dinheiro vinha em grande escala, eu ganhava muito mais naquela época.”

**A4:** “Foi quando eu passei a violência, foi quando eu vi que não tinha mais nada pra fazer, porque eu saí de casa de vestido curto, cabelão na cintura vermelho, ‘tetão’, bonita pra trabalhar, voltei trinta dias depois de cabeça raspada porque fizeram cirurgia na minha cabeça, duas, com esse lado do corpo adormecido, eu manco ainda de uma perna, faço fisioterapia, e aí foi onde eu tentei me matar pela primeira vez, porque eu não vi saída, hoje em dias as coisas apertam, mas eu ainda vejo um escape, mas naquele momento não consegui.”

**A4:** “A primeira vez que meu pai me viu de saia, eu corri tanto que só parei de correr porque ele cansou. Ele era violento, ele é preconceituoso, hoje não, porque a vida mostrou muito pra ele, ele passou por 2 AVCs e está em cima de uma cama, querendo ou não ele precisa de mim, de cigarro, sou eu que compro, eu não tenho nenhuma mágoa por ele, mas eu não esqueço.”

**A4:** “Quando eu me vi a primeira vez quando saí do hospital, eu passei por um espelho, eu pus a mão na perna da minha mãe porque eu não tava falando e eu fiquei uns 15 minutos chorando, porque eu não acreditava que eu tava daquele jeito, hoje em dia eu fiz laser, mas

*como eu fiz a traqueo, eles raspavam a minha cara todo dia, porque não podia ter pelo, eu saí verde do hospital, de cabeça raspada, só o bico e as penas, porque eu emagreci um monte só no soro né, então assim, essa foi a coisa que mais me marcou, foi muito grave, é algo que vou levar pro resto da vida. E eu tomo remédio por causa disso, tomo rivotril, amitriptilina, eu vou começar o tratamento com gaba, por causa da sequela fiquei com problema de coluna, então assim, estou vivendo com o que sobrou. Tem dias que o atentado não sai da minha cabeça, e outros que fico meses sem lembrar, não sei como eles eram, só lembro do carro vermelho. Isso é uma coisa que vou na psiquiatra, para entender esses altos e baixos, tem vezes que tomo meus remédios certinho e outros que nossa... eu não entendi o que aconteceu comigo, aconteceu, eu voltei a estudar depois voltei pra rua, então não parei pra pensar, não tive esse tempo de pensar sobre, mas foi até bom não ter.”*

**A4:** *“Eu evito andar de ônibus, evito aglomerações, tenho fobia de gente, desde que aconteceu aquela violência comigo, tipo exposição, não posso nem passar perto, tenho pavor de um monte de gente reunida. Mas nunca deixei de fazer alguma coisa, mesmo nervosa, vou com um foninho de ouvido e fico pronta pra me defender, acuada, mas deixar de fazer não.”*

**A4:** (expectativas para o futuro) *“Sobreviver. Já tive expectativa de conseguir outro emprego, mas eu sou bem pé no chão, vivo cada dia de cada vez, então assim, já soltei um monte de currículo, tenho cadastro naquele site trans emprego, se pintar a oportunidade eu vou lá e agarro com as duas mãos, mas eu não vou mais atrás passar humilhação, ser tratada com descaso como fui várias vezes, isso eu já não faço mais.”*

Os trechos dos relatos descritos são caracterizados por fenômenos subjetivos, que são pensamentos, emoções, motivações, entre outros, que envolvem componentes públicos, como por exemplo, chorar, comportamentos autolesivos, isolamento e também componentes privados, quando referem-se ao sentimento de inferioridade, de tristeza, de não gostar de si, ou de não se aceitar. Os eventos comportamentais privados envolvem sensações (condições

corporais produto de relações respondentes, incondicionadas e condicionadas) e respostas operantes encobertas. As sensações corporais que podem ser parte dos eventos privados, participam do controle do comportamento, pois por meio da comunidade verbal adquiriram função de estímulo (discriminativo, aversivo, reforçador) e assim modificam a probabilidade do indivíduo de se comportar de determinada maneira (Pompermaier, Pimentel, & Melo, 2016).

Pode-se constatar por meio dos relatos que nas situações descritas na subcategoria *Ambiente Acolhedor - contingências amenas*, foram desenvolvidos comportamentos pró-sociais das participantes, tais como, melhora nos relacionamentos interpessoais, engajamento no teatro, e sentimentos e emoções positivas, como por exemplo sensação de acolhimento, de ser uma potência, satisfação, de estar exaltada. Já na subcategoria *Ambiente coercitivo*, nota-se que foram propiciados comportamentos com função de fuga e esquiva, como quando a participante relata que tem fobia após ter passado por uma violência na rua, que evita aglomerações, outra que desvia quando sente-se ameaçada. Comportamentos auto-lesivos como tentativas de suicídio também foram desenvolvidos sentimentos e emoções negativas, como medos, temores, tristeza, mágoas, quando disseram que não conseguiam mais sonhar, que não se valorizavam mais.

O suicídio é a fuga última de uma vida dominada por reforçamento negativo e punição. Antes da tentativa de suicídio, o que geralmente ocorre durante a fase da depressão, é o isolamento, o não envolvimento em relações sociais, seja em casa ou com amigos. Essa esquiva de contato com qualquer parte do ambiente passa a ser funcional e mantém todos os estímulos aversivos longe. Porém, empobrece ainda mais a quantidade de comportamentos que possivelmente seriam reforçados positivamente pela sociedade, e diminui também as sensações positivas que os acompanham (Sidman, 1995).

Importante ressaltar também os relatos sobre as expectativas de vida das participantes, 3 das 4 participantes responderam que suas expectativas são “*sobreviver*” ou “*não morrer*”, pois percebem que vivem em um ambiente coercitivo, hostil à travestis e transexuais, em que a expectativa de vida da população trans é de por volta de 30 anos de idade.

Para que uma pessoa se sinta amada e protegida é necessário que ela esteja vivendo em um contexto acolhedor com estímulos reforçadores positivos que a ensine a ter uma vida produtiva e feliz. A sociedade precisa aprender que os relacionamentos desabroçam com reforçamento positivo, e a procurar formas não-coercitivas de produzir autoconfiança (Sidman, 1995).

#### **4. Comportamento Simbólico:**

Símbolos são estímulos que adquiriram funções eliciadoras, discriminativas e/ou reforçadoras condicionadas, em relações de equivalência por meio da comunidade verbal. A cultura é a reponsável pela maior parte do treino operante e respondente que ocorre na vida de um indivíduo, e pelo estabelecimento de redes relacionais simbólicas, que transformam e transferem as funções que os estímulos exercem em uma contingência (de Rose, 2016). Esta categoria foi dividida em duas subcategorias, uma chamada de *Ressignificação* em que os relatos representam a formação de novas classes de equivalência a partir de contextos específicos e *Transferência de função*, com exemplos de situações em que estímulos neutros passaram a ter função discriminativa, sinalizando maior probabilidade de um comportamento ocorrer.

##### **4.1 resignificação.**

*AI: “A L. me acompanhava a cada passo, a gente conversava muito sobre o feminismo, a gente tinha uma professora feminista e defensora das causas LGBT na escola, e eu queria muito me apossar desse discurso, porque eu me sentia muito contemplada nesse discurso, nessas causas, então eu queria conhecer cada vez mais, mas eu era muito leiga.”*

*AI: “Em todos os ensaios que eu fazia eu incorporava muito o estereótipo da cigana e aquilo ficou muito forte em mim, até que eu perdi o controle. E eu sempre, resolvia, gostava muito, pediam para tirar foto comigo assim, e daí aconteceu, minha mãe veio me buscar e ela ‘ué, você vai embora assim?’ e eu: ‘ai mãe, to com preguiça de tirar as peças, vamos embora assim?’, então tá, vamos, em casa ela ficou até feliz, ela gostou de me ver daquela maneira”.*

*AI: “Ela (amiga L.) chegou e me perguntou, “escuta, você não é trans?”, eu estava com 16, eu só tinha tido contato com travestis nas ruas, de forma muito pejorativa, de ver as pessoas xingando, ficou aquela imagem para mim, aquilo que era trans e que travesti era uma coisa muito errado. Então eu fiquei naquela negação ‘não, não sou, não sou, não sou’. Fui trabalhar isso, acho que pode rolar sim, até então, eu fui entender a concepção da não-binariedade [...] E quando eu fui me olhar no espelho, eu vi a AI (nome social da participante), eu podia me ver no espelho, eu via uma travesti, não aquela dos estigmas, mas eu saber que eu era uma potência, e eu trabalhar isso em mim, eu queria potencializar todo mundo.”*

*AI: “Eu tive uma influência, teve o show da Liniker aqui, no kinoarte, a L. fez eu comprar o ingresso, mas eu não conhecia, (...) foi um dos ápices da vida, eu vi Liniker, fui conhecer Liniker, foi o momento de experimentar a representatividade. Eu vi aquele corpo masculino usando roupas ditas femininas, o Liniker para mim, foi aquela coisa, eu pude personificar aquilo, fez sentido para mim. (...) tudo se resumia ao fato de não saber que eu era e por causa disso eu não sabia me relacionar, eu não sabia gostar de mim, gostar das pessoas (...) então quando eu vi a Liniker na minha vida, na minha frente, foi como se meu cadeado tivesse dado uma soltadinha, eu fiquei sem palavras por um bom tempo, eu não sabia explicar o quão representada eu estava naquele momento. Não sabia dizer o quão especial foi aquilo para mim, ver aquele corpo daquele jeito e estar feliz, vibrante, positivo. E eu voltei naquelas questões ‘Por que eu não posso ser assim? Porque eu não posso ser feliz?’*



*Será que eu não posso ser feliz porque a sociedade não me permite ou eu não estava me permitindo'. Eu percebi que eram ambas as coisas, a sociedade mexia comigo, mas também que eu não me permitia muito porque eu não me achava naquele contexto”.*

*A1: “E quando eu fui me olhar no espelho, eu vi a A1 (nome social da participante), eu podia me ver no espelho, eu via uma travesti, não aquela dos estigmas, mas eu saber que eu era uma potência, e eu trabalhar isso em mim, eu queria potencializar todo mundo.”*

*A1: “Aí ela (A2) foi em casa, aí minha mãe veio de canto ‘Em, mas que que é aquilo? É um homem, uma mulher? O que que é?’, e eu fiquei ‘então mãe, aquilo é uma pessoa’, a gente foi conversando com ela, minha mãe foi trabalhar a questão de lidar com a homossexualidade permeando para trabalhar com a transexualidade.”*

*A2: “Elas (as pessoas) aprenderiam o respeito através de uma conversa com uma transexual ou uma travesti, você querer conhecer um pouco mais a pessoa, conseguiria respeitar ela.”*

*A2: “Tudo que ia acontecer no colégio vinham atrás da gente, até o diretor, a secretária, os professores foram lá pra saber o que a gente queria fazer, tanto que teve muita palestra sobre transexuais, homossexuais, teve ‘n’ coisas, pessoas saíram de lá com outra visão, e os professores também, com outra visão da gente.”*

*A4: “Acho que a coisa melhorou muito hoje em dia, hoje em dia você dorme gay, amanhã você veste saia e povo bate palma, acho que a tecnologia, o alcance de informação é uma coisa que está em pauta, antes não se falava, é um assunto que pelo preconceito está em pauta, mas ta sendo para uma boa pauta, as novelas estão mostrando você viu aquela novela da globo? Nossa, eu chorei, assisti inteirinha, agora aquela outra novela que passa em palmas que só tem brucutu e as bichas cabeleireiras e todo mundo no meio, isso é legal pra mostrar que a gente é gente como eles, tem que acabar essa pré-concepção. Acho que a gente está caminhando de um jeito positivo, às vezes a gente dá dois passos pra frente e um pra trás, mas ainda ta um pra frente.”*

#### 4.2 transferência de função.

**A1:** *“Porque é aquela coisa, na minha infância, tinha aquele fenômeno da criança viada, então eu era a criança viada, eu tinha um comportamento mais delicado, eu era mais sensível, então isso foram coisas que denotavam, que sobressaiam dos comportamentos das crianças ‘comuns’, vamos dizer assim.”*

**A1:** *“A descrição de um agressor, eu penso, potencialmente branco, machista e bastante egocêntrico, talvez, que o mundo gira em torno dele, porque ele precisa fazer algo para salvar o mundo, ele precisa fazer algo com essa aparição monstruosa que está na frente dele. Então às vezes eu tento imaginar assim, apesar que isso é um padrão a ser pensado, mas a transfobia tem várias faces, das pessoas que você mesmo espera. Então assim, é uma pessoa potencial que eu fico naquela, na presença dela eu fico naquela de me resguardar, porque a qualquer momento eu posso esperar que ela fale alguma coisa que me ofenda, que me discrimine. (...) Eu vejo assim, essas pessoas potenciais de serem agressoras, fora isso eu vejo o adolescente, o jovem, o boy, que vai explorar, mas tem medo, de estar com uma pessoa trans porque nossa, o que vão pensar de mim, né?”*

**A2:** *“Ele (pai da participante) não podia ver nenhum menino na rua diferente, sendo homossexual, ou menino com brinco ele já falava que ia bater, que aquilo ali precisava morrer, que não era de Deus, e eu do lado dele, sendo um filho homossexual até então escutando tudo isso, eu tinha muito medo de algo acontecer, algo muito pior”.*

**A2:** *“Pra mim, no meu ponto de vista, a pessoa não nasce agressor, se torna agressor com ‘n’ coisas, depende de filme, de série, dos gostos que ela tem, se ela gosta de coisas mais agressivas, de armas, de facas, armas brancas que fala né.”*

**A3:** *“A gente precisa entender que esse agressor é culturalmente agressivo porque isso foi passado pra ele, talvez de geração em geração, acho que existe esse ciclo de opressão que tá claro pra ele.”*

Todo vocabulário do comportamento verbal é feito de símbolos. As palavras e seus significados são estímulos que antes eram neutros e adquiriram funções eliciadoras, discriminativas e/ou reforçadoras condicionadas por meio de equivalência. A cultura é determinante neste processo de significação e condicionamento. O comportamento verbal estipula os modos de pensar, de descrever sentimentos e também, por conta das funções que aqueles estímulo adquiriram, de reagir frente a eventos. De acordo com esse ponto de vista, o modo como uma pessoa age, suas atitudes em relação às situações, não dependem primariamente de experiências diretas do indivíduo com o evento específico, mas das práticas sociais disseminadas de sua comunidade (de Carvalho & de Rose, 2014).

Quando assume-se que as atitudes são comportamentos verbais sob controle de contingências sociais podendo ter diferentes funções, permite-se que sejam investigadas e modificadas a partir das relações estabelecidas com o ambiente (Mizael, & de Rose, 2017), como visto na subcategoria *Ressignificação*. Os relatos representam a formação de novas classes de equivalência a partir de contextos específicos em que houveram participação da comunidade verbal, por exemplo quando a mãe de A1 é orientada sobre como chamar A2 e aprender qual vocabulário representa sua identidade de gênero, e quando a participante A1 se sente representada pelo significado de ser travesti, após uma resignificação, por meio da representatividade no ramo artístico e pela formação de novas classes de estímulos equivalentes, tirando o significado pejorativo do termo.

Na literatura encontra-se que a comunidade LGBT apropriou-se dos termos “*queer*”, “viado”, “sapatão”, “bicha”, que são usualmente utilizados de modo pejorativo pela sociedade para descrever indivíduos com diferentes identidades de gênero e orientações sexuais, e têm resignificado seu sentido pejorativo para algo positivo e transformado em maior visibilidade de tais grupos minoritários (Mizael & de Rose, 2016).

Na subcategoria *Transferência de função*, encontram-se situações em que estímulos neutros, como no relato de A1, homens brancos passaram a ter função discriminativa, sinalizando um estímulo aversivo, o que aumenta a probabilidade da participante emitir comportamentos com função aparente de esquiva. As descrições dos agressores que as participantes deram, fazem parte de uma história de condicionamento que elas passaram, em que tais estímulos agora sinalizam potenciais agressores.

Esses exemplos de situações reais, revelam que as avaliações de objetos, pessoas e eventos são comportamentos aprendidos e podem emergir a partir de uma rede de relações arbitrárias e não somente por meio da experiência direta com esses estímulos, sendo importantes para contribuir para o estudo de estereótipos e preconceitos existentes na sociedade (Mizael & de Rose, 2016).

### **5. Paradigma das Relações Conflitantes (CRP):**

O paradigma CRP (Paradigma das Relações Conflitantes) refere-se quando há uma potencial formação de classes de estímulos equivalentes conflitantes, ou seja, quando há dificuldade de formar classes de equivalência entre estímulos por conta de uma interferência de relações previamente aprendidas na vida do sujeito experimental (Mizael & de Rose, 2017; Mizael, Santos, & de Rose, 2016). O paradigma refere-se a situações experimentais de laboratório, porém nesta categoria foi realizada uma relação com situações reais descritas pelas participantes em que houve dificuldade de formação de novas classes de equivalência, por conta da história prévia de aprendizagem dos sujeitos em questão.

*AI: “Ela (amiga L.) chegou e me perguntou, ‘escuta, você não é trans?’, eu estava com 16 anos, eu só tinha tido contato com travestis nas ruas, de forma muito pejorativa, de ver as pessoas xingando, ficou aquela imagem para mim, aquilo que era trans e que travesti era uma coisa muito errado. Então eu fiquei naquela negação ‘não, não sou, não sou, não sou’.*

*Fui trabalhar isso, acho que pode rolar sim, até então, eu fui entender a concepção da não-binariedade, fui conhecer, mas não entrei nessa.”*

*A1: “Ainda tenho contato com ele (pai da participante), mas to naquela de dialogar mais com ele agora, porque para ele o fato de eu ser trans é muito recente. Quando ele veio para cá eu já não me dei o trabalho de me esconder nem nada e ele já foi ver a peça TransTornada. Acho que para ele deve estar sendo tudo muito novo, tudo um baque. E eu to mais no diálogo, ‘olha pai, conheça agora a A1 (nome social), conheça a pessoa que me tornei, o que eu faço, as coisas que desempenho aqui nessa cidade, mudei bastante, eu parei um tempo para me conhecer, para conhecer o mundo e a sociedade com quem tenho que conviver então você tem que trabalhar essas coisas também caso queira conviver comigo.”*

*A2: “Nos primeiros dois dias ele (pai da participante) falou ‘ai, por enquanto não usa suas vestes que você tá acostumada a usar agora, espera um pouco até eu processar tudo’ e pra mim foi assim, meu, não tem como eu esperar esse tempo, porque esse tempo vai acabar me machucando, sabe se eu esperar esse tempo dele, ele nunca vai ver que tá tendo essa mudança então foi quando eu resolvi no terceiro dia eu coloquei um vestido e saí e ele não falou nada, só ficou olhando, porque eu já tinha contado tudo pra ele.”*

*A3: “Voltei pra casa com uns 18 anos, e fui pras ruas, porque meu pai me perguntou se eu havia sido curada e eu falei que não, aí ele disse que eu não ia viver dessa forma na casa dele, então pra mim isso foi crucial eu sabia aquilo que eu queria viver, mas não podia ser ali, então comecei a estruturar minha vida saindo da casa dos meus pais [...] nunca tive nenhum tipo de mágoa da minha família, porque minha família é uma vítima, do sistema, se não fosse esse sistema heteronormativo que cobra da minha família uma certa educação eu não teria sofrido, então minha família também é vítima, então eu não tenho raiva da minha mãe, do meu pai, das minhas irmãs, porque minha família sempre me amou e meu pai se preocupava comigo, ele só não me entendia, então eu sempre tive essa consciência.”*

*A4: “Foi um pouco difícil, quando eu com 11 anos, há 16 anos atrás, ser transexual era totalmente diferente de hoje, hoje em dia tem mãe que compra maquiagem pro filho, que aceita, apoia, Deus me livre, a primeira vez que meu pai me viu de saia, eu corri tanto que só parei de correr porque ele cansou. Ele era violento, ele é preconceituoso, hoje não, porque a vida mostrou muito pra ele, ele passou por 2 AVCs e está em cima de uma cama, querendo ou não ele precisa de mim, de cigarro, sou eu que compro, eu não tenho nenhuma mágoa por ele, mas eu não esqueço.”*

Foram descritas nos trechos dos relatos as dificuldades de se aceitar trans e de seus pais aceitarem suas identidades de gênero, ou seja, deles ressignificarem o que é ser trans, de formarem novas classes de equivalência, provavelmente por não ser visto como algo positivo pela sociedade, o que aprenderam previamente por meio de relações de equivalência e experiências durante a vida. Apesar de o CRP referir-se a experimentos de laboratório, o paralelo com exemplos reais ajuda investigar a força de relações culturalmente estabelecidas e inicia uma discussão sobre a dificuldade em modificar atitudes e preconceitos amplamente reforçados pela comunidade verbal à qual o sujeito pertence (Mizael & de Rose, 2017; Mizael, Santos, & de Rose, 2016).

## **6. Agências de Controle:**

Refere-se as agências inseridas nos grupos sociais que rearranjam variáveis que controlam o comportamento de seus membros (Dittrich, Todorov, Martone, & Machado, 2013). Foram separadas quatro subcategorias *Governo; Religião; Educação* inspiradas na descrição de Skinner sobre agências de controle e *Mídia*, por também se encaixar como agência controladora, já que os consumidores de informação midiática ficam sob controle de uma realidade construída, sem contato direto com o ambiente (Dittrich, et al., 2013).

### **6.1 governo**

**A1:** “É a primeira vez nesse caso (para mudar o cartão do SUS) que vou precisar de advogado, porque com o CPF, a mulher só me deu um papel, escrevi meu nome, senha e aí coloquei. A identidade já é um processo mais complicado porque é por via judicial, mas assim, alguns juízes estão mais sensíveis com a situação e não estão complicando tanto, mas ainda sim é uma coisa muito chata, ter que entrar com processo na justiça para mudar o nome. Entenda que a gente tem que puxar uma série de documentos para justificar o porquê que eu quero mudar o nome, não é simplesmente mudar, a gente comprovar que não deve nada, que as pessoas reconhecem a gente por esse nome, tem que ter uma carta, tem que puxar a ficha criminal, sempre é tudo tão complicado para a gente.”

**A2:** “Uma vez sofri uma agressão verbal, quando eu ainda era um menino gay, um policial falou para mim que eu merecia cair na cadeia para ser abusada e aprender a ser homem de verdade. Foi um babaca que passou na rua e me xingou, e eu fiquei tipo, ‘meu, quem é você? Você deveria me dar respeito, está aqui pra nossa proteção e não pra ficar nos agredindo verbalmente’ e ele falou ‘vai embora, vai embora se não vou bater em você’, e eu falei ‘você pode até me bater, mas no outro dia você perde seu emprego ou vai pra cadeia’ e ele ‘ah, ta bom então, vai embora’.”

**A3:** “Os policiais foram indiferentes, porque eu sou prostituta, perguntaram se eu fui porque quis, perguntaram se eu conhecia o cara ou o carro, se eu sabia a placa, ‘ah, então não posso fazer nada por você, quer ir pro hospital?’ e eu “ah, não, to nada quebrada, então me leva pra casa’, nem fiz boletim de ocorrência pelo acolhimento, eles nem me ofereceram essa possibilidade se eu queria fazer um B.O. e eu só queria voltar pra casa né, porque afinal de contas eu poderia não ter voltado, né.”

**A3:** “Outra vez eu voltei da Suíça e eu trouxe umas semi-joias, aí ladrão entrou dentro de casa querendo joias e me violentou sexualmente também, aí quando eu cheguei na delegacia eles não respeitaram meu nome, e aí a escritã, uma mulher cis ela dizia que o que valia era

*o que tava na minha identidade, e eu disse, 'bom, enquanto você me chamar pelo nome que ta na minha identidade eu não respondo você', até a hora que ela me chamou pelo meu nome, eu respondi, então foi um posicionamento político, eu fiquei horas lá sentada."*

**A3:** *"Já houve enquadramento injustificado, teve uma operação parecida com a Tarantula, onde tava tendo muita reclamação de roubo nas avenidas de prostituição e aí eles resolveram fichar todo mundo e fizeram uma operação truculenta, nesse dia eu fui presa. E também uma outra vez me pegaram fumando um beck e aí ele me levou por causa desse cigarrinho, mas foram questões ridículas, pela transfobia, questão de querer humilhar, querer multar, pegar o dinheiro, abusar fisicamente, psicologicamente, nessa noite eles me levaram pra delegacia e ficaram 15 homens me olhando tirar a roupa e aí quando terminaram o show um deles pegou na minha teta e deu uma apertadinha 'é de verdade?', ridículos sabe?."*

**A3:** *"Nessa época não havia nem discussão sobre o nome social, devia ser 2002, 2001, acho que entre 1999 e 2000, mais ou menos. Então não existia essa discussão, acabava que a gente não tinha boas relações com esse sistema, ele era opressivo e a gente éramos as oprimidas. Hoje você poder chegar no tribunal, no cartório e dizer sou trans quero mudar meu documento, meu Deus do céu, isso é um avanço que não tem preço."*

**A3:** *"Porque existia muito essa coisa de que o que vale ta no documento, moralmente, porque aí eles usavam a questão da dupla identidade, identidade falsa, eles acusavam a gente disso, de falsidade ideológica, então eles tinham suporte jurídico para negar isso pra gente. Então enquanto não houve essa discussão do que é ser trans, travesti, das vulnerabilidades esse direito nunca foi garantido, agora que não sei bem o que aconteceu, até to desconfiada (risos)."*

**A3:** *"O que mais faz diferença são as políticas públicas efetivas, não as gambiarras, não as brechas, mas as políticas que trazem a discussão como ela realmente é, para que se*



*desconstrua esse tabu. Seria importante não priorizar, mas sim garantir os direitos que cada cidadão na sua singularidade.”*

*A3: “E aí isso é uma coisa que incomoda muito socialmente a sociedade transfóbica, é ver um direito dado a nós, então, esse direito que o Supremo Tribunal nos deu de mudança de documentos sem cirurgia é um tapa na cara do conservadorismo. Pode ser sim uma articulação política, mas é efetivo, mas não tem como voltar atrás, então isso é a morte para a transfobia, eu acho que para se lidar contra a transfobia é preciso reconhecer que ela existe.”*

*A4: “Mas violência mesmo foi esse atentado [...] a polícia foi chamada, mas você realmente acha que eles procuraram? Não, de coração, você acha?”*

## **6.2 religião.**

*A1: “Porque ela (A2) tem problemas com a mãe, muito religiosa, o padrasto é extremamente transfóbico, machista, então ela sentia aquilo que eu sentia quando eu vivia com meu pai”.*

*A1: “A influência da religião principalmente, vai muito de como a pessoa vai absorver esse ódio, esse estigma. É claro que as agressões maiores vem por parte dos homens, é impossível a gente negar isso.”*

*A2: “Ele (pai da participante) não podia ver nenhum menino na rua diferente, sendo homossexual, ou menino com brinco ele já falava que ia bater, que aquilo ali precisava morrer, que não era de Deus, e eu do lado dele, sendo um filho homossexual até então escutando tudo isso, eu tinha muito medo de algo acontecer, algo muito pior.”*

*A2: “Ele desceu junto comigo no ponto de ônibus na frente da minha casa e começou a me socar dizendo que eu merecia morrer, ‘isso aí é coisa do capeta, pra mim é sem vergonhice’ e me bateu.”*

*A3: “Eu fazia parte da igreja quadrangular e eu tinha uma amizade muito intensa com o filho do pastor e incomodava muita gente e nós éramos apenas amigos e logo a igreja*

*pressionou minha família, dizendo que minha condição era uma doença, que eu precisava ser tratada, então eu fui internada mesmo compulsoriamente. (...) Mas tudo aquilo que foi colocado, deles terem queimado minha roupa simbolicamente, deles me fazerem orar 24 horas, jejuar para uma cura que não existe, isso me deu a certeza de que não era por aí o caminho, porque não era uma questão espiritual, era uma questão física, corporal, existencial.”*

*A3: “Tem pessoas que a partir dos seus dogmas, de suas religiões que tentam negar esse direito, se não a gente não teria uma lei que garanta a gente a usar o nome que a gente quer.”*

*A3: “O Brasil é bem pior de violência em comparação com a Itália e a Suíça onde morei, porque lá a questão é trabalhada, as pessoas lá são muito bem resolvidas politicamente, sexualmente, culturalmente, não existe esse tabu, é que essa questão religiosa ela é muito presente na cultura brasileira e isso realmente acaba limitando a discussão, o órgão sexual se torna um tabu, se torna um comércio.”*

*A3: “Então eu acho que a igreja institucionalizou uma questão que é natural e ela criou esse sistema. Então, a gente é induzido a se enquadrar dentro desse sistema mas esse lugar não tem lugar pra gente né então a igreja é a primeira pessoa que nos expulsa. Por exemplo como é que vai ser agora? Eu tenho meu documento feminino e eu vou poder casar? Na igreja? Eu vou poder batizar? Então a maioria das exclusões vem pelas religiões. E é a católica e a evangélica né, porque existe uma gestão da sexualidade, você tem que proteger aqui, então assim é falado que há uma violência, mas não é dado os meios para que a prevenção aconteça, então a gente fica com medo, acha que isso é ruim e muitas vezes não é isso.”*

### **6.3 educação.**

**A1:** *“Faltou muita educação sexual e representatividade no meu crescimento (...) se eu tivesse educação sexual, acho que eu teria poupado muitos dos meus problemas, muita coisa, das minhas inseguranças, dos meus desejos reprimidos, até como a gente aborda isso, como a gente lida com nossos corpos, inseguranças, nossos relacionamentos, se eu tivesse tido todo esse amparo que a gente tem hoje, teria sido muito melhor.”*

**A2:** *“Queríamos conhecer pessoas como a gente, que o colégio tivesse abertura, foi quando a gente conseguiu fazer alguma coisa no colégio, quando teve a ocupação a gente fez muita coisa, foi quando a gente se descobriu muito também, no colégio, a gente teve essa abertura, quem ficou na frente da ocupação foi eu e ela (A1), mas tudo que ia acontecer no colégio vinham atrás da gente, até o diretor, a secretária, os professores foram lá pra saber o que a gente queria fazer, tanto que teve muita palestra sobre transexuais, homossexuais, teve ‘n’ coisas, pessoas saíram de lá com outra visão, e os professores também, com outra visão da gente.”*

**A2:** *“Minha educação sexual não foi nada demais, sempre era tudo escondida, ou era muito aberto e a gente preferia não escutar para não ficar muito a frente do tempo. Mas tudo o que eu sei hoje, foi por conta própria, na internet, com amigos, eu sempre fui muito aberta para esses assuntos, então eu sempre puxei conversa nisso. Na minha escola faltou (...) faltou educação sexual na escola sim, no ensino fundamental. Os professores quando surgia algum assunto ficavam tipo “ai, por que que estão conversando sobre isso? Vocês não tem idade pra isso, é inadequado para criança”, a gente não era criança, era pré-adolescente, tinha uns 14 anos.”*

**A3:** *“Sempre mantive contato com minha família, sempre cuidei dela, nunca tive nenhum tipo de mágoa da minha família, porque minha família é uma vítima, do sistema, se não fosse esse sistema heteronormativo que cobra da minha família uma certa educação, eu não teria sofrido, então minha família também é vítima, então eu não tenho raiva da minha mãe, do*

*meu pai, das minhas irmãs, porque minha família sempre me amou e meu pai se preocupava comigo, ele só não me entendia, então eu sempre tive essa consciência.”*

**A3:** *“Talvez penso na educação sexual, no caso, se eu entendesse que aquilo que tava acontecendo comigo por violência, talvez eu não ia entendê-la como uma brincadeira, porque uma coisa é um adulto chegar pra mim e dizer que ‘nós vamos brincar disso’ e eu, criança entender aquilo como uma brincadeira, se talvez eu soubesse que aquilo não era uma brincadeira, talvez eu não tivesse passado por isso, mas acho que essa discussão merece ser levantada, porque não é uma questão de educação sexual, mas é uma questão de prevenção, educar aquele corpo para que o mundo oferece, e o mundo não é fácil. Se a gente não tem o cuidado com o próprio corpo a gente acaba sendo sim explorado, de todas as formas, eu vivo isso cotidianamente.”*

**A4:** *“Na escola não tive nenhuma educação sexual, na oitava série a gente entrou nesse patamar de órgão reprodutor, da reprodução, mas o que se ensina era a gestação da mulher, a relação heterossexual, isso eu mais ou menos já sabia, mas o que eu aprendi de sexo, foi sozinha. Não falavam das diversidades, Deus me livre, naquela época você está louca?! Pode ser que hoje se fale, porque como tem mais gays, trans na sala de aula, pode ser que se questione mais, mas naquele tempo, sozinha, única na escola.”*

#### **6.4 mídia.**

**A1:** *“Faltou muita educação sexual e representatividade no meu crescimento, hoje em dia a gente tem a música, a gente tem desenhos, no cartoon network que aborda essas questões (...) A princesa Carçoço por exemplo do desenho, ela se desprende das regras, de ser uma princesa, e o próprio desenho traz essa princesa com uma voz grossa, o dublador é um homem, e em nenhum momento o desenho desqualifica ela, eu gosto de imaginar que ela é uma trans, que não tomou hormônio para virar mulher, mas ela lida com as diferenças, é aquela coisa mais bruta.”*

*A1: “Na pornografia, ela é muito de explorar, mas dentro dessa questão de explorar o sexo, ela explora as pessoas, explora os estereótipos e os fetiches, na pornografia a gente vê que a travesti é um fetiche, ela não é um corpo, uma identidade. Qual travesti é potente de ser o fetiche? É a travesti que tem um cabelão, um peitão, um corpão, às vezes eles até regulam o tamanho do pé que essa travesti tem, para explorar cada vez mais essa cena da prostituição, ela tinha que ser abordada de maneira mais natural e a pornografia não explora muito isso. A gente sabe que nos bastidores da pornografia está a prostituição, alguém convidou ela para estar ali, raras às vezes penso que ela que procurou o estúdio, na rua procuraram qual era a melhor, a melhor travesti. Isso fode bastante, porque gera muita competição de quem é a melhor travesti para ser consumida, então assim, a pornografia, a sexualização, a erotização e o fetiche, dialogam muito com a prostituição da travesti. A minha opinião sincera é que não aceito essa exploração, se fosse de uma maneira mais livre, poderia abordar esses corpos de acordo com a realidade deles. Trabalhar o cotidiano também, raramente abordam contexto da travesti, normalmente falam da travesti que pega o homem casado, a travesti que tá fazendo o homem trair a mulher, então olha só os papéis que estão dando para elas na pornografia, são papéis que vão ver a travesti sempre como a inimiga do lar e da família, da esposa. Olha só como disseminam esse ódio também. E a travesti nem se importa com isso, não tá interessada em destruir família nenhuma, então por que isso disseminar na mídia pornográfica? Fora isso a questão da exploração mesmo, que é contínua. E a gente tem que abordar esses assuntos de maneira mais leve, porque até hoje a sexualidade é um tabu, ainda mais a sexualidade da travesti, então a gente tem que dialogar de maneira mais leve.”*

*A2: “O meu pai tinha muita mania de colocar filmes eróticos, para adultos para mostrar para gente, porque assim, tanto meu pai quanto minha mãe não tem estudos, então assim, acho que a forma deles de mostrar isso para gente foi essa. Mas não acho que de nenhuma*

*forma isso prejudicou a nossa mente. Chegava a noite, sexta-feira e ele falava, olha hoje a gente vai ver um filme aqui, se vocês não quiserem ver, vocês saem, mas ele queria mostrar para gente o que acontecia, como que era, mas eu nunca tive essa curiosidade sabe, eu tinha uns 12 anos, aí a gente sentava no sofá e assistia. A gente ficava tipo assim: 'pai, para que isso? Não é mais fácil você chegar e conversar com a gente sobre isso?'. Aí ele 'mas eu não entendo muita coisa, então é mais fácil pegar um filme para vocês assistirem'. A gente tinha medo de fazer perguntas pro meu pai, minha mãe não gostava muito que ele fazia isso com a gente, mas era o jeito dele de demonstrar que ele queria passar esse ensinamento para gente. Mas a gente nunca perguntava para ele, 'ai pai, porque isso acontece? Porque tem que acontecer?', mas depois ele parou de fazer isso, acho que de tanto minha mãe pedir pra que ele não coloque isso, que com o tempo a gente ia aprender. Mas tudo o que eu sei hoje, foi por conta própria, na internet, com amigos”.*

**A2:** *“Pra mim, no meu ponto de vista, a pessoa não nasce agressor, se torna agressor com ‘n’ coisas, depende de filme, de série, dos gostos que ela tem.”*

**A2:** *“Eu odeio ver notícias de violência, e tem muita, e isso influencia, a gente não sabe o que se passa na cabeça de um agressor que tá assistindo aquilo ali, a gente não sabe como afeta o psicológico dele.”*

**A3:** *“A pornografia faz parte da nossa condição humana, então tem que ter cuidado, acho que ela muitas vezes por ser um tabu acaba se tornando um universo um pouco hostil sabe, mesmo nessas questões de violências sexuais, elas vem muito porque as pessoas não tem noção do que é aquilo. Então muitas vezes o não pra essas pessoas não faz sentido, eu vejo relações abusivas cotidianamente porque eu trabalho com pessoas que trabalham com isso, então naturalizar essa violência é muito comum quando você não tem essa informação sobre sexualidade.”*

*A4: “Acho que a coisa melhorou muito hoje em dia, hoje em dia você dorme gay, amanhã você veste saia e povo bate palma, acho que a tecnologia, o alcance de informação é uma coisa que está em pauta, antes não se falava, é um assunto que pelo preconceito está em pauta, mas tá sendo para uma boa pauta, as novelas estão mostrando você viu aquela novela da globo? Nossa, eu chorei, assisti inteirinha, agora aquela outra novela que passa em palmas que só tem brucutu e as bichas cabeleireiras e todo mundo no meio, isso é legal pra mostrar que a gente é gente como eles, tem que acabar essa pré-concepção. Acho que a gente está caminhando de um jeito positivo, às vezes a gente dá dois passos pra frente e um pra trás, mas ainda tá um pra frente.”*

O grupo exerce um controle ético sobre cada um de seus membros por meio de reforçamento e punição, e dentro do grupo encontram-se certas agências controladoras que são organizadas e assim manipulam conjuntos particulares de variáveis. As agências controladoras destacadas com os trechos dos relatos das participantes foram as subcategorias, primeiramente, o *Governo*, que talvez seja o tipo mais óbvio de agência que se empenha no controle do comportamento humano. O governo usa do poder para impor o que lhe é de interesse, e baseado em leis que direcionam os comportamentos dos governados, encarrega a tarefa de punir aqueles que desobedecem, à polícia. O limite de controle do governo sobre seus governados são os direitos humanos, sendo uma forma de contracontrole (Skinner, 2003).

Pode-se observar nos relatos, que enquanto havia uma lei que punia o comportamento de mudança de nome de registro para o nome social nos documentos, seus governados manipularam variáveis para punir tal comportamento, porém, a partir do momento que muda-se a lei (mudança na política pública), as pessoas que são contempladas por ela passam a exigir seus direitos e também a se sentirem mais representadas. Quanto a ações da polícia, os relatos mostraram abuso de poder, o que demonstra que a população trans é muito vulnerável,

sem respaldo suficiente em leis contra transfobia, que não está segura com aqueles que tem o poder concedido pelo governo para controlar seus governados.

A segunda subcategoria identificada, foi a *Religião*, o controle exercido por uma agência religiosa é derivado de uma conexão com o sobrenatural. Esta agência arranja variáveis que alteram contingências que acarretam em benção eterna ou desgraça, seus agentes clamam ser capazes de reivindicar o poder de intervir sobrenaturalmente. Tal agência classifica o comportamento como moral, imoral, virtuoso ou pecaminoso. Seu poder de controle depende do quão eficiente o reforçamento verbal foi condicionado e a educação religiosa contribui para o emparelhamento de termos que terão funções eliciadoras, discriminativas e/ou reforçadoras condicionadas. Esta agência de controle consegue também operar no controle econômico, a partir de seu enriquecimento, no controle educacional, treinando e mantendo professores e também por influenciar no governo. Tal repertório ensinado pela agência religiosa estabelece um autocontrole extremamente poderoso, fazendo com que os comportamentos ensinados aos seus controlados se mantenham mesmo na ausência do agente religioso (Skinner, 2003).

A crença pessoal ensinada pela agência religiosa não é coercitiva intrinsecamente, porém quando traduzida em ação social, pode sim se tornar coercitiva (Sidman, 1995). Observa-se nos relatos das participantes situações de preconceito por parte de pessoas que tiveram educação religiosa rígida, em que adquiriram repertórios comportamentais que caracterizam a transfobia, pois agiram excluindo, agredindo, internando compulsoriamente, negando os direitos da população trans, limitando a discussão sobre sexualidade.

A terceira subcategoria apresentada foi a *Educação*, esta agência controladora estabelece comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo em algum tempo futuro, por meio de reforçamento condicionado em treinos, exercícios e práticas. Está preocupada com a aquisição do comportamento, ensina, alterando a probabilidade do indivíduo de se



comportar de determinada maneira em determinados contextos, que ainda não surgiram. Algumas vezes, agências econômicas e religiosas fornecem materiais para o uso escolar, aumentando o controle dessas agências sobre o grupo (Skinner, 2003). Por meio dos relatos das participantes, verificou-se que não tiveram educação sexual formal desempenhada pelas escolas em suas vidas, o que uma delas traz como reflexão de que poderia ter ajudado como prevenção à violência sexual que sofreu. Outra participante relatou que se tivesse sido educada sobre as diversidades, poderia não ter se sentido tão insegura e talvez teria conseguido se relacionar melhor com si e com os outros. A participante A3 mencionou que além de não ter tido educação sexual na escola, sentiu que sofreu por conta de um sistema que controla e cobra um certo tipo de educação de sua família. As participantes que tiveram abertura em seus colégios para falar de diversidade, disseram que mudaram a visão de colegas e professores, o que corrobora para a prevenção da violência.

A quarta subcategoria identificada foi a *Mídia*, que apesar de não ter sido incluída como uma agência controladora nas análises de Skinner, encaixa-se na sua descrição, já que os consumidores de informação midiática ficam sob controle de uma realidade construída, sem contato direto com o ambiente, por meio do arranjo de variáveis dessa agência. Por meio da mídia, opiniões e práticas culturais são disseminadas, ditando modelos e padrões comportamentais a serem seguidos. Diferentes áreas do conhecimento têm refletido sobre o poder alcançado pela mídia e suas influências políticas, sociais e econômicas (Dittrich, et al., 2013).

A mídia como mediadora de fatos e reguladora das relações sociais torna-se um meio de produção de conhecimento sobre a sexualidade e o sexo. O que tem se visto nela é o reforço de padrões heteronormativos e a negligência e deslegitimação de determinadas vivências. A pornografia é o espaço midiático do sexo e enuncia valores sobre determinadas apresentações públicas da sexualidade, se configura por ser um canal de produção de discurso

sobre o corpo, o sexo e o prazer, influenciando as experiências individuais de seu público (Matos, 2012). As participantes demonstraram uma certa preocupação quando relataram sobre as influências da pornografia, falaram que é um universo hostil, que naturaliza a violência e da questão da exploração do sexo, do estereótipo, do fetiche, que isso corrobora para a violência sexual e também para a competitividade entre as travestis e transexuais na prostituição. Assim como a preocupação quanto às notícias de violência em jornais, pois disseram que não sabem o impacto disso na vida de potenciais agressores que assistem.

A participante A2 relatou que seu pai utilizava vídeos com conteúdo erótico e pornográfico para ensinar sobre sexualidade, que apesar de não gostar muito, entendia que ele não saberia explicar de outra forma, o que aumenta a importância de investigar os conteúdos que são disseminados nestes filmes. As participantes relataram sobre a influência positiva de se sentirem representadas por personagens de desenho, por exemplo pela princesa Caroco, ou em novelas, e que isso ensina a população sobre a diversidade e funciona como uma prevenção do preconceito.

### **Conclusão**

O objetivo deste trabalho foi identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais, por meio de relatos daquelas que foram as vítimas das situações descritas (sendo uma das variáveis desta contingência). Apesar de ainda serem necessárias mais pesquisas para confirmar o que mantém tal cenário, foram encontrados alguns padrões de práticas culturais que podem estar corroborando para a estruturação de ambientes hostis para esta população.

A falta de contato da sociedade com diferentes vivências de gênero (falta de representatividade), a falta de educação sexual, a disseminação de padrões heteronormativos, baseados em educação religiosa rígida, a falta de leis que garantam segurança para esta

população, são fatores que contribuem para a estigmatização, isolamento e vulnerabilidade da população trans.

Constatou-se que por terem passado por situações de violências, verbais, físicas, sexuais e institucionais, desenvolveram repertório comportamental de fuga, esquiva e contracontrole, e como subprodutos de uma vida baseada em reforçamento negativo e punição sentiram-se em diversas situações com medo, ansiedade, estresse, com baixa autoestima e até desenvolveram fobia, depressão e passaram por tentativas de suicídio.

O ambiente social é responsável pelo desenvolvimento dos padrões emocionais dos indivíduos, por meio das consequências de seus comportamentos. Enquanto ambientes coercitivos baseados em reforçamento negativo e punição desenvolvem tais emoções, ambientes acolhedores com contingências amenas, baseados em reforçamento positivo tem como subprodutos sentimentos de satisfação e ampliam o repertório comportamental de exploração de novas situações e desenvolvem relacionamentos com maior qualidade de vida.

Encontrou-se que muitas vezes as principais influências, pessoas e ambientes que deveriam ter propiciado fontes de reforçamento positivo, como a família, os pais, a escola, conhecidos, tornaram-se estímulos aversivos para as participantes, por conta de uma história de condicionamento. Em contrapartida, observou-se também que quando havia acolhimento por parte da mãe, dos amigos, no teatro, na escola, assim como quando tinham acesso à informação, à educação, ao conhecimento, as participantes relataram se sentir mais autoconfiantes e entusiasmadas.

Por meio do comportamento verbal, a cultura determina o processo de significação e condicionamento, estipulando os modos de pensar, de descrever sentimentos e de reagir frente a eventos. Percebeu-se que há muita dificuldade em modificar atitudes e preconceitos amplamente reforçados pela comunidade verbal, mas que já houveram mudanças significativas neste caminho com o passar dos anos de acordo com os relatos. As

participantes mais jovens tiveram mais abertura para falar sobre sexualidade e vivenciar suas identidades de gênero, tiveram mais apoio dos pais e não precisaram recorrer à prostituição como fonte de renda. Porém também destacaram as dificuldades de se conseguir emprego sendo travesti ou transexual mulher, o que limita as oportunidades de crescimento profissional e econômico.

Notou-se que a maior parte das violências foram reproduzidas por homens, sejam eles os próprios pais das participantes, padrastos, tios, policiais ou desconhecidos, o que caracteriza violência de gênero, que é produzida pelo impacto das desigualdades sociais, políticas e econômicas e também pela diferenciação de papéis sociais rígidos de gênero na sociedade em que as noções culturais de virilidade e honra dos homens são supervalorizadas.

O combate à violência de gênero depende de investimentos em educação sexual emancipatória, que por meio de prevenção, propõe que a sexualidade seja vivida em sua maneira plena, ensinando autonomia e tomada de decisões responsáveis, respeito à diversidade sexual, além do questionamento de valores e modelos preconceituosos (Fazzano & Gallo, 2015).

A violência de gênero se configura como um tema de grande discussão nos dias atuais. Este trabalho ampliou a discussão da Análise do Comportamento e questões contemporâneas, porém não esgotou a necessidade de desenvolver ainda mais conhecimentos científicos para darem suporte a futuras intervenções na área.

## Referências

- Amaral, M. S., Silva, T. C., Cruz, K. O., & Toneli, M. J. F. (2014). Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 301-311.
- Aragão, C. (2015). Literatura contra Transfobia. *Capoeira: Revista de Humanidades e Letras*, 1(2), 1-5.
- Bandeira, M. (1999). Descrição de tipos de pesquisa. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - texto didático de metodologia de pesquisa).
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Boivin, R. R. (2016). Características y factores de la violencia homicida contra las minorías sexuales en la Ciudad de México, 1995-2013. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 23, 22-57.
- Bonassi, B. C., Amaral, M. S., Toneli, M. J. F., & Queiroz, M. A. (2015). Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. *Quaderns de Psicologia*, 17(3), 83-98.
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-4.
- de Carvalho, M. P., & de Rose, J. C. (2014). Understanding Racial Attitudes through the Stimulus Equivalence Paradigm. *The Psychological Record*, 64, 527-536.
- de Rose, J. C. (1999). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. In R. A. Banaco (Org.) *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista*. São Paulo: Arbytes.
- de Rose, J. C. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamental*, 24, 201-220.

- Dittrich, A., Todorov, J. C., Martone, R. C., & Lé Sénéchal-Machado, V. (2013). Agências de controle. In M. B. Moreira. (Org.). *Comportamento e práticas culturais* (pp. 137-167). 1ed. Brasília: Instituto Walden4.
- Fazzano, L. H., Gallo, A. E. (2015). Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 23, 535-545.
- Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O método de pesquisa Survey. *Revista de Administração da USP*, 3(35), 105-112.
- Garcia, M. R. V. (2011). Diversidade Sexual e situação de rua: contextos de vulnerabilidade à violência entre jovens de São Paulo. 16º Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social. Psicologia social e seus movimentos: *Textos completos do Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO*.
- Gerhardstein, K. R. (2010). *Attitudes toward transsexual people: Effects of gender and appearance*. (Dissertação de Mestrado, The College of Graduate and Professional Studies). Terre Haute, Indiana.
- Giongo, C. R., Menegotto, L. M. O., & Petters, S. (2012). Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(4), 1000-1013.
- Jesus, J. G. (2014). Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História Agora*, 16, 101-123.
- Malerbi, F. E. L., & Matos, M. A. (1992). A análise do comportamento verbal e a aquisição de repertórios autodescritivos de eventos privados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(3), 407-421.
- Matos, F. R. (2012). *Trilhas do sexo: discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás).

- Ministério da Saúde (2005). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Área Técnica de Saúde da Mulher. Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes: norma técnica*. 2ª ed. Brasília.
- Mizael, T. M., Santos, S. L., & de Rose, J. C. (2016). Contribuições da equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia*, 25, 365-377.
- Moreira, M. B., Dittrich, A., Machado, V. S., & Todorov, J. C. (2013). Planejamento da Cultura. In M. B. Moreira. (Org.). *Comportamento e Práticas Culturais* (pp.168-189). 1 ed. Brasília: Instituto Walden4.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Moreira, M. B., Ramos, G. C. C., & Todorov, J. C. (2013). Psicologia, Cultura e Problemas Sociais. In M. B. Moreira. (Org.). *Comportamento e Práticas Culturais* (pp.1-13), 1ed. Brasília: Instituto Walden4.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 49-56.
- Otero, L. M. R., Fernández, M. V. C., Fernández, M. L., & Castro, Y. R. (2015). Violencia en parejas transexuales, transgénero e intersexuales: una revisión bibliográfica. *Saúde e Sociedade*, 24(3), 914-935. doi: 10.1590/S0104-12902015134224
- Peres, W. S., & Toledo, L. G. (2011). Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Revista Psicologia Política*, 11(22), 261-277.

- Piosiadlo, L. C. M., Fonseca, R. M. G. S., Gessner, R. (2014). Subordination of gender: reflecting on the vulnerability to domestic violence against women. *Escola Anna Nery*, 18, 728-733.
- Pompermaier, H. M., Santos-Pimentel, N., & de Melo, C. M. (2016). As noções de eventos privados e da privacidade no behaviorismo radical: A questão da observabilidade circunstancialmente restrita. *Revista CES Psicología*, 9(2), 12-27.
- Santos, C. M., & Izumino, W.P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. 16, 147-164.
- Sidman, M. *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Psy, 1995.
- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 197-211.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento Humano* (11ª ed.) (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1953).
- Skinner, B. F. (1990/2010). A psicologia pode ser uma ciência da mente? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 6, 111-119.



## Apêndice A

### *Roteiro de entrevista semi-estruturada*

1. Nome
2. Idade
3. Identidade de Gênero
4. Estado Civil
5. Orientação sexual
6. Grau de escolaridade
7. Raça
8. Profissão
9. Renda em salários mínimos
10. Religião
11. Estrutura familiar: informações da família de origem, nuclear, com quem vive atualmente.
12. Dados da vida social: informações sobre amigos, locais que frequenta.
13. Dados de rotina: atividades que realiza diariamente.
14. Como foi o processo de se compreender como travesti/transsexual: quem foi a primeira pessoa a qual contou? Recebeu apoio de alguém durante este processo?
15. Experiências de violência física/ verbal / sexual/ psicológica/ econômica/ de autoridade (enquadramentos, prisões injustificadas) ao longo de sua vida?
  - a. Já sofreu discriminação (por exemplo, falta de atendimento médico)?
  - b. Se forem citados casos de violência ou discriminação: Como, quando, onde, com quem, como caracteriza o agressor, descrição do perfil do agressor (Classe social, escolaridade, raça, conhecido ou desconhecido, estava sob efeito de substâncias?). Como reagiu, o que fez após a agressão sofrida.
16. Como foi sua vida amorosa e sexual? Você teve relacionamentos desde quando, com quem?
17. Você já teve experiências com substâncias psicoativas? Se sim, de que tipo e qual frequência?
18. Já deixou de realizar determinada atividade? (ex. Ir a algum lugar) por medo de sofrer algum tipo de violência? (Que tipo de lugar, qual frequência tem evitado?)
19. O que considera importante para que não ocorra violência contra transexuais?
20. Se não houvesse classificação de gênero na sociedade, você acredita que poderia influenciar sobre a violência contra a categoria? De que forma?
21. Quais suas expectativas com relação ao futuro?

## Apêndice B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### **“Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental”**

Prezada Senhora:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa “Análise de relatos de violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental”, a ser realizada no endereço

---

O objetivo da pesquisa é “identificar as contingências mantenedoras da violência contra travestis e transexuais mulheres, segundo seus relatos”. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma:

- Participar de uma entrevista na qual responderá perguntas sobre suas experiências de vida e situações de violência. A entrevista será gravada para posterior transcrição e análise.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que as informações sobre você serão utilizadas para os fins desta pesquisa e de uma possível pesquisa futura em continuação desta, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar suas identidades. Após a utilização da gravação, os materiais serão arquivados por até dois anos, caso seja necessário acessar aos dados novamente. Transcorrido este prazo, os arquivos serão apagados.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas especificamente de sua participação. O transporte até o local onde a entrevista será realizada será de sua responsabilidade e o reembolso será realizado de acordo com o valor da passagem do transporte público.

Os benefícios esperados são coletar dados que possam contribuir para o desenvolvimento de políticas de enfrentamento contra a violência de gênero. Além disso, será ofertado atendimento psicológico posterior a participação do presente estudo para as participantes que tiverem interesse. Os riscos em ser entrevistado são mínimos, mas a decisão em participar ou não será sua, e a respeitaremos.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (Maria Beatriz Carvalho Devides, (43) 999903019, beatriz.devides@gmail.com), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à você.

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável RG: 123343484

\_\_\_\_\_ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_